



Na estrada

DM PAGER



Prólogo

Eu poderia seguir viagem aguentando crianças, sons e diferentes perfumes dentro daquele ônibus. Mas como tudo ultimamente, isso também estava contra mim, e minha única opção era segui-lo.

Samantha

Passei seis anos da minha vida baseando felicidade em um falso relacionamento. Falso porque apenas eu amei, apenas eu sonhei. Ainda consigo ter viva as imagens em minha cabeça martelando. Acho que uma semana era o suficiente para ter isso apagado do meu sistema, mas ainda estava lá. Beatriz, minha ex-melhor amiga, madrinha de casamento, confidente, quase irmã. A pessoa que mais confiava depois de meu pai, ela foi pivô de tudo. Enquanto eu polia seu altar, ela cuspiu nas minhas costas, dizem que decepção não mata, talvez a pessoa que disse isso não chegou ao fundo poço.

Passei a última semana isolada em meu quarto encarando caixas e mais caixas de presentes caros, pessoas que assim como eu, acreditava que todo esse teatro de humor negro fosse seguir adiante. Pensei seriamente em devolvê-los, quase uma hora pensando nisso até decidir. Ligar e pedi-los para buscar só seria mais uma vergonha, então resolvi mandá-los. Meu celular agora era um ser inativo, havia tanta vergonha em mim, que um buraco no chão não era o suficiente para me sentir bem.

Meu pai subia todos os dias e parava na porta do meu quarto, ele tinha medo que eu me matasse ou coisa parecida. Depois de virar uma caixa de antidepressivo, eu também ficaria com medo. Mas foi idiotice, e tudo o que o médico me liberou foi calmante, um antes de dormir. Estava tomando três para o efeito durar mais tempo.

Só estava me sentindo a pessoa mais idiota do mundo. Nada além disso.

–Sam? –Ouvi sua voz abafada contra minha porta. –Está tudo bem?

Encarei as caixas organizadas em um canto do quarto. O que restou do meu vestido, a lista com os endereços.

–Estou. –Não sei como consegui falar. –Estou bem pai.

–Certeza?

Não, mas eu queria estar. Ele não disse mais nada quando não ouviu minha resposta, ele voltaria mais tarde, encararia a porta e esperaria minha crise histérica passar. Durante vinte e quatro horas desejei colocar para fora tudo o que estava engasgado, queria olhar na cara da pessoa que mais confiei e gritar tudo o que queria. Saber por quanto tempo fui traída? Por que? Como? Eram tantas perguntas que me sufocavam. No fim eu não tinha certeza se queria realmente ter todas as respostas, já não era demais passar pelo que estou passando?

–Que bom que está comendo querida. –Encarei meu prato. –Seu pai está feliz por isso.

Estava tentando não falar muito, mas a senhora Dora, a vizinha da frente era sempre muito generosa com todos nós. Ela gostava do meu pai, de alguma maneira, ela cuidaria dele.

–Mande a última caixa essa manhã...

–Obrigada. –Falei. –Você está sendo muito gentil...obrigada por fazer companhia para ele. Sei que ando falhando e ...

–Tudo bem, querida. Todos nós te entendemos, estaria do mesmo jeito.

Que bom saber que meu estado não era um exagero. Depois de três colheradas decretei que era o suficiente para não desmaiar nas próximas quatro

horas e me retirei da mesa. Meu quarto agora estava vazio, se não fosse pela cama e a cômoda, ele seria um cômodo deserto. A maioria das coisas novas estavam no apartamento que escolhemos meses atrás. Isso não me importava mais.

Minha mala estava parada ao lado da porta, mas parecia grande demais. Então a desfiz, cinco vezes antes de pegar uma mochila velha que usei no colegial que mais parecia uma daquelas mochilas de camping, então coloquei algumas peças de roupa variando entre frio e calor. Até ter todos os compartimentos preenchidos.

–Vamos lá.

...

Por alguns segundos pensei em desistir e continuar na cama quando encarei o relógio marcando cinco da manhã. Mas sabia que me arrependeria quando a suposta adrenalina passasse – adrenalina era o nome que dei a todo o ódio que estava sentindo na segunda semana pós zumbi. Me arrastei até o banheiro antes de passar no quarto do meu pai e vê-lo roncar. Esperava não lhe causar um ataque do coração quando não me encontrasse, então tomei um longo banho e me troquei ali mesmo no nosso apertado banheiro.

Não queria me dar tempo para um café da manhã, queria dispensar tudo que parecia confortável por ora, qualquer coisa no momento me levaria a desistir. Eu não estava fugindo, estava me dando um tempo. Talvez longe eu conseguiria pensar melhor, tentaria viver alguns planos que deixei para brincar de princesa da Disney. Precisei de poucos minutos para deixar um bilhete explicando que estaria fora e que voltaria uma hora. Em vão, mas ele entenderia.

Enfiei algumas barras de cereal na mochila, remédios – sempre –, água, chaves e sai antes que o dia ousasse me dar bom dia. Senti o envelope em minhas mãos suarem, isso quase me fez sentir vingada, ou, pelo menos, a ilusão disso. O dinheiro havia sido um presente de Beatriz, ouvi Dave me mandar gastá-lo com consciência, estou gastando. Me mantendo bem longe deles, evitando um duplo homicídio. Usando o maldito dinheiro com consciência.

Eu não sabia para onde ir, nunca viajei sozinha, em parte pelo medo de me perder, por meu pai não confiar. Agora eu sabia o quanto isso estava me prejudicando. Enfrentei uma pequena fila até o caixa segurando um mapa, não havia lugares que eu queria conhecer. Mas havia alguém que eu queria conhecer, sabia que poderia ser mais uma decepção ou não.

Depois de me decidir entre pegar um ônibus direto ou fazer escalas, segui para o banco de espera onde mais umas trinta pessoas esperavam o ônibus sair. Aguentei numa boa, crianças correndo as sete da manhã com a animo que não tenho nem as dez da manhã. Ou o bebê no colo da mãe atrás de mim fazendo birra por um motivo não anunciado. Eu não estava fugindo, era tudo o que dizia a mim mesma.

As oito da manhã matando qualquer e toda expectativa que tive para sair mais cedo, nosso ônibus entrou na garagem e a fila se formou. Carregava apenas minha mochila, não precisei enfrentar uma segunda fila para guardar minhas coisas, o ônibus estava quente, cheirava a naftalina e desinfetante de eucalipto. De alguma maneira os dois produtos tentavam combater o cheiro impregnado de banheiro, vômito e suor.

Encarei minhas opções de lugares antes de seguir para o fundo, três bancos antes do banheiro, era como estar entre o céu e o inferno. Nem muita bagunça na frente, nem uma intoxicação pelo uso exagerado que se alastraria no banheiro após sairmos dali.

Aos poucos os lugares começaram a serem ocupados, o falatório veio junto com sotaques de todos os tipos. Coloquei os fones, puxei a cortina – um luxo para aquilo – e fechei os olhos, torcia para não ter ninguém inconveniente ao meu lado.

Sentia minha respiração se acalmar conforme uma nova música começava. Só tive a certeza que havia alguém do meu lado quando passamos por uma lombada e precisei abrir os olhos. Uma mulher loira e mal-encarada retocava seu batom vermelho, ela mal olhou para o lado para ver se havia alguém lhe fazendo companhia. Queria saber onde apertava para agradecer. O silêncio se formou e a ficha caiu. Estava me aventurando pela primeira vez sem ter alguém no meu ouvido me dizendo o quão isso tudo era loucura ou ridículo.

Nunca pensei que conseguiria dormir tranquilamente em um ônibus, mas eu dormi. Acordei com o sol batendo em meu rosto, mas eu havia fechado a cortina e ... a loira. Ela estava roncando a meu lado com o batom borrado. Ela não se importava muito em pegar um câncer de pele com o sol forte que estava, mas eu me importava. Peguei o protetor na bolsa me mexendo mecanicamente e espalhando em meu rosto e braços, as pessoas nos bancos da frente começaram a falar, latas e sacos de salgadinhos eram abertas. Um grande piquenique no ônibus, o cheiro de queijo guardado em meias chegou até nós. *Que ninguém vomite aqui*, foi tudo o que pedi.

Quase meio dia, meu estomago deu uma reviravolta e segurei a vontade de colocar as barras de cereal para fora. Eu havia acabado de enojar o cara que havia passado mais de vinte minutos no pequeno metro quadrado atrás de nós, eu não poderia ser a próxima a ser enojada ali. Fechei os olhos e recoloquei os fones, estava começando a me depreciar, isso era um péssimo sinal.

Senti os cantos dos meus olhos molhados e pisquei tentando seca-los, mas parecia que isso só estava piorando. Então a primeira lagrima desceu e deixei um palavrão escapar alto demais graças ao maldito filtro em meu cérebro e o fone de ouvido alto demais. A loira me encarou com a expressão mais fechada do que eu poderia imaginar ser possível. Minhas mãos tremulas, abri o pequeno bolso na lateral da mochila fazendo mais uma manobra mecânica pegando a cartela dos comprimidos mágicos no fundo do bolso. Estalei dois comprimidos na mão e os virei na boca a seco, fiz todo o ritual para recolar a mochila entre um pequeno espaço sob meus pés até beber água. Meu coração perdeu uma batida antes de voltar a sua forma regular.

Agora eu não me importava de chorar, pelo menos estaria anestesiada para me importar. E puxei a maldita cortina para me proteger do sol.

Quando abri os olhos não havia mais calor, mesmo meus braços estando suados, não havia calor. Abri a cortina e me deparei com o céu escuro. Meu celular havia descarregado e antes que eu pudesse xingar o rádio de alguém em algum lugar ali dentro, anunciou que eram nove da noite. Dormi demais, a loira se assustou com meu movimento e seu olhar era um pouco assustado, como se estivesse surpresa por me ver acordada. Eu não morri, era o que eu queria dizer.

Meu estomago roncou, abri mais três barras de cereais e me encolhi abraçando minhas pernas. Perdi uma parada, perdi um banho e uma comida de verdade – tomar apenas um comprimido, era o plano agora.

Encarei o logo da Subway desejando apenas uma parada uma hora depois, mas nosso ônibus passou direto. Estava enjoada de novo, o cheiro do ônibus mais a gasolina e aquela fumaça que saia de vez em quando estava fazendo um belo estrago em meu estomago. Mas resisti a vontade de me levantar e vomitar ali. Sem música, sem sono e com fome. Apenas desliguei meu cérebro, falando sozinha em meus próprios pensamentos. Esperava ansiosa pela manhã, era a parada que tínhamos para o café.

Não dormi, mas me embalei no zumbido do mesmo rádio que havia me anunciado as horas, passei tanto tempo encarando as estrelas que elas se escureceram em minhas vistas até tornar-se tudo negro. Sonhar acordado, era a primeira vez que eu tinha essa coisa e não foi ruim. Alguém exagerado atrás de nós se espreguiçou e isso fez com que a maioria se desse conta do céu azul claro surgindo os poucos. Dessa vez sem horas para serem informadas. Alguns bons quilômetros depois, e um sol radiante, a movimentação nos corredores estreito começou a surgir. A loira se levantou, foi até o banheiro e voltou com o batom mais forte que da última vez que o vi. Não se sentou novamente, ficou em pé como alguns gatos pingados.

Entremos em uma rodoviária, não era minha parada ainda segundo o bilhete que tinha em mãos. Coloquei a mochila nas costas quando a última pessoa da última cadeira passou por mim, queria ser a última a sair. Ouvi o motorista avisar que tínhamos quinze minutos e engoli minha indignidade, ela havia sido aplacada pelos olhares de duas garotas que esperavam no lado de fora por alguém que não me interessava. A loira mais platinada juntou as sobrancelhas grossas e escuras – o que não a deixava diferente de um palhaço –, cochichou para mais baixinha com traços orientais algo muito provavelmente sobre mim. Eu sabia que precisava de um banho, mais pelas minhas necessidades mesmo, mas isso não era e não deveria ser o motivo para o cochicho.

Passei por elas desejando ter o mínimo de coragem em mim, me virar e perguntar o motivo dos olhares, como... Beatriz fazia. Mas eu nunca tive

coragem nem para matar uma barata, quanto mais encarar alguém.

O banheiro era enorme, um pouco sujo – mas melhor que um de beira de estrada –, barulho de chuveiro começou a ser ouvido e outra fila se formou com garotas, crianças e senhoras agarradas a toalhas e coisas inúteis para um banho de no máximo cinco minutos. Encarei a fila até perceber que não tinha escolha, quinze minutos e teria que abrir mão de algumas coisas, tipo comer.

Quando chegou a minha vez, tirei a roupa o mais rápido que pude e me enfiei embaixo do chuveiro enganada pela água cristalina. Estava fria, soltei um leve gritinho ao sentir o gelo se chocar contra minhas costas. Entre pulinhos e entra e sai, consegui tomar um banho ouvindo algumas reclamações pela demora. Assim que sai, só tive tempo de me encarar por dois segundos no espelho e prender o cabelo em coque alto – mais um pouco e eu não sairia dali pelo meu estado catastrófico.

Segui um pequeno fluxo até o lado sul da rodoviária onde achei uma padaria, mais fila. Estava começando a odiar filas. Como um truque de mestre, enchi minha pequena cesta com pães e sucos em formas únicas e pedi informação em um caixa que tinha uma placa de "abriremos em dez minutos", eu não tinha dez minutos para esperar então fui a mais simpática possível com a garota a ponto dela dar uma olhada para o espaço e enrugar a testa até abrir um sorriso e dizer: – vou quebrar seu galho e deixa-la passar aqui, a fila ali esta grande.

Meu sorriso devia estar maior que o do gato da Alice, encontrei a dupla que adorou me observar quando voltei ao ônibus tendo como boas-vindas um motorista irritado pela demora. A loira ainda não havia voltado, me ajeitei melhor na cadeira e puxei a divisória que passou toda a vigem escondida entre nós. Minha fome estava me matando e bebi em tempo recorde uma garrafa de suco de laranja, não sei se respirei no processo. Apenas aquietei meu estomago. Estava terminando meu brioche quando a loira se sentou a meu lado com um maldito saco de bolinhas de queijo. Eu juro que vomitaria nela se ela não parasse de abrir e fechar aquele pacote.

Me virei de costas a ela abraçando meus joelhos e encarando a estrada, algum congestionamento, meia hora de espera depois de um acidente logo a

frente, um carro da polícia tentando ultrapassar com a sirene alta sendo seguida por uma ambulância. Era essa a diferença entre um ônibus e um avião, você morre de dor no corpo, mas não morre de tédio. Tem sempre algo acontecendo, bom ou ruim.

Tentei de maneira inútil dar vida ao meu celular, mas ele não ligava, e quando ligou desligou no mesmo segundo. Próxima prioridade: usar meus quinze minutos recarregando meu celular.

O terceiro dia de estrada estava se aproximando quando a noite caiu, nosso ônibus deu alguns problemas no caminho e precisamos parar algumas vezes. Não me importava, as pessoas saíam enquanto eu conseguia respirar um ar que não fosse um cheirando a comida. Tomei um comprimido decidida a dormir o resto da noite.

Pela manhã, aproveitei a manutenção do ônibus para recarregar meu celular pelo menos um pouco na loja de conveniência. Usei o telefone público para ligar para casa, era terça-feira, dia do jogo de xadrez. Se meu pai não estava em casa, era porque provavelmente não estava tão preocupado assim, ele confiou em mim dessa vez. Mesmo assim deixei uma mensagem avisando que não tentei nenhum suicídio fora da cidade.

Voltar ao ônibus já estava no seu modo automático, paramos mais uma vez duas horas depois para a parada "normal", tomei um banho dessa vez o banheiro não estava lotado, talvez seja porque o banheiro não devia ser chamado de banheiro e a água não deveria vir de muito longe de um esgoto. Tentei contar o dinheiro, mas não consegui, tinha a leve impressão de que estava sendo observada. Mais algumas horas, então veio a noite, com o atraso e todas as paradas eu havia perdido meu ônibus de escala por algumas horas consideráveis.

Tentaria pensar em alguma coisa para fazer assim que chegasse na rodoviária, um reembolso talvez.

Samantha

"Ela não está aqui, podemos ser rápidos, essa é nossa última vez..." ouvi as vozes vindo do quarto de Beatriz, cedi meu antigo quarto quando a chamei para me ajudar no grande dia.

"Alguém pode nos ver Dave, isso é perigoso e é seu casamento. Você está atrasado..." Dave? Tentei colocar os pensamentos no lugar, ele deveria estar na igreja me esperando como combinado.

A raiva fluiu dos meus poros quando abri a porta e vi a cena que nunca esperava presenciar na vida. Minha melhor amiga e o homem que estava prestes a jurar amar eternamente juntos, na minha cama. No meu quarto! Uma parte de mim queria sair chorando, a outra simplesmente queria ver sangue, como se isso fosse diminuir alguma coisa.

Não sei como me acharam, se gritei, se chorei alto demais, se fiz alguma coisa. De repente Beatriz estava no chão, meu vestido estava rasgado e tudo o que queria era matar Dave Wilson. Ele veio em minha direção me causando repulsa fazendo meu estomago se embrulhar.

Abri os olhos e estava sozinha no ônibus, uma linha de suor desceu por minha nuca me assustando. Era só o mesmo pesadelo de sempre, levantei o corpo só um pouco para saber que estava realmente sozinha, estiquei as pernas e peguei minha mochila. Alguém havia bebido ali dentro e era bem capaz de causar uma fusão com o banheiro e explodir tudo. Coloquei meus óculos de sol e encarei as pessoas sentadas na sombra do ônibus enquanto o motorista falava com alguém ao celular.

Ouvi as pessoas reclamando. Atravessei o asfalto até o posto de gasolina, precisava comer alguma coisa. Uma placa para pegar senha era só o cumulo de tudo isso.

–Também acha desnecessário? –Encarei o braço que se esticou a minha frente puxando o pequeno papel amarelado.

–Para um lugar que esta as moscas? Totalmente.

O encarei.

–Alex. –Estendeu a mão.

–Samantha, pode me chamar de Sam.

O segui para loja de conveniência, parecia um fim de papo. Mas ele me deixou entrar primeiro, e como havia dito, as moscas.

–Passou todo esse tempo dentro daquele ônibus? – Perguntou se afastando.

O encarei.

–Como sabe que eu estava lá? –Peguei uma cesta.

–Vi cada pessoa lá fora a três horas saindo daquele ônibus. Menos você, então presumo que estava lá ou não está com eles.

Suspirei.

–Eu estava dormindo.

Ergueu a sobrancelha antes de enfiar alguns pacotes de Cheetos na cesta e segui para geladeira que provavelmente nos daria refrigerantes quentes.

–Muito tempo na estrada?

–Três dias e meio. –Falei encarando o celular. –Uma escala perdida e provavelmente meu dinheiro também.

–Para onde?

Me apoiei no balcão batendo na campainha.

–Não te conheço, não vou te dizer. – Suspirei.

–Você está certa. –Sorriu. Alex era alto e um pouco forte.

Não era algo exagerado, não parecia um rato de academia. Estava mais para um social de academia, com suas belas formas claro, mas nada exagerado como se tivesse um outro corpo se empurrando para fora. Seu estilo chinelo de dedo, bermuda e camiseta lhe dava um ar de liberdade no olhar. Vi sua cabeça mover de um lado a outro procurando alguma coisa na prateleira até voltar algum tempo depois.

–Ainda aqui? – Brincou.

–É, eu acho que podemos levar isso de graça.

–Ou precisamos usar o cartão de credito. –Apontou a máquina.

Beleza.

–Sem cartão de credito? –Me encarou.

–Dinheiro. –Não usaria meu cartão agora. Ele era um caso de emergência.

–Vou quebrar seu galho.

–Não precisa. –Coloquei a cesta no balcão me afastando. –Não estou

com fome mesmo.

–Você me pagar agora com seu dinheiro. Vai ser a mesma coisa. –Falou des preocupado passando minhas coisas na máquina.

Deixei a porta se bater voltando alguns passos e abrindo minha mochila. Ele continuava a passar minhas coisas e até as guardou em uma sacola frágil, abriu um meio sorriso a estendo a mim.

–Obrigada.

–Sem problemas.

Contei o dinheiro antes de entrega-lo.

–Não se deve andar por aí com tanto dinheiro assim.

–Desculpa, roubei um banco e não me deram um envelope maior.

Alex sorriu abraçando sua sacola e abrindo a porta para mim.

–Está no ônibus?

Negou apontando ao Mini Cooper reluzente sendo cuidado por dois mecânicos.

–Bonito carro.

–Obrigado. –Sorriu.

Uma pequena briga começou, fiquei de longe assistindo.

–Acho que isso vai demorar. –Comentou.

–Eu tenho certeza que vai.

Colocou a mão no bolso tirando um papel duro e quadrado me entregando. Era seu documento, provando que ele realmente era um rato de academia social.

–O que foi? –Perguntei.

–Pode me dizer agora para onde está indo.

Bufei o entregando seu documento.

–Atravessando o país para ver minha mãe.

–Pretende chegar quando?

–Não tenho uma data, queria uma viagem mais longa para pensar. –
Coloquei meus óculos.

–Má ideia?

Provavelmente.

–Tudo ultimamente está ruim mesmo. E você, para onde está indo?

–Lugar nenhum. – Fez uma careta.

–Está gastando gasolina atoa?

–Por uma boa causa. –Tentou sorrir. –Eu posso atravessar o país. –Falou.
–Se quiser uma carona, posso te deixar na próxima rodoviária.

–Não é muito saudável dar carona as pessoas assim.

O vi cruzar os braços e assistir a briga.

—Certo, isso é um não. Espero que tenha uma boa viagem, Sam.

O vi se afastar indo em direção ao seu carro enquanto meus companheiros ainda brigavam pelo ônibus. Uma senhora passou por mim com duas garotinhas, segurava uma toalha. Banho, ali devia ter algum chuveiro. As segui depois de alguns metros, o banheiro ficava nos fundos do posto, o chão estava preto de barro e pagadas de sapatos. Ouvi uma das meninas reclamando que estava muito fria e a senhora manda-la parar de reclamar.

Esperei mais ou menos dez minutos até ser minha vez, quando as vi sair.

Realmente a água estava um gelo, mas não fazia a mínima ideia de quando teríamos outra parada tão próximo. Prendi o cabelo e entrei, regra da água fria, primeiro um pé depois o outro, depois o corpo e alguns gritinhos para aplacar a sensação de estar sendo congelada viva. Não demorei muito, conferi se minha depilação estava em dia, e se meu desodorante estava confiante para mais algumas horas sem uma higiene necessária. Juntei tudo dentro da mochila e contando os passos para não escorregar, sai do banheiro.

Primero achei que estava tendo uma alucinação, depois tive a certeza de que não estava. Meu ônibus não estava mais ali, parado a alguns metros. Nem tinha crianças chorando ou gritando, nem brigas. Droga! Corri até a loja do posto, Alex ainda estava lá. Me encarou surpreso.

—Você não...

—O ônibus...—Apontei para o lado de fora.

—Saíram tem uns três minutos. —Um baixinho sujo de graxa avisou.

Segurei a cabeça por alguns segundos. Eu havia perdido o ônibus, por que? Alex terminou sua conversa e se virou a mim.

–Minha carona ainda está de pé. Não aconselho ficar aqui no meio do nada esperando outro ônibus, o que é quase impossível.

Alex não fazia o tipo de cara que te secava. Em nenhum momento ele pareceu me secar, nem falava coisas em duplo sentido. Até seu olhar era diferente, era como se eu fosse um amigo e na pior das hipóteses uma criança.

–Eu vou aceitar, só porque perdi meu ônibus.

O seguiu até o Mini Cooper reluzente, ele abriu a porta para que eu pudesse entrar. Acenou aos seus amigos do posto antes de abrir a porta dele e entrar. O carro cheirava melhor que o ônibus, era até maldade comparar porque qualquer coisa cheiraria melhor que aquele ônibus.

–Sabe quanto tempo vamos levar até a próxima rodoviária? –Perguntei abraçando minha mochila.

Alex fez uma careta encarando a estrada.

–Uma hora no máximo. –Falou.

Ficamos em um silêncio por um tempo, queria colocar meus fones, mas não achei muito educado no momento.

–A quanto tempo está atravessando o país? –Sussurrei minha pergunta.

Ele sorriu levemente antes me encarar.

–Chuta.

–Semanas?

Negou.

–Meses?

Assentiu.

–Um mês?

–E duas semanas.

Eu não queria acreditar.

–Entre paradas para dormir em um hotel barato, tirar algumas fotos. – Sorriu. –Conhecer pessoas. Dar um jeito no carro e voltar a estrada.

–Gosta de fazer isso?

Deu de ombros, talvez não fosse algo que quisesse contar então encarei a janela e esperei que o tempo passasse. Não gostava mais tanto do silêncio, minha mente era uma maldita *vacilona*, quando menos esperava ela me surpreendia com algo que era fácil de se manipular. Bufei um pouco alto com tudo isso e vi Alex me encarar, fora breve, mas o bastante para saber que era uma problemática que ele deu carona.

Senti as lágrimas descerem lentamente pelo meu rosto, era como estar muito apertado e não conseguir chegar ao banheiro e ter todos os olhares em sua direção e você não ter como esconder. Mesmo com a brisa que vinha pela janela, eu não conseguia disfarçar. Não queria ser questionada, teria que explicar que nunca soube lidar com problemas, seja ele qual fosse. Nunca consegui me segurar, fraca. Era meu melhor adjetivo.

–O banco de trás está vago caso queira descansar.

–Tudo bem. –Tentei não vacilar ao falar.

–Não está, mas sei que quer causar uma boa impressão. Então sinta-se à vontade.

O carro não era o que podemos chamar de espaçoso graças a sua natureza, mais meu desequilíbrio consegui passar para o banco de trás. Me encolhi no banco fechando os olhos e tendo a tranquilidade de conseguir relaxar pela primeira vez em dias. Sentia o pesadelo subir pelas minhas pernas quando fechava os olhos, então os abria e tudo o que via era a mão de Alex mexendo em alguma coisa no painel.

Para piorar o clima ele ligou seu mp3 e a música soou, eu não sabia o nome, mas era deprimente o suficiente para odiá-la no momento. Mesmo assim, não coloquei meus fones, e agora nada se dizia a educação e sim porque me sentia segura estando envolvida ao clima dele – mesmo soando deprimente. Fechei meus olhos e simplesmente me deixei dormir. Eu precisava, ele não era diferente daquelas pessoas no ônibus, mesmo estando só nós dois, qualquer um poderia me fazer mal.

Era minha segunda parada em oito horas, desde o pequeno incidente na saída de Salem. Havia presenciado alguns ônibus chegando para paradas obrigatórias e as expressões eram sempre as mesmas, pessoas cansadas e estressadas em busca de um banheiro que teria de dividir com metade das outras pessoas do ônibus e com fome. Os assistia partir também, não havia pressa alguma em mim. Minha viagem não tinha uma data.

Perto das dez um dos piores ônibus que vi no dia chegou. Conhecia a frota, viajei com a minha mãe quando pequeno em um desses, estava quase virando um desses carros antigos, só faltava a exposição e de todos os passageiros que vi esses pareciam os mais estressados. Duas garotas acenaram ao me ver, não gostava de chamar atenção então preferi me afastar e inspecionar o trabalho que faziam em meu carro. Os vi se proteger do sol na sombra que os ônibus faziam e alguns ocupavam bancos enferrujados no posto – praticamente abandonado.

–Já estamos acabando. –Avisaram.

–Tudo bem. Estou ali qualquer coisa. –Apontei a loja.

Havia um pequeno caixa de senhas para comprar, como se houvesse alguma fila ali. Pensei seriamente em deixar para lá e não gastar mais nada, não era tão fácil assim achar um emprego temporário no meio da estrada. Ela estava lá, pelo seu olhar devíamos ter tido o mesmo pensamento da não necessidade de ter uma máquina de senhas. E ela concordou de maneira divertida quando lhe perguntei.

Seu semblante era cansado, se piscasse eu tinha certeza que cairia ali mesmo em um coma profundo. Ela ficou um pouco envergonhada ao dizer que esteve dentro do ônibus o tempo todo em um calor infernal, apenas dormindo. Vi metade das garotas que estavam sentada sob a sombra do ônibus parecendo ter saído de uma sauna. Ela realmente parecia bem – nesse ponto pelo menos.

Trocamos poucas palavras, não parecia ser muito aberta para ter alguma conversa ou achava que eu estava interessado em uma pegada de beira de

estrada. Deixamos a loja, ela se recusou a uma carona que foi oferecida apenas porque eu sabia que ela poderia conseguir um outro ônibus mais rápido e o dela não parecia estar em uma ótima qualidade. Até pensei em contar minha história de infância a respeito deles, mas poderia assusta-la mais. A vi pela última vez antes de voltar ao meu carro.

Aquela pequena ligação se quebrou quando seu ônibus partiu, era assim com todas as pessoas que conheci – ela não era a única que exalava simpatia, só a mais difícil de ter uma comunicação. Meu carro estava pronto para voltar a estrada quando a vi correr para a loja, ela havia tomado banho porque trocou a roupa. Usava uma bermuda jeans, chinelo de dedo e uma camisa amarela que pegou para sua pele morena clara. Vi decepção em seus olhos quando percebeu que havia perco seu ônibus e mantive minha proposta. Mesmo que ela dissesse não, eu insistiria apenas porque meus colegas não paravam de aprecia-la e ela não percebia isso.

Samantha – seu nome dançava ao ser dito – ficou entre desconfiada e alerta ao entrar em meu carro. Gostaria de dizer a ela que também já havia dado carona a outras pessoas e que ela não precisava se preocupar, mas começou um novo assunto. Durou alguns minutos até eu não conseguir lhe responder uma pergunta. Uma sombra de tristeza tomou conta de seu olhar de repente e a vi chorar. Mesmo tentando disfarçar, mais uma vez engoli a pergunta. Havia acabado de me negar a lhe responder uma pergunta, ela não responderia a minha também. Só sou um cara que lhe ofereceu uma carona em um posto abandonado.

Ofereci o banco de trás, ela aceitou, só depois de seu estado ser ressaltado. Seus olhos picavam lentamente a todo instante, até vê-los se fechar. Ela dormiu depois que liguei o rádio, esperava que gostasse pelo menos do toque da música. Ela fala enquanto dorme, na verdade ela estava muito irritada. Sua expressão era distorcida tirando toda a leveza que vi. Seus punhos se fecharam como se fosse socar alguém e ela soluçou algumas vezes. Pensei em acorda-la, ou toca-la para ver se acalmava. Mas ela parou sozinha apenas chorando baixinho.

Chegamos a rodoviária uma hora e meia depois. Ela ainda dormia, parei o carro em uma das vagas e sai para esticar as pernas. Voltei e esperei que desse algum sinal de vida, mas tudo o que fazia era respirar profundamente como se

meu banco não incomodasse, eu já dormi nele. Meu 1,88m era a prova de que não dava para dormir confortável ali, nem você tendo 1,65m que devia ser no máximo sua altura.

Vinte minutos depois ela se mexeu, abriu os olhos, encarou meu estofamento – isso me fez rir –, pensou um pouco e sentou. Seus olhos e rosto estavam levemente vermelhos e seu cabelo se soltou caindo em seu rosto.

–Droga. –Resmungou. –Me desculpe, eu acabei pegando no sono.

–Não tem problema. – Lhe dei um sorriso.

–Onde estamos? –Encarou o lado de fora pela janela.

–Rodoviária. –Falei e ela ainda me encarava. –Acabamos de entrar em Sacramento.

–Certo. –Resmungou esticando as pernas e puxando a mochila. –Acho que cheguei. Obrigada pela carona e me desculpe dormir no seu...banco.

–Vê se não perde mais nenhum ônibus. –Falei saindo junto com ela.

–Não vou e não precisa me levar até lá. – Tentou.

–Só preciso abastecer, regra da parada.

Ela corou.

–Quando pretende parar de verdade? – Me acompanhou ajustando o cabelo com os dedos finos.

–Quando arrumar um motivo para isso. Não achei ainda.

Ela ia fazer outra pergunta, mas desistiu. Nosso último adeus foi em uma

fila antes do guichê onde ela seguia para comprar sua passagem e eu ia até o banheiro e depois comprar mais comida. Estar na estrada me fazia gostar de ficar em lugares aglomerados, companhia gratuita por algumas horas ou minutos.

Alex

A observei entrar na fila, seu olhar encarando cada um que passava do seu lado a todo instante, um senhor já idoso lhe disse alguma coisa que ela fez questão de ignorar me dando a certeza de que não havia sido nada educado. Precisei dizer a mim mesmo que havia sido apenas uma carona, ela sabia se cuidar.

Banheiro masculino será sempre um inferno na terra, sendo de rodoviária era ainda pior. Não passei mais de cinco minutos ali antes de seguir para a pequena lanchonete ao lado onde todos falavam ao mesmo tempo e os preços eram absurdos. Me peguei olhando para trás e a vi saindo do meio da multidão. Respirou fundo, encarou o celular e seguiu em minha direção sem me ver realmente, eram pessoas demais ali. Me sentei em um dos bancos que rodeavam o balcão. Ela passou direto parando em um dos telefones públicos atrás de mim e ficando ali por três minutos sem sucesso em sua ligação.

–Conseguiu? –Perguntei e ela me encarou sobressaltada.

–Ainda aqui? –Perguntou.

–Tentando comer alguma coisa, mas está difícil como você mesma vê. Conseguiu seu ônibus?

Sam se aproximou se sentando no banco vago a meu lado, cruzou os dedos sob o balcão e respirou fundo antes de me encarar.

–Esqueci que faltam duas semanas para ação de graças. Todos querem viajar e passagens geralmente são compradas antecipadas nessa época. Posso conseguir um ônibus amanhã pela tarde.

Eu também havia me esquecido disso. As estradas paravam no feriado.

–Não quero pensar que ter chegado aqui foi uma péssima ideia. –Desviou o olhar.

–Por que seria?

Virou os olhos apontando para todos que ali estavam esperando.

–Isso é diversão.

Sorriu.

–Para você, um aventureiro? Algum cara que ama esportes e queria cruzar o país ou algo assim?

–Estou longe de ser um cara esportista. Pratico algumas coisas, mas nada demais. Talvez eu seja um aventureiro. Talvez. E você é uma adolescente que está fugindo de casa ou algo assim.

Ela pareceu surpresa e me encarou com um sorriso largo como se eu tivesse acabado de contar uma boa piada.

–Eu realmente gostaria de ser uma adolescente isso ajudaria muito como idade mental para o que estou fazendo. Mas não sou.

–20?

Negou.

–27.

–Não vamos exagerar,23.

–Eu ia dizer, era minha próxima.

Uma loira sorriu quando me enxergou deixando algumas pessoas para trás. Se jogou no balcão com um bloquinho em mãos.

–O que deseja?

Sam a encarava com uma expressão engraçada.

–Um coca e dois pedaços de bolo de limão.

–Certo. Volto já. – Piscou.

–Não vai perguntar o que minha amiga quer?

Ela encarou Sam por um tempo antes de abrir um sorriso forçado e lhe perguntar o que queria. Samantha negou tudo o que havia ali escondendo que estava realmente com fome.

–Ela vai querer um sanduiche natural e um suco, pode anotar.

–Alex. –Resmungou. –Não precisa.

–Olha, estou vendo a hora que você vai desmaiar do meu lado.

–Ta, e como sabe que vou desmaiar? –Perguntou erguendo uma sobrancelha.

–Geralmente pessoas morenas tendem a dar mais na cara quando estão prestes a cair duras. Você por exemplo, está com os lábios pálidos e sua pele está meio amarelada como se tivesse tomado um grande susto. –Tentei explicar. Minha vó me deu uma explicação semelhante uns anos atrás.

Samantha gargalhou.

–Sério isso?

Peguei meu celular no bolso e bati a foto antes que ela pudesse pensar.

–Prova.

–Ah meu Deus, eu estou horrível. –Puxou o aparelho da minha mão apagando a foto muito provavelmente. –Essa não sou eu. Pareço ter acabado de sair de um hospital.

–Você só precisa de um boa noite de sono e comida.

Seu sorriso diminuiu depois que se viu na foto, mulher tem a autoestima destruída com muita facilidade e isso não era muito bom. Nosso pedido chegou e ela parou de encarar a loira como havia feito em um primeiro encontro. Não houve assunto, ambos encaravam a TV sem realmente estar prestando atenção nela.

–Quer mais alguma coisa? –Perguntei quando terminou o sanduiche.

–Não obrigada.

–Se está triste pelo que viu na foto, vou te dizer que fotos mentem.

Ela sorriu.

–Obrigada.

–Estou falando sério. Você não está parecendo uma doente. – Só uma pessoa triste.

–Obrigada pela generosidade.

Algum tempo depois ela deixou uma nota de vinte na mesa e seguiu para o banheiro. A esperei voltar minutos depois, os cabelos presos em um rabo de

cavalo, calça de ginástica e uma camisa maior que ela, coisas de mulher. Também reparei na maquiagem leve que ela havia usado, mas me calei. Seria a mesma coisa que dizer que vai lhe fazer um elogio antes de fazê-lo

–Você não vai embora?

–Estava pensando aqui umas coisas. E tenho uma proposta para te fazer, mas antes isso é seu. –Coloquei o dinheiro em sua mão e a calei antes que começasse seu protesto.

–Por que está sendo tão legal comigo? Eu nem te conheço? Por que ainda está aqui?

–Desse jeito me ofende um pouco. Só estou sendo gentil, se eu quisesse te fazer algo teria feito enquanto estava dormindo e olhe, você está bem. –Mas não estou te achando muito inteligente sozinha. Sua distração me assusta, era isso.

–Me desculpe.

–Tudo bem, posso fazer minha proposta?

Assentiu.

–Estou atravessando o país. E você quer ir em algum lugar dele, eu não estou com pressa e você muito menos. Posso te levar aonde você quiser ir, e deixar em outra rodoviária ou qualquer coisa do tipo. Vai ser melhor do que gastar em passagens o que duvido muito que seu dinheiro dê, no caso seria mais inteligente uma passagem de avião, o que sairia muito mais barato.

Samantha me encarava como se eu fosse um louco. Eu realmente não tinha nenhuma segunda intenção com ela, e ela não era feia nem nada do tipo. Uma morena bonita, melhor do que a loira e muito melhor do que as duas garotas da última parada juntas. Mas não era nada físico nem sentimental, era apenas como fazer um novo amigo e gostar de falar com ele seja por quanto tempo fosse.

–E você não vai ganhar nada com isso? Presente de Natal? –Zombou, ela zombou pela primeira vez.

–Vou, isso é uma proposta.

–Certo, o que vai querer com tudo isso? Que eu te dê uma Mãozinha?

–Não, mas se ajudar na gasolina seria uma boa e muito mais produtivo. O que acha?

Samantha

Algumas garotas agem como se tudo fosse um conto de fadas, hoje em dia temos que pensar muito antes de agir. É burrice agir por impulso ou por raiva de alguma coisa. Por isso somos tão parecidos, você pensa muito e isso é bom. É a mulher perfeita para mim. Eu não sou a mulher perfeita para você, não sabia se podia realmente confiar em um estranho que conheci em poucas horas em um posto de gasolina. Mas eu queria ser irresponsável, uma vez na vida eu queria ser o contrário de tudo que ele me disse. De tudo que ouvi.

–Aceito.

Alex me encarava e me perguntei quanto tempo fiquei encarando o nada feito uma idiota antes de responder.

–O que estava pensando?

–De quantas formas isso pode me prejudicar.

Ele sorriu sem graça e se levantou pegando minha mochila um pouco pesada, fez uma careta.

–Quando quiser parar, é só avisar.

Saímos dali tendo a precisão de empurrar algumas pessoas. Ele não comentou nada sobre minha maquiagem ou a troca de roupas, na verdade não esperava vê-lo ali quando deixasse o banheiro. O plano era achar um lugar para descansar porque sentia que a qualquer momento eu realmente pareceria um zumbi saído diretamente de *The Walking Dead*.

Alex colocou minha mochila no banco de trás e abriu a porta para mim. Como se fosse familiar, me senti confortável. Era loucura pegar carona com um estranho, porem era apenas um comparado aos montes que ficariam ali até o dia

seguinte esperando seus ônibus.

–Podemos ir, não quer ir ao banheiro ou coisa assim?

–Não, podemos ir.

Prendi a respiração por quase cinco minutos antes de me sentir bem ao lado dele. Alex batucava os dedos no volante e encarava a estrada, foi assim por longos minutos. Já sentia meus olhos querendo se fechar, meu corpo querendo uma cama quente e confortável. Passei para o banco de trás e peguei o envelope com o que tinha de dinheiro contanto tudo o que tinha. Pelo menos Beatriz foi generosa, ou se sentia muito culpada por ser uma traidora. Tirei algumas notas e voltei para o banco da frente o entregando.

–Não precisa, o tanque ainda está cheio.

–Já quero pagar minha parte por pelo menos alguns quilômetros.

Sorriu de lado.

–Isso dá para rodar quase o estado todo. Pode guardar, acho que posso pedir quando eu precisar.

Ele não pegou então o guardei de volta. Mais silêncio, eu não gostava tanto do silêncio e meu celular não ia ajudar muito agora então tomei a liberdade de ligar o som. Uma das minhas músicas favoritas começou a tocar, senti à vontade aterrorizante de cantá-la, mas não podia. Não com a voz que tenho, então os batiques de dedos no volante se transformaram em um sussurro baixo, Alex começou a sussurrar minha música, mas ao contrário de mim ele sabia cantá-la sem parecer estar sendo enforcado.

–Gosta? –Perguntou.

–Full Moon é uma das minhas músicas favoritas.

–Eu gosto. –Voltou a encarar a estrada. –Seu gosto é bem diferente.

–Já me falaram isso, minhas músicas vão de depressivas a totalmente depressivas. Ou aquela bem antigas onde as letras conseguiam realmente dizer alguma coisa.

Sorriu.

–Além de The Black Ghosts, qual é sua banda, cantores favoritos?

Essa era fácil: – Oasis, The Paper Kites, Blue Foundation, Likki Li entre outras que talvez você não tenha escutado, mas que são ótimas.

Alex fez uma careta.

–Parecem boas, mas pensei que diria coisas como: Beyonce, Lady Gaga, Katy Perri essas cantoras que todo mundo idolatra, você sabe.

–Devo ter alguma música delas em meu celular. Eu tenho um gosto musical, mas não ignoro os demais. São ótimas cantoras também, bom, também curto Eminem.

Ouvi sua risada escapar divertida antes de me encarar. Tá legal, eu jamais conseguiria acompanhar Eminem em uma música e nem tento porque estarei no começo e ele no fim, mas gosto de suas músicas e de toda a sua forma de revolta.

–Eminem? Quem mais?

–Talvez Lil Wayne.

–Está falando sério?

–O gosto é livre.

–Vou anotar isso.

–E você?

Suspirou pensativo.

–Gosto de quase tudo, o que estiver passando eu estou ouvindo. Mas gosto de músicas dançantes.

–Balada?

–Também. Minha mãe tinha uma academia, lá tinha aula de danças e acredite, você pode dançar até uma música depressiva. Eu não tive tempo de escolher um gosto musical crescendo ouvindo de tudo.

–Um favorito?

–O cara que não morreu e o rei do pop.

Elvis e Michael.

–Meu pai ouvia os discos desses caras todos os dias até se cansar.

–E você não enjoou?

–Não enjoamos de música boa. –Sorriu de lado. –Eles são bons.

Voltamos a ficar em silêncio, e desliguei o som algumas horas depois. Alex perguntou se eu queria parar para comer alguma coisa, mas meu estomago estava diferente de quando estava no ônibus, parecia mais sossegado em relação a isso. Ele insistiu mais um pouco, mas bati o pé e ele descobriu o quanto sou difícil de voltar atrás com minha palavra.

Eram quase cinco da tarde quando paramos de verdade, Alex queria tomar um banho e descansar um pouco as pernas, se ele me deixasse dirigir eu faria numa boa. Mas ele poderia ser um desses caras que ama seu carro a ponto de não deixar a pessoa ultrapassar a lei do banco do carona. Estávamos em uma loja de conveniência melhor do que todas que já havia parado, tinha ar condicionado, pessoas normais e comida que não parecia te fazer ir ao banheiro nas horas seguintes nem enfiar a cabeça em um saco plástico colocando seu estomago para fora.

–Vou tomar um banho, qualquer coisa grita.

Sorri.

–Pode deixar.

–Não demoro. –Acenou ao rapaz no balcão que entendeu e em segundos veio em minha direção.

Obrigada Alex.

–O que vai querer? Temos sanduiche natural, alguns assados, torta, nosso bolo de pêssego é o mais pedido da casa.

–Um suco de laranja e um sanduiche natural feito na hora, sem cebola e maionese. –Ele anotou o pedido.

–Alguma sobremesa?

–Não obrigada.

Meu pai sempre dizia: *peça algo assado, as bactérias não resistem ao calor*. Isso era meio deprimente, mas ele tinha certa razão. Eu acho. Alex voltou pouco depois do meu pedido chegar, usava uma bermuda xadrez, chinelo de dedo e cheirava a colônia. Dessas que onde você passa deixa seu cheiro instalado.

–Demorei?

–Algumas mordidas no meu sanduiche. –Falei.

–Assados é sempre bom...

–Você também? Meu pai falava isso, assados são sempre mais confiantes como se as bactérias fosse morrer queimadas.

Ele sorriu.

–Se eu passar mal, me deixe em um hospital. Apenas isso.

Alex chamou o mesmo garoto que havia me atendido e foi comprado pela propaganda do bolo de pêssego. Estava ainda na metade do meu sanduiche quando acabou seu bolo que não era pequeno, foi um enorme pedaço de bolo de pêssego. Sem arrotos ou coisa selvagem que os caras costumam fazer. Eu paguei a conta dessa vez, iríamos brigar, mas eu paguei.

–Você devia experimentar esse bolo, é sério. É bom mesmo.

–Estou cheia. E precisamos voltar a estrada.

–Com pressa?

Neguei.

As oito da noite estava deitada no banco de trás sentindo o movimento do carro me levar a inconsciência aos poucos. A música tocando ao fundo, pensei mais uma vez em oferecer ajuda para dirigir pelo menos alguns quilômetros, mas Alex estava bem desperto e não, ele não me deixaria dirigir. Estávamos saindo ou talvez no meio de Eugene, ou talvez Califórnia. Perguntaria isso mais tarde.

Acordei com Alex me encarando, ainda estava escuro, minha cabeça estava doendo e eu tinha certeza que chorei feito um bebê. Porque eu sonhei de novo, isso já estava ficando cansativo.

–Tudo bem?

Assenti me sentando e afastando o cabelo colado em meu rosto.

–Onde estamos?

–Em algum lugar da Califórnia, também dormi. –Falou ainda me encarando. –Tem certeza de que está bem?

–Estou.

–Ainda é cedo, porque não tenta voltar a dormir?

Porque eu não conseguiria mais.

–Estou bem.

–Quer falar sobre isso?

Neguei. Alex voltou a se recostar em seu banco, consegui achar minha mochila embaixo do banco e pegar meu calmante, apenas um dessa vez. Fiquei encarando o teto ouvindo as cigarras cantar em algum lugar. Eu não sabia se Alex estava dormindo ou se voltaria a dormir, então passei para o banco da frente, seus olhos se abriram.

–Eu também tenho pesadelos de vez em quando. –Sussurrou.

–Como lida com isso?

–Eu não lido, geralmente tento não leva-lo para minha realidade.

O encarei.

–O que são seus sonhos?

–Vai falar dos seus? – Me encarou seus olhos brilhando.

–Se você falar o seu.

Alex se afundou no banco e encarou a estrada escura.

–Minha esposa morreu tem um ano, em um acidente de carro. –Suspirou.
–Ela estava em algum lugar do Kansas em um telefone público, ela era bailarina. Havia ganhado em primeiro lugar em uma competição, estava bem animada aquele dia. –Sorriu, havia orgulho em seu sorriso. –Tudo o que ouvi depois do "eu te amo", foi o som de pneu e um estrondo muito alto. Fiquei dez minutos com o celular colado no ouvido esperando que ela voltasse a falar. –Me encarou.
–Ela nunca falou. Esse é o meu pesadelo, eu não vi, mas em sonhos...em sonhos eu consigo ver e pior do que ver é imaginar. Nossa mente é mais perigosa do que aparenta ser.

–Quantos anos tem?

–Vinte e sete. Eu sei, casei um pouco cedo demais, mas você não se importa muito com isso quando se está apaixonado.

–Eu sei. Por que resolveu cair na estrada?

Alex se espreguiçou antes de voltar a cruzar os braços e suspirar.

–Na semana seguinte faríamos isso, cairíamos na estrada como dois adolescentes. Era uma vontade minha que ela admirava. Não importava o quão longe eu fosse, ela queria ir. Fizemos alguns planos, traçamos trajetos, lugares que poderíamos conhecer. Ela tinha suas anotações e eu tinha as minhas. O pai dela me entregou junto com as coisas dela, o sonho adormeceu. Até que em uma

manhã eu acordei sem pesadelos, coloquei tudo o que precisava em minha mochila, pedi demissão na empresa em que trabalhava, peguei meu carro de volta e cai na estrada. Sem data para voltar, sem pressa para chegar a lugar algum.

–Está fazendo isso por ela?

–Não. Estou fazendo isso por mim, o fato de Joyce ter morrido, não quer dizer que eu precise morrer também. Ela não gostaria disso, você não viver. Ela vivia, era a pessoa mais incrível que eu já conheci. Tinha o olhar mais inocente e os conselhos mais certos. –Sorriu de olhos fechados. –Eu daria minha vida por aquele olhar novamente.

Eu estava chorando como uma idiota, porque minha vida foi um fracasso. Invejável poderia dizer que sentia uma pontinha dela naquele momento. Entendi seu silêncio como um: me diga o seu agora. Mas eu não disse, apenas sussurrei um sinto muito e voltei ao banco de trás. Alex não me exigiu nada, mas era só o nosso primeiro dia.

Ela voltou a dormir, eu sabia que era mais por eu estar esperando uma explicação a respeito do seu pesadelo. Em parte, ela não queria falar realmente, as mulheres são bem difíceis de entender. Depois que falei de Joyce eu não consegui dormir então peguei a estrada novamente, estávamos a alguns quilômetros dentro da Califórnia, não prestei atenção nas placas.

As oito da manhã a vi se mexer, abrir os olhos e encarar o teto. Pensei em lhe oferecer um café da manhã, mas optei por seguir na pista sem entrar em nenhum bairro. Uma cafeteria seria uma boa, nada de loja de conveniência. Sam se sentou e ajeitou o cabelo com os dedos. Foi a primeira vez que percebi nela de verdade, ela era delicada e parecia frágil. Alguma coisa muito ruim devia ter acontecido porque não era sempre que ela conseguia usar a máscara do "tudo bem".

–Bom dia. –Falei.

–Bom dia. Que horas são?

–Oito e alguma coisa.

Tentou se espreguiçar, mas desistiu ao sentir as costas, meu banco era bom, mas não o suficiente para um boa noite de sono.

–Está com fome?

–Muita. Onde estamos? – Piscou.

–Em algum lugar da Califórnia. –Entrei em acesso a uma cidade com uma placa virada de cabeça para baixo.

Sam se aproximou da janela e encostou a cabeça na mesma. Seus olhos piscaram algumas vezes, mas ela não voltaria a dormir, isso eu tinha certeza.

–Vamos comemorar. –Falei.

–O que? –Perguntou ainda encostada a janela.

–Nosso segundo dia como parceiros de viagem.

Sorriu, um sorriso largo que dava para ver todos os seus perfeitos dentes. Devia ter sido o mais verdadeiro que ganhei desde o nosso primeiro encontro.

–Certo.

Paramos minutos mais tarde em frente a uma enorme cafeteria, era possível sentir o cheiro do café quente e forte invadindo o carro. Sam saiu primeiro pegando a mochila e enfiando os pés no chinelo de dedo. Tranquei a porta do carro e indiquei a entrada, não era uma simples cafeteira. Era a cafeteria para duas pessoas que não parecia ter dinheiro para estar lá.

–Estão nos olhando. –Sam falou me olhando disfarçadamente.

–E o que tem?

–Não acha desconfortável? Podemos ir em outro lugar, eu não vou desmaiar de fome.

Me apoiei no balcão pegando um cardápio. A ruiva sorriu para mim entre simpática e confusa em relação de estar sorrindo para mim quando todos me achavam um cara que talvez não tivesse dinheiro para tomar café ali.

–Uma mesa livre.

Ela mexeu em seu computador antes de anunciar a mesa. No fundo do salão virado para janela. Sam ficou parada e precisei empurrá-la para sair do lugar. As pessoas ali em sua maioria eram executivos e famílias que torram dinheiro com crianças pirracentas, que serão provavelmente um estrago na sociedade no futuro. Samantha se sentou e abraçou a mochila.

–Eu devia ter deixado isso no carro.

–Relaxa, somos todos iguais fora daqui. O que vai querer?

Sam abriu o cardápio e passou um tempo só fazendo isso, já tinha feito meu pedido quando ela se decidiu.

–Torta de maçã e chá. Vai aguentar ficar em pé só com isso?

Ela encarou meu prato. Torta de frango com damasco, eu gosto. E refrigerante, para uma cafeteria de luxo eles estavam fugindo dos padrões vendendo refrigerante. Esperei seu pedido chegar para começar a comer, era uma das coisas que minha mãe me ensinou, ser sempre um cavalheiro. Samantha ainda estava desconfortável por estar ali, mas o estomago dela não entendeu isso então ela atacou sua torta. As pessoas pararam de nos encarar, não sou o tipo de cara que fala alto e se dói por tudo. Mas não aguentaria ficar quieto sem dar um discurso clichê moralista.

Dessa vez eu paguei a conta sem deixa-la reclamar, saímos levando mais alguns pedaços de torta para comer com as mãos livremente dentro do carro. Ela realmente parecia melhor do lado de fora.

–O que foi? –Perguntou depois de um tempo.

–Estou pensando.

–Em que?

Ela me fez virar o espelho para poder trocar de camiseta, apenas ouvia sua voz meio ofegante pelo movimento. Então sua perna surgiu entre os bancos e ela se sentou a meu lado.

–Bom, quando eu estava viajando sozinho eu fazia paradas para descanso. E as vezes conseguia um emprego em algum bar ou algo assim. Mas tracei rotas lucrativas.

Samantha mordeu os lábios e passou as mãos no cabelo.

–Eu estou atrapalhando essas rotas?

–Não, não é isso. Você ainda não me disse para onde está indo, então eu posso pegar a rodovia que me leve para o Nebraska ou Alabama e sair totalmente da sua rota. Não estou com pressa nenhuma, a muito tempo que não ando em companhia. Não estou pensando em mim e sim em você. Seria um susto voltar para onde você veio, não acha? – Ela cruzou as pernas e ficou cutucando as unhas.

–Nova York. –Sussurrou.

–Nova York?

Assentiu.

–Isso muda seu trajeto lucrativo? – Uma ruga se formou em sua testa.

–Podemos parar em Vegas. –Brinquei. Mas ela não sorriu. – Ta legal, noite passada eu fui legal e não exigi nada. Mas gostaria de saber o que vai fazer lá, isso não parece te deixar muito feliz.

Suspirou.

–Eu não quero achar que essa viagem é uma loucura, um ato de rebeldia.

–Por que?

–Aconteceu algumas coisas que me impulsionaram a outra pior.

–E a pior seria a viagem.

–Ela pode ser.–Me encarou.

–Por que?

Se virou para mim.

–Minha mãe foi embora quando eu tinha quatro anos, ela vivia brigando com meu pai por ele não conseguir bancar seus gostos. E ele fazia o máximo para supri-los. Um dia, a primeira e última vez ela me deixou na escola e disse que voltaria para me buscar muito em breve. A vi entrar em um carro bonito e caro e nunca mais voltar, meu pai ficou arrasado, sofreu um acidente de trabalho e precisou se aposentar cedo. Fui cuidada pelas vizinhas depois que minha avó morreu. Foi outra grande perda para ele, meu pai perdeu um pouco da visão esquerda e precisa de uma muleta para se locomover por causa da perna que ele quebrou em mil pedaços sem ser exagerada. –Respirou fundo. –Eu passei a cuidar dele depois que alcancei uma certa idade e ele superou a partida da minha mãe. Eu mesma disse a mim que havia superado, mas no fundo não era uma total verdade, eu sentia um pouco de falta dela. Sabe, você crescer sabendo que tudo o que viveu com sua mãe foram apenas quatro anos de toda sua vida? Eu prometi a ele que não a procuraria, nem em um momento importante para mim. Só que eu mudei de ideia, estou quebrando algumas regras, mais por pirraça do que por vontade. Há também uma ponta de curiosidade. Tudo o que sei é que ela mora em Nova York, não sei se casou com um milionário se tem filhos ou sei lá netos talvez. Ela pode me mandar embora, como ignorou todas as minhas cartas, ou pode ser sincera e dizer que não quer me ver. Eu não quero pensar muito nisso, mas já estou no fundo do poço não custa nada nadar um pouco. –Tentou sorrir.

Ela está indo vê-la porque disseram que ela não devia, mas quem? Não era o pai, o pai foi o primeiro citado. Ela estava indo também porque um coisa ruim aconteceu. Um passo de cada vez, ela chegaria a me contar.

–É isso.

–Eu sei que tem um primeiro motivo. –Dei partida. –Vou esperar pacientemente quando quiser me contar.

Horas depois cortamos algumas rodovias para alongar a viagem, algo me

dizia que Sam precisava de um tempo para pensar, então poderíamos acrescentar mais algumas horas ou dias a sua chegada a Nova York. Ela não disse nada por um longo tempo, e percebi que tomou mais um daqueles remédios que ela carregava na bolsa quase discretamente. Pensei em perguntar se estava tudo bem, mas não queria invadir sua privacidade. Então ela se encolhia no banco de trás e apagava por horas.

Fiz duas paradas durante seu sono, para gasolina e uma inspeção no motor que começou a roncar durante a viagem, aproveitei para ligar para casa sempre observando a manutenção do carro, afinal a deixei dormindo sozinha dentro dele. No terceiro toque Ada atendeu.

–Alex?

–Oi.

–Oh meu Deus, onde você está? Por que sumiu? Tem noção de como estou? Eu te procurei em todos os lugares, fui até em um IML atrás de você seu idiota!

Minha irmã gritou por quase vinte minutos socando a parede muito provavelmente, o som abafado de socos só podia ser feito por ela. Ao fundo ouvi o latido da Princesa. Então ela começou a chorar.

–Eu estou bem, Ada. Pare de chorar. – Pedi.

–Você me deixou sozinha. –Choramingou. –Você sempre me deixou sozinha Alex e eu odeio você. Espero que nunca mais volte.

–Você não está sozinha, tia Vera está cuidando de você e não, eu não vou sumir para sempre. Eu vou voltar.

–Você me disse isso da última vez, você quebrou toda a graça da surpresa quando foi embora! Como vou saber onde você está quando seu sobrinho nascer seu infeliz?

–Como?

–Parabéns, você vai ser titio. Pode voltar para meu casamento pelo menos? Depois te libero e você volta sete meses depois para ver seu sobrinho nascer.

Ada estava grávida? Minha irmã caçula ia ser mãe? Mas... não, ela ainda era uma menina. Uma menina de vinte anos mais resolvida que eu, mas era uma menina.

–Está aí ainda ou já fugiu de novo? – Resmungou.

–Estou aqui, só meio...

–Não diga em choque, não diga que pintou um quadro inocente da sua irmã. Por favor e nem pense em caçar o Rob. Ele está tão feliz, tanto quanto eu. Eu precisava de você aqui para me ajudar. Minha barriga já está aparecendo sabe? Eu só tenho você Alex, então não suma, sério eu não vou suportar outra perda.

–Eu não vou sumir, prometo ligar avisando onde estou e você pode me mandar fotos, eu vou ficar esperando por no máximo três dias então eu ligo antes dizendo onde vou estar. Sério isso, eu vou ser tio?

–Vai. –Choramingou. –Mais um brutamontes na família.

Um bipe avisou que nosso tempo estava acabando.

–Isso é o som do adeus. –Sussurrou.

–Não, é o som do ate logo.

–Você está bem?

–Estou.

–De verdade?

–De verdade.

Fungou.

–Eu amo você.

–Eu também te amo.

E a ligação foi cortada. Samantha estava fora do carro envolvendo o corpo com os braços, o rosto estava inchado como quem acaba de acordar e um pouco marcado pelo estofado do banco. Ela piscou algumas vezes se aproximando de mim ainda absorvendo a realidade de ter acabado de acordar. Fungou soltando os cabelos e os deixando cair em seus ombros. Seu olhar se direcionava aos dois homens cuidando do carro.

–Algun problema? – Perguntei. Ela coçou os olhos e bocejou.

–Não.

–Certeza?

Abri a porta do carro pegando meu casaco apoiado em meu banco e o entreguei a ela que aceitou. Mesmo assim parecia ainda sentir frio. Um dos homens sorriu ao nos encarar e passei o braço por seu ombro. Ela me fitou com uma sobrancelha erguida.

–Está com fome?

–Um pouco.

–Quer ir ao banheiro? Algo assim?

Assentiu. No viramos em direção a pequena loja, depois de sermos informados onde era o banheiro.

–Não demoro.

–Vou ficar te esperando. –Avisei.

Samantha tinha um segundo problema, ela não parecia confiar mesmo quando ela sabia que podia. Mas não via muitas opções no momento então ela se via obrigada a confiar em mim. Seja lá o que disseram a ela, isso a assustou. Dez minutos depois ela voltou, ainda bocejava.

–O que eles disseram? –Perguntei acompanhando seus passos.

–Nada.

–Então teve outro pesadelo?

–Por que acha isso?

–Você estava fora do carro como quem não queria ter acordado, estava assustada e desconfiada e seu olhar para aqueles caras não parecia um nada. Então você pode me falar o que aconteceu e eu não faço nada, apenas me diga. – Falei alto o bastante para ser ouvido. Ela bufou e me empurrou contra a parede depois de encara-los.

–Por favor, não brigue okay?

Ergui as mãos e ela se afastou depois de perceber o que fez.

–Eles falaram coisas.

–Certo, que coisas?

–Coisas que homens falam quando vê uma mulher.

–Eu falo várias coisas quando vejo uma mulher. Pode ser menos simplificada. – Cruzei os braços sentindo meus punhos queimando.

Passou as mãos no cabelo e encarou o chão.

–Coisas como ... gostosa. Eu pagaria para ela me... –Fechou olhos. – Você sabe, esses pensamentos soltos de homens. – Balançou as mãos.

Os encarei sorrindo de alguma piada interna e me virei para ela. Sam estava corando levemente e sua expressão era torcida entre envergonhada e irritada.

–Eu saí do carro porque não te vi e não queria trancar as portas, mostraria que tinha escutado.

–Eles apenas falaram?

–Sim, claro. Eu saí logo em seguida.

Dei um passo e ela segurou meu braço.

–Eles só falaram. Nem sabem que eu ouvi, então ...

–Eu dei minha palavra, não dei? – Mesmo querendo ir lá e socar os dois até sangrar. Eu havia dado minha palavra.

A acompanhei de volta a loja, mas ela optou por apenas ir embora ao invés de pegar algo. Fiz o máximo de esforço para apenas minha cara de poucos amigos assustar os dois idiotas que prestaram seus serviços avisando que paguei ao gerente pelo mesmo. Sam entrou no carro primeiro e encarou o painel como

um ponto fixo. Soltou a respiração quando entrei no carro e dei partida.

–Pode voltar a dormir se quiser. –Avisei.

–Não estou mais com sono, acho que aguento atravessar dois estados sem dormir. –Sorriu de lado. Fechou os olhos e encostou a cabeça no vidro. – Você ia bater neles se eu não tivesse dito para não fazer isso?

A fitei, essa era fácil.

–Muito provavelmente. O que me impediu foi minha palavra, cumpro as palavras que dou.

Ela sorriu um pouco mais largo agora.

–Obrigada.

Alguns quilômetros depois encontramos uma Subway vinte e quatro horas, fiz meu pedido, pão trinta centímetros completo. Ela ficou com um de quinze e vegetariano. Ela não era vegetariana disso eu tinha certeza, pensei em dizer que não precisava seguir essas revistas de mulheres que falam o que deve ou não comer perto de um homem. Folhas não impressionam nada um cara, pode ter certeza.

–Quer um pedaço do meu? –Perguntei. Estávamos parados em um acostamento escuro quase dentro da mata de alguma rodovia.

–Não obrigada.

–Eu sei que você quer. Essas folhas aí não sustentam nada.

Me encarou e estendi meu pão a ela.

–Vamos lá, um pedaço. Sinta o frango teriaki.

Ela gargalhou.

–O que colocaram no seu lanche?

–Frango, molho, umas coisas que eles chamam de segredo. Está bom, agora vamos lá deixe esse monte de alface com pouco sal e coma um lanche de verdade. –Ela se aproximou respirando fundo e dando uma bela mordida em meu lanche.

Não consegui não comentar a respeito disso a fazendo me socar de leve no braço.

–Eu falei que era melhor do que esse monte de folha.

–Eu nem sei porque pedi isso. –Resmungou enrolando o resto do lanche e enfiando na sacola.

Eu queria dizer que era para impressionar, não da forma que ela pensaria. Mas deixei para lá, porque iríamos para o assunto da leve maquiagem na rodoviária. Passei doze horas dirigindo e ela não voltou a dormir, estava de olhos bem abertos encarando o dia mudar. Eu precisava parar um pouco, desde que ela entrou nessa viagem comigo eu não parei. Então teríamos que parar.

–Vamos pra Las Vegas? –Perguntou.

–Por que? Quer ir até lá?

–Eu? Não, você disse que iria até lá. Não faz parte de seu roteiro?

Eu parei de seguir um roteiro quando você entrou nesse carro.

–Você quer ir até lá?

–Eu nunca fui a Vegas. Mas ouvia o pastor falar dela aos domingos. – Sorriu. –Não era uma coisa muito legal, sabe?

–Sei. Acho que Vegas não precisa dizer muito.

–Já foi?

–Minha irmã mais nova fugiu para lá com dezesseis anos, e o que era para ser um castigo quando a encontrasse virou uma falência assim que vi a cidade. Passamos o fim de semana presos a um cassino com identidades falsas. Perdemos o dinheiro e nossa tia teve que ir nos buscar.

Sam tinha um O com a boca engraçado.

–Que irmão você é.–Sorriu. –O máximo que eu já fui sozinha foi para uma convenção da empresa onde trabalhava. Isso tendo meu pai ligando a todo instante ele sempre teve medo de eu fugir para sempre.

–Então essa é a sua primeira viagem rebelde oficial?

Assentiu.

–Bem-vinda a estrada.

–Espero não me arrepender.

–Não vai.

Samantha

Um dia e meio depois, estávamos a alguns quilômetros de Las Vegas, isso causaria um infarto no meu pai muito provavelmente. Depois de acordar sozinha no carro de Alex e ouvi o que aqueles homens diziam me assustou o suficiente para não seguir viagem sozinha. Pensei em fazer isso um estado ou outro depois, mas eu não sabia quem encontraria no meio do caminho. Não me importei de sair desengonçada do carro e nem parecendo ter visto um fantasma. Eu só queria tê-lo mais perto possível, um medo se instalou em minha espinha.

Alex estava sendo uma tabua em alto mar, eu não queria vê-lo assim, mas era o que estava acontecendo. Devia ter em mente que ele tinha uma viagem a seguir e que uma hora eu teria que seguir. Mas ele estava ali tão paciente que a dor em meu peito que aguentei por duas semanas estava menos pior agora. Paramos em uma rodoviária, ele me mandou esperar no carro para que pudesse tomar banho, então ele voltaria e me levaria a minha vez e ficaria esperando na porta sendo assediado por mulheres de todos os tipos. Isso era até engraçado. Ele não precisava estar de camiseta para chamar atenção, ele estava de moletom isso bastou.

O banheiro estava lotado como um típico banheiro de rodoviária. Consegui chegar ao banheiro sem cair no piso molhado e morrendo de traumatismo craniano. A água estava morna, isso ajudou na coragem quando fui lavar o cabelo. Para não arriscar passar frio, coloquei meu conjunto da Adidas e cheguei a rir disso. Alex provavelmente ria também quando me visse. Guardei minhas coisas e sai, ele estava parado respondendo a uma mulher que perguntava se ele não tinha um isqueiro para emprestar. Cantadas de homens estavam quase se igualando a desculpas de mulheres.

—Estou pronta. —Anunciei. E como imaginado ele sorriu. E não era por estar tecnicamente vestida com um moletom da Adidas. Era mais por ele estar com um moletom preto da Nike.

–Sério?

–Depois disso, só jeans.

Pegou minha mochila deixando a senhora para trás.

–Ou vão achar que somos esportistas, ou vão achar que vendemos moletons e estamos brigando para ver quem venda mais. –Falou com um enorme sorriso divertido.

–Certo, para onde vamos agora?

Encarou o relógio.

–São dez da manhã e eu estou com fome. Mas não quero comer agora, eu preciso fazer uma refeição saudável tipo comida de verdade.

–Também estou sem fome. Podemos voltar a estrada e parar no primeiro restaurante que aparecer.

–Se ele parecer seguro de uma indigestão.

Eu pensei que estar na estrada me deixaria irritada, mas não estava sendo ruim. Alex me falou um pouco mais sobre ele e sua família, e pediu para encontrar algo de bebê assim que parecemos em um lugar que tivesse coisas para bebe. Como essas lojas enormes que encontramos na estrada vez ou outra como uma raridade local. Ele falava de sua irmã como se estivesse falando de um santo. Essa coisa toda de proteção não era só um charme, não era só comigo para me impressionar. Sem saber ele me passou mais confiança do que podia imaginar.

Quase uma da tarde encontramos um restaurante, algo como Lagosta do Oriente. Precisava saber se ali tinha algo que não fosse frutos do mar.

–Preciso avisar que sou alérgica a frutos do mar.–Estávamos parados na

porta em frente a um restaurante lotado.

–Sério?

Assenti.

–Podemos tentar outro lugar.

–O mais perto deve estar a quilômetros ou dentro de alguma cidade. Vamos tentar a sorte antes que desmaiemos.

Assentiu abrindo a porta para mim, não pude esconder o grande impacto que ganhei ao sentir cheiro de camarão. Minha cabeça estava começando a doer, queria sair dali sem parecer um monstro. Alex seguiu até o balcão e fez algumas perguntas, estávamos ali por no máximo cinco minutos após o pedido de macarrão com almôndegas, mas minha cabeça estava péssima e sentia meu rosto esquentando.

–Droga. –Sussurrou. –Vamos sair daqui.

–E o almoço? – Perguntei.

–Seus olhos estão vermelhos, você está tendo reação sem comer? – Ele estava assustado.

Respirei fundo e a cabeça doeu de novo, então Alex se levantou e me puxou da cadeira ignorando nosso pedido. Ar! Nunca gostei tanto de um ar poluído como estava gostando quando deixamos o restaurante. Fiquei agachada puxando todo o ar que conseguia e meus olhos estavam lacrimejando.

–Volte lá e pega o almoço. – Mande.

–Não. –Falou se agachando a meu lado. Molhou a mão passando em meu rosto me causando um pequeno susto. Pega de surpresa. – Melhor?

–Respirando. –Sorri.

–Não me assuste mais okay? Faça uma lista de tudo o que devo mantê-la longe.

–Está falando sério? –Me levantei indo para o carro.

–Estou. –Abriu a porta para mim.

Paramos duas horas depois em um shopping, estávamos em uma cidade perto de Valle Hills. Meus olhos agora pareciam os de uma pessoa que acabou de fumar alguma droga o que não era muito legal. Alex zombou disso por muito tempo, durante todo nosso almoço.

–Parei, eu juro. –Falou soltando seu garfo.

Depois da sobremesa seguimos para lojas, enquanto ele procurava algo para o bebê de sua irmã, eu fui atrás de casacos já que teria de devolver o seu uma hora. Liguei meu celular para ver uma data importante, dentro de dois dias meu ciclo menstrual começaria. Isso já era meio embaraçoso estando viajando com um cara. Ele teria de parar pelo menos duas três vezes ao dia até acabar. Guardei o celular e o segui para o caixa, dessa vez não o deixando pagar coisa nenhuma.

Ele comprou uma mini blusa de seu time favorito. Pais fazem isso, mas ele disse que não se importava que era seu sobrinho e teria bom gosto. Seguimos para o supermercado a última loja. Dessa vez Alex apenas me seguiu, ele veria e é claro eu não teria que dizer minhas necessidades.

–Não precisa fingir que não está vendo. –Falei colocando os dois pacotes dentro da cesta.

–Só queria te dar privacidade.

Escondi o riso dando meia volta em direção ao caixa. Ele não disse nada,

mas escondia uma risada em seu interior. Voltamos ao carro e ele anunciou que pararíamos para uma noite de sono.

–Vamos parar no primeiro lugar que nos oferecer uma cama.

Não era bem assim, eu não poderia dormir no mesmo quarto que ele. Não, não sou uma puritana, mas era estranho. Seria estranho, dividir um carro, fazer todas as refeições – ou quase todas – com ele era uma coisa. Dormir no mesmo quarto era outra completamente diferente. Pensei em várias maneiras de dizer que não me importava em dirigir só para não ter que parar, talvez ele achou que nossa amizade poderia ser comparada a dividir um quarto, mas eu não disse nada e em duas horas estávamos em frente a um hotel de beira de estrada.

Alex pegou nossas coisas e esperou eu sair do carro. Seguimos para dentro, era um hotel simples. Muito simples para um hotel, ignorei o embrulho no estomago e o segui para o balcão de atendimento. Uma senhora sorriu ao nos ver.

–Boa noite.

–Boa noite. –Alex falou. –Dois quartos.

Dois quartos? Dois quartos! A senhora nos encarou, mas anotou alguma coisa em um caderno nos passando as chaves. Alex me chamou e o segui ignorando alguns hóspedes no corredor. Meu quarto ficava dois quartos do dele, ele me deixou no meu primeiro e se certificou de que estava tudo em ordem.

–Qualquer coisa pode me mandar uma mensagem.

O encarei.

–Você tem um celular.

–Não tenho credito. –Não posso ligar meu celular porque sei que vou ser bombardeada por meu pesadelo atual.

Alex não acreditou muito, mas relevou: – Me chame então.

Assenti o vendo desaparecer no corredor de luz baixa. Encarei a cama por um tempo, mas optei por tomar um banho. Poderia passar a noite toda embaixo do chuveiro de água quente, mas também estava com sono e com saudades de dormir em algo que não fosse um banco de carro.

Mas acordei três vezes durante a noite. E não consegui mais dormir depois da terceira vez e era quatro da manhã, puxei minha mochila do chão e tomei um calmante a seco, isso ajudaria a relaxara por mais algumas horas.

Passava dá uma da tarde quando acordei, o tempo estava bom para continuar na cama, mas a ficha caiu quando me lembrei que não estava sozinha. Corri para o banheiro tendo meu último banho de verdade no dia. Juntei minhas coisas e sai do quarto, bati no quarto de Alex algumas vezes até as dobras dos meus dedos mudarem de cor. Ele não me deixou, repeti isso mentalmente antes de deixar a porta e seguir para recepção. Havia um pânico infantil em mim como quando eu tinha quatro anos e fui deixada na escola. Mas quase sorri quando o vi sentado em um dos sofás de espera. Foi um alívio na verdade.

–O que foi? –Perguntou me encarando.

–Eu pensei... que tinha ido embora.

–E te deixar? Qual é o nosso plano de viagem? Só não quis acorda-la.

Graças a Deus, ele tinha planos em manter sua palavra.

–Já pode voltar a respirar. – Segurou meus ombros.

–Estou respirando.

–Já paguei os quartos, podemos ir?

–Não era para ter pago o meu. Eu preciso gastar essa porcaria de dinheiro.

–Dinheiro não é porcaria. –Pegou minha mochila.

–Esse é.–Sussurrei e ele ouviu, mas não questionou como sempre.

Voltamos a estrada, planos de chegar em Vegas, antes da noite cair pelo menos.

Algumas horas depois perto de Vegas...

–Você ainda tem medo de mim? –Sua pergunta me pegou de surpresa. Estávamos em um silencio quase religioso.

–Não.

–Então por que estava com medo de estar no mesmo quarto que eu? E por que mentiu sobre o celular?

O encarei.

–Eu não estava com medo e não menti. – Omiti.

–Certo.

Havia um toque de: deixe de ser mentirosa. No seu certo.

–Alex...

–Tudo bem. Não precisa se explicar, acho que já contei minha história.

Que ele ainda era apaixonado por sua esposa mesmo ela estando morta a pelo menos um ano? Sim. Mas não era isso. Não forcei mais nada, seu olhar

intimidava qualquer um a tentar prosseguir com um assunto.

Algumas horas depois fui despertada com luzes, placas surgiam a cada vinte metros, sua maioria era motéis. Alex continuava a dirigir sem olhar para os lados, era para ser meio animado nossa chegada em Vegas. Ainda não estávamos totalmente dentro da cidade, isso só aconteceu mais alguns longos minutos.

As ruas eram como via na TV, mais brilhante talvez. E as pessoas, não pareciam pessoas normais.

–Bem-vinda a Vegas. –Seu tom era o mais formal possível.

Paramos em uma rua menos movimentada, Alex parou o carro e desligou o motor.

–Não precisa trazer a mochila, só vamos falar com um conhecido.

Deixei a mochila no lugar e o segui para mais uma casa brilhante. Era um bar, cheio por sinal, bebidas eram passadas a todo instante. Alex olhava para trás para ver se eu ainda estava ali, mesmo assim ele estava distante e isso me incomodava.

–Posso me sentar? –Tentei ser mais alta do que a música. Alex varreu o lugar até achar uma mesa escondida embaixo da escada que dava para o segundo andar e me levou até lá sem me tocar. Apenas abria caminho esperando que o seguisse.

–Não demoro. –Avisou. Peguei o celular no bolso e o liguei. –Eu mando mensagem caso demorar. –Tentei sorrir sem sucesso para sua expressão.

–Não precisa. –Falou antes de se afastar.

Eu não queria ter estragado tudo. Mas eu estraguei. Como imaginado meu celular começou a tocar, mensagens chegavam a cada segundo. Pedidos de desculpas, milhares deles. Senti um gosto amargo na boca se misturando com

minhas lágrimas eu devia apagar todas elas sem ler nenhuma, mas eu estava ali em um bar de Las Vegas chorando por duas pessoas que me traíram sem pensar duas vezes se isso me machucaria.

–Você não me ama seu filho de uma mãe. – Tentei respirar fundo.

–Uma bela moça chorando? Nada que uma bela bebida não ajude, o que deseja?

Encarei o moreno a minha frente com uma garrafa de alguma coisa. Eu nunca bebi nada além de champanhe. Mas quem se importa?

–Pode ser isso aí.

–Pra já. –Deixou a garrafa e um copo.

E passamos um tempo apenas nos encarando até dar meu primeiro gole, era horrível. Amargo e horrível, só consegui me acostumar no quarto copo. Já não me importava muito com o sétimo.

Alex

Talvez eu tenha avançado muito o perímetro e saber que Sam ainda tinha um certo medo de estar comigo me fazia sentir algo estranho. Como não querer acreditar, assim que a deixei em seu canto a sós fui atrás de Tas, ele havia sido um bom amigo na minha fuga de dezoito anos. E lá estava ele atrás de um balcão, a barba estava grisalha. Tas era um negro alto e forte e a idade não vinha para ele, nem com a barba grisalha.

–Se não é o fora da lei. –Sorriu grave.

–O bom filho a casa torna e maior de idade.

–O que aprontou dessa vez? – Me abraçou.

–Nada. Apenas rodando o país no meu bom e velho carro.

–Quem era a garota que entrou com você?

Resumi a história para Tas em poucos minutos, odiava contar as coisas para as pessoas. A maioria não consegue levar para um caminho sensato.

–É apenas uma amiga que por sinal, tem medo de mim.

–Mulheres só confiam nelas mesmas. São mulheres cara, não tente entende-las.

–Eu entendi apenas duas mulheres nessa vida e perdi as duas da mesma maneira. Talvez eu não queira entender mais.

–Não é? Sei. Bom, traga sua amiga aqui, vou gostar de conhece-la.

Percebi que passei muito tempo ali, deixei um até logo e voltei para onde havia a deixado. Samantha não estava mais lá, apenas uma garrafa de uísque pela metade jazia no lugar. E seu celular piscando, não era da minha conta nada do que ela recebia, mas eu li algumas e talvez ganhei algumas respostas que ela não quis me dar.

–Hei. –Chamei o garoto que servia mesas. –Viu a garota que estava naquela mesa? Ela é um pouco baixa, morena, os cabelos estão presos em um rabo de cavalo.

–Ah sei, a garota que estava chorando?

–Ela estava?

–Se for a mesma, ela saiu faz um tempo. Não deve ter ido muito longe, ela quase não falava. –Sorriu. –Ela não deve ser acostumada com bebidas.

Com certeza não. Empurrei algumas pessoas indo em direção ao banheiro, pensei em perguntar se alguém ali dentro havia visto ela, mas perguntar para bêbado era a mesma coisa que nada então eu entrei. Ela não estava, cheguei a pensar que a garota com a cabeça enfiada dentro da privada fosse ela, mas não era.

Sam parecia uma pessoa equilibrada, mas mulheres nunca são equilibradas quando decidem agir sem pensar. Rodei todo o salão e nada dela, ela não podia sumir assim. Minutos depois o mesmo cara que me deu a informação de vê-la sair avisou que havia uma garota perdida no meio da rua. E lá estava ela, sem saber em que direção ir e cruzando as pernas sempre que achava que aquela era a direção certa.

O bom de Vegas é que ninguém se importa com o tamanho do seu escândalo então era normal vê-la ali gritando. Deixei a porta bater e corri uns cinco metros até ela, seus olhos estavam vermelhos e ela estava péssima. Samantha conseguiu acabar consigo mesma em pouco tempo. Segurei seu rosto e me certifiquei de que estava tudo bem, não confiava nas pessoas de Vegas

também.

–Hei, sou eu. –Falei quando tentou me empurrar. –Alex. –Ela piscou algumas vezes antes de abrir um sorriso cansado. – Não faça mais isso pelo amor de Deus, você não está na Disney.

–Eu... não sou mais...uma criança. –Falou arrastado. –Sou uma mulher.

–Sim, você é uma mulher.

Fungou.

–Eu só queria ... só queria ligar para você. – Chorou.

–Não precisa, eu estou aqui agora.

Me empurrou dando um passo em falso para trás e se encostando em um carro.

–Eu...preciso falar. – Respirou fundo encarando o chão. Ela se machucou, seu antebraço estava ralado de uma queda certa no chão. – Eu não queria ligar o maldito celular ...

–Podemos desligar então, okay?

–Shhh, eu preciso te contar... você é um cara legal. Então...eu vou te contar.

Tentei dar um passo em sua direção, mas ela me encarou.

–Eu ia me casar...–O choro beirava ao histerismo. – Mas ele não morreu ...–Sorriu. –Eu não tive essa sorte daquele... desgraçado morrer. –Me encarou. – Eu era apaixonada por ele, eu parei de viver por ele... eu fiz tudo por ele e ele... ele me traiu! –Gritou chutando a roda do carro e o alarme disparou. – Ele me

traíu com a minha melhor amiga aquela vaca alemã! Eu parei na minha adolescência.

–Não precisa...

–Shhhh! Eu já mandei calar. –Murmurou. – Deixa-me falar. – Fungou. – Ele me traiu no dia do nosso casamento, eu não comi para o vestido entrar, eu não dormi... eu queria que fosse tudo perfeito. –Alongou o tudo. –Era um sonho e ele destruiu com ela na minha cama. E eu sou uma burra! – Bateu na cabeça.

–Não é não.

–Sou, porque eles me traíam na minha frente! –Socou o ar.–Beatriz sempre me mandava entende-lo, que ele era perfeito para mim. Mas era com ela que ele se deitava! Foi para ela que damos um passeio em seu aniversário, era para ela os primeiros presentes de natal! Ele fazia questão de inclui-la em tudo e eu nunca percebi... eu achava que ele havia aceitado minha única amizade. Ela era minha única amiga...a única que restou desde que começamos a namorar.

Eu queria faze-la parar de tremer. Deus, porque sempre faz as mulheres chorarem na minha frente? Independentemente de quem seja isso sempre me destrói.

–Dezesseis. –Fungou. –Eu tinha dezesseis anos quando o conheci. Os pais dele eram donos de uma escola técnica e eu trabalhava lá, uma coisa do governo. –Respirou fundo e cuspiu. Afastou o cabelo do rosto. –Ele me auxiliava, parecia tão perfeito naquele tempo e eu...boba porque um garoto me olhou. –Sorriu. –Me apaixonei. Eu pensei que seria a mulher dos gatos. Porque os caras preferem as loiras e siliconadas. –Segurou os seios médios e sorriu. –Eu não sou loira e nem siliconada como Beatriz. E nem sou atraente. Eu sou?

–Sam...

–Sou?

Samantha não era como Joyce e pela descrição não era como Beatriz.

Joyce também era loira, mas os caras não veem isso, claro alguns tem as suas preferências. Meu pai me ensinou que quem muito escolhe nada tem. Eu não rotulava garotas, cada um tem uma beleza para mostrar e Sam era bonita. Não só bonita, era muito bonita. Então não conseguia entender como alguém conseguiu trai-la. Sua pele amendoada caia bem, seus longos cabelos castanhos avermelhados a deixava tão inocente quanto sensual para qualquer um. Ela conseguiu fazer dois idiotas ficarem de quatro por ela, ela não se lembrava disso?

–Sim, você é linda e ele foi um idiota.

Fungou.

–As pessoas não acham isso... você não diria isso se me visse de terninho. –Choramingou. –Eu passei o resto da minha adolescência com roupas de senhora para agradar a ele e a família dele. Isso é um luxo. –Apontou para as próprias roupas. –Ele me queria como uma merda de uma Amélia e só vejo isso agora. –Chorou por alguns minutos sozinha. –Todo mundo falou, todo mundo ficou sabendo... eu devolvi cada presente que ganhamos, eu...surtei o meu pai e o deixei preocupado. Eu não conseguia dormir porque tenho sonhos nojentos com aqueles dois desgraçados todas as noites. Pessoas riem de mim e isso... isso me sufoca. Eu acho que quero vê-la ...–Sua mãe. – Para que essa dor seja insignificante perto do que pode ser nosso encontro. Ele me proibiu de pensar em vê-la, ele me proibiu de muitas coisas desde os meus dezesseis anos. Mas eu não pertenço mais a ele. Vou quebrar todas as regras porque sou livre agora...e eu vou fazer da porcaria da minha vida o que eu quiser.

Quanto mais ela falava mais magoa vinha, não era um choro de bêbado de um dia, era um choro que carregava há semanas talvez. Um choro que se alternava entre gemidos, sussurros e gritos. Demorou um tempo até ela me deixar se aproximar e abraça-la, nem sei como consegui convencê-la de me seguir para dentro da boate de novo. Tas me entregou a chave do quarto que ficava no segundo andar, a deitei na cama depois de puxar os lençóis conferi os remédios em sua mochila e constatei que o idiota do seu ex-noivo queria realmente acabar com a vida dela.

Ada tomou alguns dos antidepressivos que ela tinha, eram fortes demais

para o modo como ela os tomava. Isso explicava como conseguia dormir tanto, não podia fazer muita coisa no momento mesmo segurando a vontade de jogá-los na privada eu os guardei novamente. E seu celular não parava de vibrar, contive a segunda vontade da noite de ligar para os dois desgraçados e colocar para fora as suas dores, ambos salvos pelos estados.

Em pouco tempo ela acordaria e correria – se conseguisse – para o banheiro. Liguei um ventilador velho em sua direção assim que as gotas de suor se formaram em sua testa. A música no andar de baixo estava abafada agora, então ela abriu os olhos e encarou o teto antes de virar o corpo para fora da cama e vomitar no tapete italiano de Tas, ele ia me entender.

–Tudo bem, estou aqui.

Como minha irmã, ela também odeia vomitar e ironicamente tem nojo do próprio vomito. Ela me encarava de lado como se eu pudesse fazer algo, mas no momento tudo o que podia fazer era segurar seu cabelo e deixá-la terminar de estragar o tapete. E lá vamos nós, seu corpo estava quente quando ela parou.

–Eu não quero mais vomitar. –Falou quando a sentei na privada. –Eu não gosto disso.

–Você bebeu um pouquinho demais. –Falei molhando uma toalha que achei no gabinete. Fungou e seus olhos se encheram de lágrimas. –Shhh, não precisa chorar. Vai ficar tudo bem. – Mordeu os lábios e assentiu. –Eu sinto muito, eles são idiotas e você não tem que chorar por eles. – Afaguei seu cabelo. – Preciso pedir uma coisa.

Me encarou.

–Pare de tomar aquelas porcarias. –Havia um pouco de vergonha em seu olhar. – Eu os vi e conheço alguns deles, você não precisa disso. Enquanto estivermos juntos nessa você não precisa mais daquilo.

–Eu...não consigo dormir. –Choramingou.

–Posso ficar com você até que consiga, eu vejo você tomando dois comprimidos daqueles todos os dias. Se está tentando se matar te aconselho outros métodos, mas esse não. Eu não estou pedindo para confiar em mim, pode fingir pelo menos...

–Eu confio. –Secou uma lagrima. – Eu confio mais no cara que acabei de conhecer do que naqueles que me traíram. Eu... me sinto na obrigação de confiar.

–Não sinta.

–Mas eu confio. –Fungou.

–Tudo bem, eu vou lá embaixo atrás de informação sobre algum remédio de enjoo...

–Tenho na minha mochila.

–Certo, então se quiser tomar um banho. –Liguei o chuveiro trazendo o chuveirinho para mais perto. –Não precisa se levantar, vai se sentir melhor depois do banho. Estou lá fora, é só chamar.

Enrolei o tapete de Tas antes de deixar o quarto e o arrastei para o banheiro que ficava no corredor. Esperava que ela não se matasse afogada, seu grau de alcoolismo caiu um pouco depois do sono de uma hora. Agora com todas as portas abertas dava para vê-la com mais clareza, Sam era tão frágil quanto gostaria de aparentar, ela era medrosa e fechada em um mundo que criaram para ela. De alguma forma ela deixou de viver depois que começou um relacionamento. Alguns relacionamentos parecem bons, mas são apenas um atraso na vida.

Muito tempo depois ela bateu na porta e entrei, usava um conjunto enorme de dormir, se arrastou até a cama e se encolheu de forma fetal. Conferi se todos os sete comprimidos ainda estavam no frasco antes de me sentar em uma poltrona e observa-la piscar algumas vezes até dormir. Eu queria ver tudo isso como uma proteção como quando eu cuidava de Ada, mas não conseguia ver assim, nada se enquadrava. Ela é apenas uma carona, como todas as que já

tive na estrada. Apenas uma carona.

– Amanhã vai se sentir melhor.

–Estou me sentindo mal. – Choramou. – Estou com... vergonha.

– Está tudo bem.

Samantha

Acordei com dor de cabeça, dor ainda não era o nome que se dava ao elefante que estava sentado sobre meu crânio. Parecia tão pesada que meu corpo devia ser uma pena, o quarto estava escuro e silencioso, me lembrei do quanto bebi noite passada, me lembrei das mensagens e de coisas que falei a alguém. Até minha mente jogar em minha cara que esse alguém era Alex. Eu não devia ter dito nada daquilo, ele não precisava estar nos meus assuntos. Mas ele estava.

Minha boca estava amarga, consegui me virar e encarar Alex dormindo em uma poltrona pequena demais para ele. Ele passou a noite toda me encarando e eu tinha certeza, evitar que eu morresse afogada em meu próprio vomito. Suspirei tentando me sentar e ele abriu os olhos, um pouco assustado, o típico estou acordado quando não estava.

–Tudo bem? –Perguntou. Se aproximando da cama.

–Dor de cabeça.

Coçou os olhos.

–Vou pegar um analgésico na sua bolsa e procurar alguma coisa para você comer. – Falou pacientemente.

–Não quero comer nada. –Meu estomago estava em conflito.

–Você precisa comer.

O encarei.

–Aí eu vomito.

Se levantou indo até minha mochila.

–Nada do que eu já não tenha visto. –Me fitou.

–Onde estamos? – Perguntou quando seguiu para sua mochila pegando uma garrafa d'água.

–Na boate, aqui em cima é o "quarto" do meu amigo.

Okay, ele me levou para o quarto do amigo dele em uma boate de Vegas onde o cara pode ter levado várias mulheres ali e ...

–Eu tirei os lençóis e forrei um que trouxe para viagem. Eu sei que você não se deitaria naquilo. –Apontou para a montanha ao lado da porta do banheiro. Menos mal.

Engolir um comprimido nunca foi tão difícil assim na minha vida, mas eu consegui. Alex saiu e me mandou ficar quietinha em meu lugar. Meu celular estava desligado ao lado do travesseiro, ele o desligou. Minha vontade era de jogá-lo no lixo, mas eu não posso ser fraca assim. Tentei me lembrar de mais alguma coisa que fiz antes de sair da boate, alguma coisa que não contei a Alex durante minha crise. Nada veio. Precisava de um banho e aproveitei sua ausência para fazer isso. Fiz promessas como: eu nunca mais bebo nessa vida.

Odeio bebidas, no momento eu odeio tudo. Quando sai do banheiro Alex já estava lá arrumando tudo na cama. Frutas, suco de caixinha e mais algumas coisas. Estávamos em uma boate e não havia nada mais perto de vender isso por aqui.

–Onde conseguiu?

–Tas imaginou que eu fosse precisar. Falando nisso, quero apresenta-la a

ele.

–Estou ótima para apresentações.

Deu de ombros.

–Ele não se importa.

Ficamos em silêncio por um tempo enquanto eu tentava empurrar um pedaço de bolinho de baunilha pela garganta. Alex digitava rápido em seu celular uma mensagem de texto, depois o enfiou no bolso e me encarou.

–O que foi?

–Nada.

–É, se importa se ficarmos mais dois dias aqui?

–Dois? –O encarei. Seria um emprego de parada?

–Se querer é claro. –Recolheu nossa bagunça os enfiando em uma sacola.

–Tudo bem. Mas por que?

Me encarou da porta.

–Estou pagando pelo quarto.

–Está brincando.

–Não. –Sorriu. –Já tinha uma dívida interna, vou ter que pagar agora.

–Eu posso pagar.

–Não, a dívida é minha. – Me encarou.

–Mas eu dormi aqui também.

–Não estou falando dessa. Você não precisa fazer nada, apenas ficar quietinha. São só dois dias e vamos para outro lugar. Posso te levar para conhecer o resto da cidade.

Me levantei.

–E se eu pedir ao seu amigo um emprego temporário?

–Se não se importar de andar pelo salão mostrando mais do que gostaria e ver um bando de babaca passando a mão em você, vá em frente. – Havia um tom rude em sua voz.

–Não precisa pegar pesado com a mentira. –O encarei.

–Bem-vinda a Vegas menina.

–Menina é tão...

–Delicado? Bonito? Carinhoso?

–Infantil.

Sorriu.

–Mas legal. – Piscou.

O ajudei a arrumar o quarto, ele deu um fim no tapete que destruí noite passada. Me esperou trocar de roupa e então saímos. A casa não parecia a mesma que vi noite passada, sem música alta e pessoas suadas com perfumes

sufocantes. Mas as luzes ainda eram as mesmas, todas acesas iluminando o salão. Alex me encarou quando descemos as escadas, um grupo de garotas e garotos dançavam no palco lateral. Uma coreografia sensual e bastante explícita. Eu ri, e eu nem devia estar rindo.

–O que foi?

–Nada.

–Por que está rindo? – Parou na minha frente com sua parede de músculos.

–Porque sou idiota, eu dou risadas de coisas que não devia.

Alex encarou o grupo dançando.

–Está rindo disso?

Dei de ombros.

–Sério? Sensualizar é engraçado?

–Alex. –Soquei seu braço e ele se encolheu.

–Depois pergunta porque te chamo de menina.

–Porque você é idiota.

–Não, porque você é uma menina. Isso é totalmente normal.

Eu sei, mas era engraçado. Aquelas garotas rebolando ou fazendo caras e bocas, elas eram lindas porém eu não me via fazendo isso nem sendo a mais linda daquele lugar. Conseguia me imaginar caindo de cara no chão, ou desmaiando. Ou hiperventilando com aqueles caras me tocando, levando em

consideração que odeio contatos físicos exagerados.

–Não gosta de dançar?

–Fiz jazz e bale clássico.

–Então sabe dançar alguma coisa.

–Não consigo mais fazer isso em público. –Falei encarando a dança. – Isso foi uma das coisas que parei de fazer aos dezesseis. –Cuspi as palavras.

–É como andar de bicicleta, a gente nunca esquece. –O encarei. Alex começou a sussurrar a música que tocava e se mexer.

O parei.

–Não.

–Por que não?

–Ainda tenho um corpo estranho no meu estomago e sei qual é a sua. Eu não vou dançar, não vou deixar que estrague meu dia em Vegas.

Gargalhou.

–Certo, você devia parar de se prender. Se solte.

–Eu me soltei noite passada e você viu o que aconteceu.

–Aquilo não foi se soltar.

–Mais dois dançarinos na casa? – Nos viramos para a voz que vinha do corredor lateral.

Alex passou o braço por meu ombro e manteve o sorriso, o homem se aproximou segurando minha mão e depositando um beijo, sua barba por fazer fez cocegas.

–Então ela é a bela moça que vomitou no meu tapete importado?

Meu rosto esquentou.

–É sim, me deixe apresenta-los. Samantha, esse é o Tassio mas chamamos de Tas. Tas, essa é a Samantha que vomitou em seu tapete.

Ele ia ficar lembrando disso?

–Pode me chamar de Sam.

–É um prazer conhece-la Sam. Esse cara está cuidando bem de você? – Tas não parecia muito velho, porem andava com uma bengala e das caras e um terno mais caro ainda. Ajeitou o chapéu na cabeça e me passou um olhar paterno.

–Está sim.

Alex me encarou.

–Se ele pisar na bola, só me chamar. Ainda sei dar jeito nesse garoto.

–Com certeza eu vou adorar vê-lo apanhar. –Sorri.

–Obrigado. –Alex sussurrou.

–Já mostrou a casa para ela? –Tas o encarou.

–Eu ia fazer isso agora.

–Tas. –O chamei quando deu um passo em direção ao palco.

–Sim.

–Tem vaga para mais uma?

Me encarou.

–Dança?

–Oh não, servindo mesas ou fazendo qualquer outra coisa. Eu sei mexer em caixas, trabalhei com contabilidade e essas coisas.

–Não. –Alex me puxou para trás.

–Por que não? Eu quero fazer alguma coisa.

–Vou manda-lo te colocar lá em cima. –Apontou ao palco e abaixei sua mão.

–Acho que seria de grande ajuda me ajudar no caixa quando eu precisar.

–Sam... – Alex tentou.

–São só dois dias, Alex. Posso servir bebidas também, quando não precisar de mim.

–Tudo bem. Começa hoje a noite. – Tas nos deixou.

Alex bufou.

–Obrigada.

Alex seguiu na frente e o segui. Eu não via problema nenhum em trabalhar na boate, ninguém iria fazer nada e eram apenas dois dias. Sem contar que sou de maior e não preciso de ninguém mandando em mim.

–Vai ficar com raiva por causa disso?

–Minha irmã fez a mesma coisa que você acabou de fazer e tive que salva-la por sua teimosia.

–Legal, eu não sou a sua irmã. Sou sua amiga, então eu acho que eu posso fazer o que eu quiser. – Cruzei os braços.

–Você tem razão. Bom trabalho para você.

–Não precisa ficar assim, eu sei me cuidar.

Ele sorriu, um sorriso bem irônico para ser mais clara. Seguimos para os fundos onde máquinas de jogos estavam alinhadas lado a lado. Ele me explicou como funcionava e quais máquinas davam azar. Depois seguimos para o segundo andar em uma sala onde aparelhos eram conectados a caixas de sons e dava para ver tudo lá de cima. Alguns quartos que eu já sabia para o que servia e ele se limitou a explicar.

Voltamos ao primeiro andar e andamos nos corredores escuros, mais máquinas, salas de pôquer e mais quartos. A música cessou e o grupo que dançava estavam espalhados pelo salão, alguns conversavam, outros apenas descansavam. Uma voz aguda ecoou do salão e isso me obrigou a me virar. Alex fez o mesmo com um sorriso contido à loira que parecia feliz a um nível extremo por vê-lo.

Estava começando a achar que a dança era inocente perto da roupa que ela usava, um conjunto rosa de ginástica que ela devia ter usado com dez anos, o batom extremamente vermelho e muito litros de silicone. Apesar da vulgaridade ela era bonita, uma Barbie para maiores de dezoito. Antes que eu fosse levada ao chão, me afastei e ela o abraçou. Certo, eu não precisava assistir isso.

–Oh meu Deus, eu nem acredito que você voltou.

–Oi Baby.

–Você está... bem como sempre. –Falou o comendo com os olhos. É claro que ela chamou atenção.

–Você também. Deixa-me te apresentar, essa é minha amiga Sam.

Acenei não gostando da sua inspeção, ela estava me matando de todas as maneiras possíveis naquele momento. Mas logo fui esquecida quando enlaçou seu braço no dele e o levou para o bar. Me sentei no palco, ela falava alto demais para todos ali ficarem sabem da morte de Joyce e o quanto ela sentia muito e queria ter podido consola-lo. Eu conheço pessoas que consola as outras como ela. Não sei quanto tempo se passou até o moreno mais alto da turma chamar para ensaiar novamente, ela se levantou o beijou no rosto e me encarou ao passar por mim.

Alex me encarou.

–Ela não é muito discreta. –Sussurrou.

–Está falando uma coisa que percebi antes mesmo de conhece-la. – Encarei o palco.

–Ela é enteada do Tas, a mãe é outra louca.

–Louca não é uma palavra que vai defini-la. –O encarei. –Ou você é ingênuo.

Um ponto para mim.

–Eu vou subir.

–Não quer mais ver o ensaio?

Neguei, eu pensei que ele ficaria lá para vê-los, mas segundos depois estava apressando o passo em minha direção. Eu não me importava de ficar sozinha, nem sempre eu tinha um assunto. Mas ele arrumou um assim que entramos no quarto.

–Por que não liga para o seu pai?

Eu sabia que devia fazer isso.

–Posso te emprestar meu celular.

–Não precisa. –O meu não era um bicho de sete cabeças, então o liguei. Esperei até que o sinal viesse e as mensagens e ligações perdidas aparecessem. Isso não devia me incomodar tanto, mas fazia meu coração doer e minha cabeça espremer meu cérebro.

Disquei o número em segundos e esperei os três toques, esperava tudo menos chorar depois que ouvisse sua voz. Sair de casa sem avisá-lo já me tornava uma filha desnaturada quando sabia que ele precisava de mim, eu não poderia contar com a vizinha para tudo. Mas eu precisava e passei longos cinco minutos apenas chorando, ele estava bem e um pouco preocupado. Coloquei Vegas fora do assunto, disse que estava indo ver uma amiga o que era mais uma mentira. Meu pai jamais acreditaria nisso, porém não me questionaria. Por um momento eu só queria abraçá-lo e dizer que estava melhor, muito melhor. Terminar uma ligação com meu pai foi a coisa mais difícil que já fiz até hoje.

Alex afagou minhas costas antes de passar os braços ao meu redor e me abraçar, eu não queria parecer uma menina como ele passou a me chamar, mas ele estava certo. Eu era uma.

–Está tudo bem.

–Eu devia voltar e ficar com ele. – Apertei meus braços ao seu redor.

–É isso que quer? –Me encarou.

Era isso que eu queria até uns segundos atrás, agora estava com uma sensação estranha.

–Meu pai já não tem mais idade para ficar sozinho.

–Você quer ir?

–Eu não sei. Eu realmente não sei de mais nada, uma parte de mim quer voltar correndo e a outra quer explorar as coisas, sabe? Eu sei que voltando para lá eu vou voltar para o meu novo inferno particular, então eu não sei.

–Eu queria pode ajuda-la de alguma maneira, mas também estou fugindo.
–Sorriu. –Somos dois fugitivos de nós mesmos.

–Temos uma coisa em comum pelo menos. –Sorri. Alex afagou meu cabelo antes de se levantar.

–Devemos ter alguma coisa normal em comum também.

–Temos tempo de descobrir.

10

Alex

Tentei até o ultimo segundo faze-la entender que ela não precisava trabalhar e para piorar Baby estava na boate, depois de reviver meu passado eu

sabia que ela não me deixaria em paz enquanto estivéssemos ali, ela talvez a atormentaria como fez com Ada, mas Ada não era inofensiva e isso não terminou bem – e Sam não é minha irmã. As seis terminei de me arrumar, ela ainda estava sentada na cama fazendo as unhas, um tanto desnecessário.

Seus cabelos estavam caindo em um lado seu pescoço. Sam usava uma camiseta que me mostrava mais do que eu gostaria de ver. Ela era tão... apaixonante e isso me assustava.

–Me promete uma coisa. –Falei lhe dando as costas enquanto arrumava a gravata. –Se acontecer qualquer coisa, pode ser um olhar de um anjo me fala. –Pedi.

–Vou falar. –Respondeu.

–Entendeu?

–Sim senhor.

Terminei.

–E não precisa se arrumar tanto, nem usar o uniforme que aquele sacana do Tas te deu. – Ela não precisava se vestir como as outras garotas.

De verdade, eu não deveria me importar tanto.

–Te vejo em quinze minutos. –Gritou.

A casa estava começando a lotar quando desci, por sorte não vi Baby por perto, tentaria manter uma certa distância pelo menos por hoje. Os rapazes arrumavam o palco e Tas já estava no balcão anotando pedidos. Controlei a vontade de esgana-lo.

–Que bom que apareceu, preciso que pegue umas caixas no deposito.

–Sério, por que deu aquela roupa para ela? – Respirei fundo.

–Uniforme da casa. – O sacana deu de ombros.

–Ela não é como as outras.

Tas me encarou.

–Alex está gostando dessa garota? – Semicerrou os olhos com diversão.

Bufei.

–Não.

–Então por que está tão incomodado com ela? Não queria deixa-la trabalhar, agora não quer deixa-la usar um simples uniforme.

–Uma colegial, um uniforme cheio de informações. Ela não é como as suas meninas.

–Isso é o que você quer enxergar, ela me parece bem decidida como as minhas meninas.

–Acredite, ela não é.

–Prefiro deixa-la mostrar isso. E pare de se enganar, agora vá.

Fiz duas idas ao deposito e ela ainda não havia chegado, pelo contrário Baby apareceu e era tudo o que eu menos precisava. Seu perfume me causava alergia e fui um cara muito gentil não dizendo isso a ela. As luzes se abaixaram e Sebastian, um dos dançarinos/barman socou de leve meu braço me fazendo encarar a escada lateral.

Deus! Ela vestiu o maldito uniforme, eu não poderia dizer todos, mas pelo menos metade dos caras que estavam a no máximo cinco metros dela estavam encarando enquanto ela se aproximava com aquele vestido curto. Se ela

estava com vergonha, o que não duvidava que estivesse, ela soube esconder muito bem.

–Demorei? –Perguntou.

–Um pouco.

–Não vai apresentar sua amiga? –Sebastian sorriu para ela.

–Samantha esse é o Sebastian. – O cara mais safado que você vai conhecer nessa vida.

–É um prazer senhorita. – Beijou sua mão.

Sam puxou a mão com um sorriso delicado antes de, eu leva-la para longe dele. Eu não podia mais questionar suas roupas ou seus modos, mas poderia mantê-la longe do movimento e faria Tas não deixa-la sair detrás do maldito balcão de atendimento por pelo menos até eu conseguir me achar.

–Aí está você, já estava sentindo sua falta. –Tas a cumprimentou. –Onde quer ficar essa noite?

–Servindo. – Sam falou tirando um pelo invisível no ombro.

Eu queria socar o ar.

–Está tudo bem? –Perguntei.

–Esta, por que não estaria?

–Não sei. Pensei que não gostasse de chamar atenção.

–Vou repetir só dessa vez, estou trabalhando. – Falou firme.

–Sabe aquele cara que te apresentei? Ah muitos dele por aqui.

Virou os olhos quase infantil.

–Certo, eu acho que o Tas não vai se importar se eu quebrar uma garrafa na cabeça de um deles.

–Sem prejuízos. –Tas falou e ela sorriu.

–Estou falando sério, Sam.

–O fato de você me ver chorar mais vezes do que eu gostaria e me achar uma menininha não quer dizer que eu não possa me cuidar. Eu estou bem e já sei que quando não estiver eu posso te chamar.

–Tudo bem.

Ela se virou para o balcão e precisei fingir não estar tão perdido quanto os caras ao redor.

–Posso começar agora?

Tas sorriu para mim.

–Claro garota, sabe a sala de jogos? Leva isso. –Tas lhe deu um balde de gelo com champanhe.

Eu não posso intervir. Sam sorriu delicada antes de pegar o balde e andar naturalmente – o que para muitos não era apenas um andar normal – em direção ao pior lugar que Tas poderia manda-la. Baby anunciou que era sua primeira apresentação da noite e que seria em minha homenagem. Esperei Sam voltar encarando a maldita porta a cada dois minutos e ela voltou cinco minutos depois. Tentei achar algum traço diferente em seu rosto, mas estava normal. Nada aconteceu ou ela estava fingindo porque sabia que eu estaria vigiando seus passos.

Ela passou algumas vezes por mim enquanto seguia a apresentação, servia as mesas e não fazia perguntas, voltava ao balcão trocava algumas palavras com seus novos amigos e voltava as mesas. Perdi as contas de quantas vezes a vir cruzar o salão e fingir que eu não existia. Se demorou um pouco mais no segundo andar e a música acabou.

–Obrigada por assistir a minha apresentação. –Baby resmungou enrolando uma mecha de cabelo loiro.

–Eu vi.

–Mentira. Você e ela não são amigos? –Perguntou chateada.

–Sim, como eu e você somos.

–Então por que não presta atenção em mim como presta atenção nela? – Ela quase bateu os pés.

–Ela é nova aqui e você não. Prometo que na próxima dança eu não tiro os olhos desse palco.

Ela sorriu.

–Promete?

–Prometo.

Me abraçou.

–Obrigada, vou ser ainda melhor da próxima vez.

Sam apareceu pouco depois, segurava uma bandeja. A deixou no balcão e enrolou o cabelo em um coque, os caras que assistiam as apresentações dali

pararam para encara-la. E Sebastian voltou a persegui-la, esperei a melhor oportunidade para manda-lo se afastar, mas seria uma pena se ele não fosse um filho da mãe que ama chamar atenção. Então agora ela estava achando que além de eu não querer deixa-la trabalhar, eu também não queria que ela fizesse amizades. Sim, ela poderia, mas não com ele.

–Não a sufoque.

Me afastei deixando Tas falando sozinho, era a segunda apresentação de Baby e ela realmente queria que eu assistisse, então esqueci Sam por um tempo, na verdade me obriguei a isso e prestei atenção nela. Era como se só existisse a mim ali pelo tempo em que a música durou. Ela correu em minha direção me abraçando apertado pela segunda vez na noite quando acabou.

–Você me viu.

–Eu prometi.

–Vamos comemorar. –Me puxou para o bar. Sam me encarava quando nos aproximamos. –Dois coquetéis. –Baby pediu torcendo o nariz. Ainda tinha os dedos entrelaçados nos meus de maneira possessiva. –Pai, ensinou a ela como se faz um coquetel para mim?

Sam encarou Tas.

–Não querida, mas ela vai fazer um e você vai gostar. – Tas dizia que não, mas mimava a enteada sempre que podia, isso é, sempre.

–Não.

–Baby, eu posso fazer. –Falei.

–Não precisa querido. –Sorriu para mim antes de virar a ela. –Por favor, pouco álcool e de abacaxi.

Sam nos deu as costas e a percebi mais tensa. Baby começou a tagarelar e mesmo a encarando, eu não conseguia entender um ponto do que dizia. Sam deixou nossos copos e se voltou aos outros clientes.

–Isso está horrível. –Baby comentou. A vi se virar para nós e não dizer nada. Apenas nos encarou. – Ela devia apenas servir mesas.

–Baby.

–Me desculpe Alex, mas ela é péssima. – Fez careta para o copo.

–Você poderia ter dado e volta e ter feito o seu. –Tas chamou sua atenção, mas ela não se importou. Voltou a falar logo em seguida.

–Quer ir almoçar com a gente amanhã? Minha mãe está voltando de viagem e ela está curiosa para vê-lo.

–Eu não posso. Vou embora amanhã.

–Por que?

–Só estou de passagem.

Baby fez um bico enorme antes de encarar seu copo.

–Quando vou vê-lo de novo? – Perguntou melosa.

–Eu não sei.

–Só quero que me veja como uma pessoa legal.

Sam passou por nos maneando a cabeça, ela parecia rir internamente da infantilidade da garota que poderia ser mais velha que ela.

–Você é.

–Não parece, vamos nos divertir depois daqui eu e você.

–Eu não estou sozinho.

–Ela é só sua amiga, não é?

Assenti. Sam pegou uma bandeja e voltou a circular.

–Então, ela não vai se importar, por favor só essa noite. –Implorou.

–Tudo bem, podemos beber alguma coisa e eu te deixo em casa. Nada de virar a noite.

–Sim. Obrigada, obrigada. –Pulou no lugar.

Tas me deu o que fazer mais como uma distância de Baby, então comecei a servir mesas também. Sam passava por mim, e sorriu para um casal ou para qualquer pessoa da mesa que estivesse servindo. Mostrava as salas de jogos e sumia nos corredores escuros que além de mais salas de jogos, havia quartos também, então ela surgia minutos depois aparentemente bem.

Ela não se sentou em nenhum momento e havia alguma coisa estranha no fato de estar me evitando, mas não me opus a isso. A deixaria em paz. As quatro da manhã Tas avisou que a deixou subir e Baby queria ir para casa e como prometido a levei, não sem antes passarmos em um bar e beber e fazer tudo o que ela queria.

–Baby, não. –A afastei quando tentou passar o limite que impus. Ela era bonita, uma beleza exagerada, mas sou homem, então era bonita. Mas não para mim.

–Você gosta dela? – cruzou os braços.

–De quem?

–Daquela garota sem sal que você chama de amiga. – Cuspiu.

–Ela é minha amiga, apenas isso.

–Então você ama a morta?

Eu não gostava de falar de Joyce, mas as pessoas insistem em tocar em assuntos que enterramos. Ela foi a mulher que amei, então eu a amaria não como antes, mas como quem precisa tê-la em pensamentos para ter a certeza que viveu algo bom.

–É, você ama a morta. Você é tão idiota. –Soluçou. –Eu não sou bonita?

–Baby, é melhor você entrar.

–Eu sei, você ama a morta e sua amiguinha. – Bateu os saltos.

–Você bebeu um pouco demais.

–Isso não importa! –Gritou. –Você não se importa comigo, então me deixa falar.

–Eu preciso ir.

–Me desculpe...não fique com raiva de mim eu não queria falar assim.

–Tudo bem, Baby. Agora entra.

Me abraçou antes de se afastar. Era problema demais para minha cabeça. A casa estava a todo vapor ainda quando voltei, segui direto para o segundo andar, bati na porta e ouvi sua voz. Sam destrancou a porta e me deixou passar, não disse nada por um tempo e seu silêncio me incomodava.

–Quer conversar? – Perguntei.

–Não.

–Sam. –Me sentei a seu lado na cama.

–Sério, vai tomar um banho e tirar esse perfume de morango que está me dando dor de cabeça. –Resmungou.

Eu sei.

–Ta, eu vou tomar um banho e vamos conversar.

Não demorei mais que dez minutos, quando sai ela estava deitada encarando o teto piscando sonolenta, pelo menos me esperou. Me sentei a seu lado e ela continuou encarando o teto.

–Primeiro quero pedir desculpas por tudo.

–Desculpado. – Seus dedos batiam em sua barriga.

Bufei.

–Segundo, quero saber se tudo ocorreu bem.

–Sim, ninguém tentou me estuprar nos quartos escuros e não cuspi no copo daquela cópia da Barbie erótica.

Sorri.

–Ninguém mexeu com você?

–Estamos em Vegas. Bem-vindo a Vegas.

–Quem?

–Se você for tão poderoso assim e conseguir bater em mais de cinquenta caras, boa sorte. Não gravei o nome de todos, mas posso apontar os rostos.

Eu sabia.

–Então sabe que tenho razão agora.

–Eu sempre soube, mas estou cansada das pessoas me dizendo o que fazer e não me deixando fazer por vontade própria. Eu não sou mais uma criança, isso é tão difícil de perceber? – Me encarou.

–Não, mas eu me preocupo com você...

–Se for dizer que se preocupa como sua irmã, eu dispenso.

–Não como minha irmã. Apenas me preocupo.

Fechou os olhos.

–Um cara disse que sou bonita.

A encarei.

–Mas foi diferente dos outros caras, ele foi legal. – Seu tom suavizou.

–Todos são.

–Foi diferente, Alex.

–Você gostou? – *Você realmente não quer saber.*

–Porque não gostaria? Uma raridade muito grande, alguém consegue me olhar e dizer que sou bonita. E ele não disse só porque eu estava vestindo um vestido curto e me igualando as outras garotas. Ele apenas disse, você é muito bonita e sorriu. Ele não me cercou, sabe? Então foi diferente.

Isso era diferente? Então ele a conquistaria e eles parariam em um dos quartos escuros. Era assim que funcionava.

–Ele é turista e está indo para o Arizona. Ele viaja por vários países.

–Em tão pouco tempo ele te contou tudo isso? – Tentei não ser um idiota.

–Sim. –Continuou de olhos fechados.

–E você acreditou?

–Eu acreditei em você.

–Eu não sou ele. – Falei duro.

–É, você não é.–Me encarou. –Eu sobrevivi Alex, tirando os babacas a pequena cena que sua amiga fez, eu me dei bem. Eu fiz uma coisa que me disseram que eu não poderia. Falei com pessoas, algumas até legais. Então está tudo bem.

–Por que eu acho que não está?

–Porque o problema não deve ser eu.

–Talvez seja. –Me levantei indo em direção a porta. Ela me encarava. – Só mais uma pergunta, você iria embora com esse cara ou sei lá a primeira pessoa que lhe tivesse uma proposta?

–Talvez. – Não consegui ler suas feições.

–Bom, saber. Boa noite.

–Noite boa? – Acordei com Tas batendo no balcão e me assustando. Passei a noite toda dormindo em um banco com a cabeça apoiada nos braços.

Me espreguicei sentindo cada parte do meu corpo em protesto.

–Bom dia.

–Expulso do quarto? – Riu.

–Não. Eu quis dormir aqui. – Não ali na verdade, mas todos os quartos estavam ocupados noite passada.

–Brigaram? Se for pela Baby, você devia não se importar com isso.

–Não foi pela Baby. –Peguei a xicara que me passou. –Esse lugar está mexendo com a cabeça dela.

–Minha casa não tem nada a ver com isso. Vegas mexe com as pessoas.

O encarei.

–O que ela fez? Usou alguns dos quartos enquanto você a deixou?

–Por favor Tas, nem pense nisso. Ela estava lá no quarto onde passou espero que a noite toda.

Me encarou.

–O que ela fez então?

Era idiota, porque Tas tinha suas teses e eu ia eu ia contra todas elas.

–Ela conheceu um idiota ontem. –A conversa não deve ter durado muito, mas ela sabia muito.

–E? Ele tocou nela?

–Não, mas ela fez uma certa amizade com ele. – Talvez eu esteja exagerando.

–E qual é o problema?

–Ela disse que ele viaja pelo mundo. – Tas sorriu. –Qual é a graça?

–Você está com ciúmes garoto.

–Não. Eu não estou, mas ela se encantou com isso. Sabe, ela disse que ele estava indo para o Arizona mas havia um brilho nos olhos dela, como se ela fosse dizer sim no primeiro convite que ele fizesse.

–Como ela disse para você?

–Comigo é diferente. – Me defendi.

–Não veja diferença alguma. Ela pode ir para qualquer lugar que ela quiser Alex, não há um contrato entre os dois.

–Eu sei, ela já me deixou isso claro. Sou apenas o cara legal que lhe deu uma carona.

–Isso está além de cuidados. –Tas se afastou. –Mas não vou repetir mais, você sabe.

–Eu não sei de nada.

Sam desceu eram quase meio dia, apenas seguiu para o balcão e ficou lá encarando o nada. Ela tomou aquelas porcarias de novo.

Samantha

Que se dane a promessa, Alex conseguiu me fazer quebra-la e eu precisava dormir. Esperei que ele voltasse por pelo menos uma hora, mas ele não voltou. Era fácil para ele me dizer o que fazer, ele só tinha que entender que ele não tinha direito algum sobre isso. Eu deveria me opor sobre a Baby? Talvez dizer o quão vulgar e desgraçada ela conseguia ser, mas eu não dizia. Porque não me importava!

O encontrei na mesa de sinuca quando descí, eu nem sabia se o encontraria ali ainda. Mas ele estava lá, foi apenas uma troca de olhar que não durou muito. Tas bateu de leve com sua bengala sobre o balcão chamando minha atenção. Seu olhar era divertido e me perguntei onde ele achou diversão no momento. Me entregou uma xícara.

–Café, obrigada. – Agradei.

–Vocês vão ficar assim até quando? Se esqueceram que estão viajando juntos? – Perguntou alto o bastante para Alex escutar.

Ele te contou? Que legal.

–Não sei do que está falando. – Bebi meu café.

–Sobre serem gêmeos siameses, até ontem pelo menos isso estava bem claro. Ou podemos chamar só de alma gêmea? – Tas zombou.

–Alma gêmea? Que atual.

Sorriu.

–É sério, vocês precisam se resolver. – Falou agora apenas para mim.

–Não fale como se houvesse alguma coisa entre isso tudo. Somos amigos.

Tas se serviu de uísque e sorriu amarelo.

–Se for pela Baby, você não devia se importar muito. Ele nunca ligou para ela, nem quando era só um moleque cheio de hormônios. – Riu de lado. – Alex é bom rapaz.

–Não é por ela.

Me encarou.

–Para. –Balancei as mãos tentando fazê-lo esquecer. –Alex quer me tratar como a irmã dele, só quero fazê-lo entender que não sou.

–Ele sabe que não é e você também sabe. Dois cegos. –Resmungou.

–Eu não vou te dar ouvidos. Isso é um absurdo e nem ouse repetir isso a ele, do jeito que Alex é neurótico ele vai achar que sou eu dizendo isso.

Tas gargalhou.

–Não se preocupe, disse a mesma coisa para ele.

–Disse?

Assentiu.

–Agora ele está ali, refletindo. – Apontou.

–Legal. –Ironizei. –Mudando de assunto, esse é o meu último dia aqui. E ainda é cedo, então eu posso te ajudar com o caixa.

Passamos quase duas horas contando a imensidão de dinheiro que ele tinha em caixa e dentro de um cofre escondido. Passar algum tempo com Tas, um cara ainda desconhecido me fazia me lembrar do meu pai e isso me levava a pequena depressão por saber que estava longe.

Era quase o horário do almoço quando os dançarinos chegaram, Alex ainda jogava sinuca só que na mesa mais ao fundo e minha dor de cabeça surgiu quando Baby apareceu. Tas avisou que só buscaria a chave do carro e iriam para casa, ela gritou que iria com Alex, então ele se tocou. A vi saltitar até ele quase infantil e abraça-lo por trás, Alex sorriu para ela, trocaram meia dúzia de palavras e ele saiu. Me sentei em uma das mesas tentando ao máximo me esconder atrás das cadeiras sobre algumas delas.

Mas ela me viu, e desfilou até onde eu estava tirando uma cadeira da mesa e se sentando. Seu perfume definitivamente era o pior que poderia existir. Ela me encarou o brilho platinado de seu cabelo quase me cegando.

–Eu sei como se sente. –Falou encarando as unhas. –Me senti assim também.

–Não sei do que está falando. Mas estou afim de ficar sozinha...

–Gostar de quem não gosta da gente. É disso que estou falando.

A encarei.

–Bom, você deve estar confundindo as coisas, não temos nada em comum a esse respeito. E tenho quase certeza que não temos nada em comum ao todo.

Sorriu.

–É, deve ser. Alex está me dando uma chance de mostrar a ele que posso ser legal também. –Sorriu. –Ele aceitou meu convite de almoçar em minha casa com minha família, e me levou em casa. Ele é perfeito.

–Legal. – Encarei os dançarinos se preparando.

–Ele ainda ama a morta, eu sei que ama muito a ponto de não querer aceitar outra pessoa. Ele me disse isso como amigo ontem, não foi um fora ta legal? Ele apenas se abriu, ele não se abriu com muita gente. Só com quem ele confia.

–Que bom para você. – Continue olhando para frente.

–Eu sei que tenta se fazer de coitada.

–Como?

–Chamando atenção. Eu vi ontem, você tentou chamar atenção o tempo todo, uma pena que apenas o cara mais sem noção percebeu em você. Pelo que Alex deixou escapar você é como a irmã dele, quase consigo ver a mesma cena de alguns anos atrás quando a garota fugiu para cá. Ele agia dessa mesma forma, não posso perde-la de vistas, quem é o cara falando com ela, não faça isso ou não faça aquilo...

–Ainda não percebeu que não estou afim de jogar conversa fora? Se não percebeu eu vou te dizer, eu não quero conversar, Barbara, agora você pode saltitar com seu perfume fedorento para longe de mim.

Seus olhos azuis me encararam surpresos antes da máscara de ódio se instalar em seu rosto. Respirei fundo quando a vi se levantar.

–É, você não conseguiu dessa vez. Eu sei como é difícil ter a realidade dita.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa ela se afastou, segundos depois Alex desceu me voltei a dança apenas para não o ver sair. Tas acenou com um sorriso divertido e isso estava começando a me irritar, eu não me importo com isso.

–Hei. –Encarei a morena no palco. Ela respirava ofegante me mostrando que a música devia ter tocado umas mil vezes e eu não percebi que eles haviam dançado. – Dança?

–A muito tempo não sei o que é isso. – Admiti.

Sorriu. Ela tinha os cabelos cheios e altos, eram cachos perfeitos em volta do rosto delicado.

–A gente nunca se esquece como se dança. –O loiro que estava sentando a poucos metros se aproximou estendendo a mão. –E ficar sentada aí esquentando a cadeira não é muito legal.

O segui até o palco e as outras meninas vieram me cumprimentar, vamos lá Sam, não deve ser tão difícil assim. Me tornei uma velha aos dezesseis anos quando tudo o que sabia fazer era ouvir músicas chatas na casa de Dave, até suas festas eram entediantes, eu sempre achei isso. Mas sempre aceitei também, a outra morena mais baixa de cabelos longos mudou a música para algo mais animado.

Pelo seu sotaque ela era mexicana, meu pai ia de vez em quando a casa do seu amigo Gerard um colombiano que amava uma festa com muita música alta e cerveja. Tio Gerard me tirava sempre para dançar e não deixava os outros garotos fazerem isso, ele dizia que eu era um perigo. Agora eu vejo o quanto isso deveria me deixar envergonhada na época.

Carl o loiro que me tirou para dançar, me e fez acompanhá-lo em passos lentos fora do ritmo da música. Até que consegui pegar e em pouco tempo estávamos praticamente em todo o salão, trocamos o casal, agora eu dançava com Kisha a garota que me chamou e me peguei sorrindo de verdade em tempos.

Uma roda se formou e praticamente dancei com todos, eu não vi a hora passar, não me preocupei com Alex ou Baby, ou com qualquer outra coisa que me perturbou nos últimos dias. Estava me vendo em um ambiente que abandonei por algo desnecessário na minha vida. Kisha me fez perguntas, várias delas na verdade. Eles queriam saber de onde eu era e como cheguei ali, o que Alex e eu éramos, por que eu não bati na Baby. Eram perguntas engraçadas. Aquelas pessoas me fizeram mudar de opinião sobre cassinos e pessoas em Vegas.

Depois de responder todas elas e meu corpo parecer um pouco melhor, Sebastian colocou outra música para tocar.

Ele me tirou para dançar pela primeira vez, me tocava bem mais que os outros caras, mas isso não me incomodava. De alguma forma isso não estava me incomodando, ele me explicava como deveria fazer para sair certo e apenas o segui. Ninguém ali viu o tempo passar, apenas dançávamos, segui seu olhar e um pequeno sorriso brincava em seus lábios. Alex estava a poucos metros nos encarando, a seu lado Baby e Tas. Eu juro que era desnecessário vê-la de novo no mesmo dia.

–Vocês não deviam estar ensaiando? Abriremos em duas horas. – Baby gritou.

Todos se calaram e a música cessou. Tas passou a frente.

–Por que pararam? Ganhamos uma nova dançarina.

–Não. –Falei descendo do palco. –Não mesmo.

–Ela dança muito bem. –Carl falou com um sorriso travesso.

–É uma pena que já estamos completos. –Baby chiou depois que passei por ela.

Havia uma parte em mim gritando por amor próprio, e era essa parte que decidi agir pelas próximas horas em que estaríamos ali.

–Não estou afim de roubar isso de você também. –Falei. Ganhei alguns olhares, mas ninguém me obrigaria a contar nada.

E não havia nada a ser contado também.

–Certo, vamos manter a paz no ambiente. –Tas bateu sua bengala no chão e sorriu. –Vou voltar ao caixa e vocês, podem voltar as suas atividades, abriremos em breve.

Esperei o grupo se afastar e me voltei ao balcão deslizando sobre um dos bancos altos, senti minhas costas colando a camiseta pelo suor. Odeio suar e tinha a certeza que precisava de um banho, mesmo tendo um ar-condicionado, ali era quente.

–Ela dança. – Tas brincou.

–Não sou tão ruim quanto aparenta minha aparência. –Aceitei o uísque. Alex devia estar me encarando em algum lugar porque Tas estava se divertindo. – Mas prefiro servir mesas e cuidar da contabilidade.

–Hoje é o seu último dia aqui, você não trabalha. –Falou. –Já deixei seu dinheiro com Alex, ele cuidará para você.

–Por que não posso trabalhar no meu último dia? – Perguntei.

–Porque você não veio a Vegas para trabalhar, então curta a noite. Você está na cidade mais iluminada do mundo.

–Não seria Paris a mais iluminada?

–A do romântico sim. –Sorriu. –Bem-vinda a cidade do Pecado mais iluminada do mundo. O que acontece em Vegas...

–Permaneça em Vegas. –Sorri.

Subi um pouco antes de Tas abrir as portas, na verdade abrir as portas era bem figurativo, as luzes só precisavam iluminar a entrada isso já avisava que estávamos funcionando. Alex estava no quarto quando entrei, mexia em sua mochila separando roupa limpa e roupa suja – eu devia ter feito isso também. Me arrastei até o sofá e puxei minha mochila do chão, mecanicamente o imitei em sua tarefa. Arrumei em pouco tempo minha pequena bagunça.

Se as coisas continuassem assim, não poderíamos seguir viagens juntos. Algo me dizia que as coisas seguiriam assim. Talvez ele ficasse ali mesmo, Alex não tinha nada a perder em Vegas, eu tinha e muito. Separei uma roupa confortável, nada comparado ao que usei na noite passada e segui para o banheiro. Minha aparência estava ficando péssima de novo, mas não me importei com isso. Usei um pouco rímel e batom vermelho, eu não gostava de maquiagens na verdade, Dave não gostava. Mas sempre gostei do batom vermelho, ele dava um toque delicado em minha pessoa – não era o mais indicado a minha pele amendoada, mas eu gostava.

Alex esperava no sofá quando eu saí, se levantou e entrou no banheiro para sua vez. Em cima da minha mochila, o envelope com o dinheiro da minha noite de trabalho. Mas já estava decidido o que faria com ele. Só precisava espera-lo sair, nesse meio tempo pesquisei rodoviárias nos arredores de Vegas, era quase louco levar Vegas a sério. Onde cassinos, luzes e muita festa parecia mover a cidade. Eu precisava achar um bairro normal fora do núcleo da cidade. Encontrei uma a meia hora da boate, e poderia conseguir um taxi com a maior facilidade do mundo – diferencial de Vegas.

Alex saiu do banheiro, usando um jeans surrado e camisa branca apertando seus braços, seu cabelo estava ligeiramente penteado para trás e seu perfume tomou noventa por cento do quarto. Pelo seu olhar ele não esperava me ver ali. Peguei o envelope e o estendi a ele.

–É seu.

–Não, é seu.

–Tas mandou entregar, pelo seu trabalho. –Se virou ao espelho na parede.

–Eu sei, ele me disse. Mas quero que fique com você, é o pagamento da viagem até aqui.

Continuou se encarando no espelho, se certificando de que estava tudo bem. Ele também não trabalharia.

–Já combinamos como as coisas irão funcionar.

–As coisas...não irão funcionar assim.

Se virou para mim.

–Pega. –Balancei o envelope.

–Vamos fazer do meu jeito, é mais fácil.

–Eu não vou mais seguir viagem com você. Consegui um ônibus e parto em meia hora. – Menti –. Acho justo ficar com isso quando você pagou a maior parte de tudo.

–Sam...

Deixei o pacote em sua mochila.

–É seu.

–Por que? O que a fez mudar de ideia? Gostou de Vegas?

–Eu gostei, mas acho que poderia ser melhor se não estivesse nesse clima. Não nos falamos desde ontem, acha mesmo que vou conseguir viajar com você desse jeito? Não, eu não vou. – Eu queria chorar porque por dentro era como se peças estivessem mudando de lugar.

–Sam...

–Já está decidido. Obrigada por tudo, foi legal.

Bateram na porta e Kisha sorriu colocando a cabeça dentro do quarto.

–Vamos lá, queremos vê-la nos assistindo.

Peguei minha mochila e a segui. Alex me mandou esperar, mas a morena já me arrastava para o primeiro andar. A verdade era que eu não queria ir a lugar nenhum sem ele, não entendi bem o porquê, mas eu não queria.

–Estavam brigando? Baby é a pivô? – Kisha perguntou.

–Não e não. Somos amigos apenas.

–Amigos e cegos. Você está triste sabia?

Sorri.

–Não estou não.

Escolhi uma mesa vazia perto do palco, Baby me encarou a maior parte do tempo enquanto circulava pelo salão, chegou a discutir com Tas alguma coisa que eu não fazia ideia do que era e esperava não ser nada relacionado a mim. Eu pensei que a infantilidade dela passaria, mas ela conseguia ser impossível.

Aguntei em silencio as coisas que dizia para mim sempre que possível, parte de mim já estava no limite permitido.

–Eu falei que não devia confiar em todo mundo. –Falou mais alto que a música. –Agora fomos roubados.

–Não fomos roubados Baby. –Tas mexia no caixa. –Apenas houve uma

conta errada, e estou somando tudo.

Ela sorriu sem humor e me encarou.

–Tem certeza? Está tão generoso assim?

–Vá para o palco Baby.

Me levantei quebrando a pouca distância. Tas me encarou com seu sorriso de sempre.

–Olá, você desceu.

–E você me viu, isso já tem uns vinte minutos. Algum problema aqui?

–Nenhum. –Seu olhar voltou a um caderno de anotações.

–Não vai dizer a ela? Eu digo.

–Baby. –Tas a encarou.

–Você nos roubou.

–Como?

Acho que as lantejoulas do seu vestido vulgar, me cegaram mais do que suas palavras.

–Isso que você ouviu, você nos roubou. A conta do caixa não bate, você pegou dinheiro do caixa!

As poucas pessoas que estavam por perto nos encarou e não demoraria muito para a notícia sair correndo pelo salão. Senti meus olhos arderem, eu não podia chorar na frente dela, na frente de ninguém. Eu jurei que isso não ia mais

acontecer, então segurei cada maldito segundo.

–Eu não roubei nada, eu não preciso disso. –Encarei Tas.

–Eu sei. Agora Baby, volte ao palco. – Falou paciente.

–Podemos procurar na mochila dela...–Segurei seu braço.

–Você não toca um dedo nas minhas coisas ou o arranco com os dentes.

Seus olhos azuis se arregalaram de susto.

–O que está escondendo? Que é uma ladra? Você roubou o Alex também? –Puxou o braço. –Agora todos aqui sabem que você nos roubou. Porque você é uma ladra. Ouviram? Ela nos roubou e agora está fugindo.

Puxei a parte de trás de seu vestido levando o punho para trás e a acertando com toda a minha força. Foram alguns segundos até perceber a mancha vermelha em meus dedos e Baby caída no chão. Ela gritava e se debatia, Sebastian sorria quando se aproximou e vi alguns dos meus novos amigos com o mesmo sorriso. Puxei minha mochila no balcão.

–Me desculpe Tas, eu não peguei nada, você estava aqui e viu. –Me afastei. –Eu não te roubei.

–Espere, Sam. –Pedi, mas já estava passando por entre a pequena movimentação. Longe de tudo aquilo.

Havia um pequeno desespero em mim, mesclado ao contentamento. Esperava pelo menos ter quebrado seu nariz para compensar a dor dos meus dedos. Meu cérebro estava sendo esmagado dentro da cabeça e eu queria gritar. Ouvi os gritos atrás de mim e não sabia como Alex me achou assim tão rápido. Eu queria soca-lo também.

–Me deixe em paz. – Mande.

–Está louca? –Puxou meu braço e precisei me equilibrar para não ir ao chão.

–Me solta, Alex.

–Não. Você não vai sair assim. Você está bem?

Parecia estar? Eu fui acusada de roubo e aguentei milagrosamente uma cópia erótica da Barbie por dois malditos dias. Eu não poderia estar melhor.

–Estou ótima.

–Não está.

–Por que perguntou? É melhor você voltar.

Gargalhou.

–Eu não vou voltar. Eu vi o que aconteceu, não vou voltar. Eu não vou deixa-la sozinha entendeu?

–Por que? De novo seu lado protetor familiar?

–Talvez, isso não importa. Vamos dar o fora daqui.

Alex me arrastou de volta para o corredor que dava para rua atrás da boate. Meu coração perdeu uma batida ao ver Tas parado ao lado do carro. Se ele chamar a polícia, provavelmente eu irei presa. Era a família contra a estranha. Alex segurou minha mão com força e me pôs atrás dele, isso foi bom, apesar de ainda estar com raiva, isso foi perfeito.

–Já estamos indo. –Falou.

–Hei, não precisam sair assim.

–Eu não te roubei. –Minha voz saiu tremula. –Você sabe que não.

–Eu sei. Barbara pegou dinheiro no caixa mais cedo, ela é boa em aprontar essas, só que dessa vez achou alguém que conseguiu para-la.

–Sam não seria capaz de fazer isso. –Alex me encarou. –E eu já devia imaginar que Baby aprontaria.

–Todos nós sabíamos que ela faria alguma coisa.

Deviam ter me dito!

–Mesmo assim nós estamos indo embora. –Alex foi firme.

Apesar de tudo eu não queria vê-lo tratar Tas como se fosse o culpado de tudo, ele conhecia Baby tão bem para ter essa atitude.

–Tudo bem. Eu sinto muito por começar sua noite assim Tas, de verdade. Não foi minha intenção e nem sou esse tipo de pessoa, mas ela me tirou do sério. Obrigada por tudo e desculpa pelo tapete importado. – Ele sorriu amarelo. Encarei Alex.

–Foi um prazer revê-lo.

–O prazer foi todo meu garoto. Volte sempre.

–Vou pensar.

Alex!

–Eu sei que vai voltar e acompanhado novamente.

Os encarei trocar um abraço. Alex pegou sua mochila no chão a jogando no banco de trás do carro e me esperando entrar. Parecia que tudo o que eu havia dito, havia entrado pelo ralo. Ele entrou logo em seguida dando uma manobra no beco estreito e acenando.

–Não precisava trata-lo assim.

–Eu o avisei.

–Ta, ele não sabia. Ele foi legal com a gente, nos deixou ficar. Você devia ter um pouco de sensibilidade.

–Eu tenho. Mas a calma de Tas me irrita um pouco.

Isso eu tinha que concordar, mas não justificava.

–Pode respirar? Quem brigou aqui fui eu.

Seus dedos batucavam nervosamente o volante, as luzes da cidade que começaram a serem acesas já não me excitava mais.

–Eu pesquisei, tem uma rodoviária a meia hora daqui. –Falei, mas ele não disse nada. –Me ouviu?

–Você não está em condições...

–Alex, pare o carro. – Pedi.

–Não.

–Pare a droga do carro agora! – Mande.

–Você está sendo infantil.

Passei para o banco da frente.

–Eu estou sendo infantil? Você me ignorou ontem, me deixou sozinha hoje. De repente me trata como propriedade e agora não me deixa ir?

–Você não quer ir. –Me encarou e perdi uma batida do coração. –Você está irritada e agindo como uma idiota. Mas você não quer ir.

–Eu quero ir.

–Não. Por ciúmes você dançou com Sebastian e o deixou te tocar, então de repente você era a garota mais desejada daquele lugar. Bateu na Baby e resolveu fugir.

–Desse jeito eu quase me acho uma mercenária. Eu provoquei tudo certo? Eu devia ter aceito o convite daquele cara e ter me mandando com ele para onde quer que ele fosse. Seria muito melhor do que seguir essa maldita viagem com você!

O carro parou e precisei segurar o painel para não voar pela janela. Alex destravou as portas.

–Sai.

O encarei por dois segundos antes de puxar minha mochila no banco de trás e me jogar para fora do carro. Minhas mãos estavam suando e um zumbido estava incomodando meus ouvidos. Tinha água demais em meus olhos e elas transbordaram quando o carro se afastou. Tinha muita gente ali, eu odeio lugares cheios.

Alex

Rodei a cidade por alguns minutos, por vários minutos na verdade. A cada segundo meus olhos se voltavam ao banco de trás para ver se ela estava ali, mas eu havia a deixado no meio da cidade a malditos minutos atrás. Eu sabia que não devia, Sam havia traçado um caminho onde ela não se perderia e eu desfiz esse caminho.

–Certo, vamos lá.

Fiz a volta de volta à cidade, e estacionei onde havia a deixado meia hora atrás. Sam nunca me pareceu uma mulher que tem um pensamento logico, quando a encontrei ela não sabia que passo dar, então achei que a encontraria assim novamente. Estamos em Vegas e Vegas é um lugar fácil de se perder. Estacionei e segui pelas ruas, perguntando e dando características dela para pessoas que eu encontrava no caminho. Até ser informado por um taxista que ela havia pego um taxi muito tempo atrás.

O plano era ir para uma rodoviária, mas eu não fazia a mínima ideia de ônibus que ela pegaria em seguida. Se seguiria o meu trajeto. Eu não sabia o que ela queria fazer, mas dirigi até a rodoviária enfrentando uma pequena fila até o guichê assim que cheguei. Uma senhora de cabelos ruivos sorriu.

– Boa noite. Para onde?

–Boa noite, para lugar nenhum. –Tentei sorrir. –Preciso de uma informação.

–Em que posso ajudar?

–Estou procurando uma garota, ela é morena, tem os cabelos castanhos avermelhados. Um pouco baixa, ela está usando uma camisa xadrez azul e shorts, eu preciso muito encontrá-la.

Seu olhar era descrente por alguns segundos antes de ajeitar os óculos e torcer o nariz.

–Acho que pegou o ônibus na cabine três. Pode se informar melhor lá.

–Obrigado! Muito obrigado. –Apertei sua mão.

Ela havia pego um ônibus pro Colorado. Não sabia se havia uma escala, se ela voltaria pra casa em seguida, mas sabia que ela iria para lá. O ônibus tinha saído em cima da hora e foi uma sorte ela ter conseguido. Peguei a estrada em seguida, e me dei conta do quanto estava correndo. Mesmo sabendo que não adiantaria muito.

Dirigi por algumas horas até a saída de Vegas, sem paradas. Não sabia em que cidade havia entrado, apenas que estava dentro dos arredores do Colorado e já era bem tarde. A rodoviária mais próxima que achei com o número do ônibus que a mulher gentil havia me passado estava abarrotado como todas as outras. Enfrentei uma fila de dez minutos até conseguir minha informação. Eles não haviam passado ali e pela hora parariam na próxima rodoviária – se houvesse escala.

Voltei a estrada, e a calma que levei por um mês e algumas semanas se dissiparam. Ela não é importante e não tem uma porcaria de contrato para eu estar preocupado com ela, mas eu estava. Oito e meia da manhã estava entrando na rodoviária seguinte, o ônibus havia estado ali há uma hora atrás. Como saber se ela pegou outro ônibus? Entrando em todos os ônibus que só sairiam àquela hora, as primeiras saídas do dia. Cheguei a confundir uma garota com ela.

Me informei com a rota que ele passaria e atravessaria nove cidades. Listei em meu mapa todos os lugares que teria de passar, a encontraria em uma delas.

Samantha

"–Oi pai, sou eu. O que aconteceu com o nosso telefone? Não está ouvindo minhas ligações? Eu estou bem... ou pelo menos estou tentando ficar. Não quero que se preocupe, acho que está na hora de sair para aquelas férias tão esperadas. –Tentei sorrir. –E viajar não me parece tão ruim assim. Ligo assim que eu conseguir, eu amo você."

Minha cabeça estava doendo, e parecia ser bem mais do que eu poderia aguentar. Depois do pequeno desespero em me perder em plena Vegas eu consegui um taxi. Estar com todas aquelas pessoas estranhas me assustava, tentei ignorar os olhares que ganhei enquanto me arrastava para o fundo do ônibus onde havia uma única poltrona vazia. Agora eram duas dores para saber lidar, perdas.

Vi o dia se arrastar, pensei em pegar outro ônibus quando paramos, voltar pra casa e cuidar do meu pai. Pensei em tudo o que poderia acontecer, até que a única vontade sã em mim foi ficar parada em qualquer lugar esperando o tempo passar. Dessa vez não desliguei o celular, apenas o deixei no silencioso em pouco tempo havia mais de duzentas ligações. E se eu atender? E se ouvi-los? Isso não mudaria nada, porque eles não conseguiriam consertar o erro nem nascendo de novo.

Fomos avisados de que teríamos uma parada de vinte minutos, mas permaneci no ônibus quando chegamos a ela. As coisas estavam diferentes agora, como se faltasse alguma coisa. Uma coisa grande.

Levei a sensação de vazio comigo até a parada seguinte. Eu não sabia que horas eram, apenas fiquei no ônibus tentando a todo custo não pensar mas acabava pensando. Pensando que Alex poderia ser um pedaço da viagem faltando, mas ele era um estranho. Apenas um estranho que por sinal me mandou sair do seu carro e me deixou sozinha no meio da cidade. Sei que pedi por isso, não conseguia explicar a mim mesma porque agi daquela forma – porque agimos daquela forma. Ele sentia o que eu estava sentindo? Mas, o que eu realmente estava sentindo?

Acordei pela manhã com o ônibus ainda em movimento, quando paramos meia hora depois novos rostos surgiram ocupando lugares que não lhes pertenciam até quilômetros atrás. Dois caras no banco de trás do meu falavam alto, vez ou outra batiam em meu banco e pediam desculpas até que perdi as contas de quantos foram. Nossa parada seguinte foi as três da tarde em uma rodoviária, enfrentei a fila em um restaurante e consegui fazer uma refeição antes de voltar ao ônibus. Desejei não os ver depois disso, mas eles já estavam lá.

Dois garotos, não daria mais que vinte anos para cada um mesmo sendo fortes, eles eram novos. Um deles piscou pra mim e me afundei em minha cadeira, demorei um longo tempo antes de fechar os olhos e dormir com o balanço do ônibus. Eu não tive pesadelos dessa vez, não os mesmos pelo menos. Dessa vez eu sonhei que estava com ele, com Alex. Não estava literalmente com ele, talvez ele me mandando descer do seu carro mais uma vez e uma linda garota estava do seu lado. Acordei com meu corpo indo para frente em uma freada do ônibus.

Ouvi o desespero das pessoas logo em seguida quando os choros começaram, acho que precisei de alguns minutos para entender que batemos. Pessoas passavam por mim, uma mão segurou meu braço e era um dos garotos de mais cedo, o outro pegou minha mochila.

–Vamos tirar você daqui. – O moreno falou.

–Eu sei ir sozinha. –Tentei me soltar.

–Você bateu a cabeça.

Encarei o chão meio zozna, algumas pessoas ainda choravam encostadas no ônibus e encarei o outro ônibus logo a frente com a traseira ameaçada. Não percebia que estavam me levando para longe das outras pessoas. O moreno a minha frente disse algo como: ela está bem. Não, eu não estava. Puxei meu braço e encarei minha mochila.

–A gente pode arrumar uma carona rápida. – O outro disse.

–Obrigada, eu não quero. Pode devolver minha mochila.

Eles se entreolharam.

–Qual é, esta tarde. Ninguém vai sair daqui hoje. – O moreno tentou.

–Não importa. Eu não os conheço;

–Pode conhecer agora.

Encarei todas aquelas pessoas assustadas e os motoristas discutindo, pessoas chamando por ambulância. Estávamos no meio da estrada com carros ultrapassando como podiam e eles estavam com a minha mochila.

–Por que não ajudam aquelas pessoas? – Tentei não entrar em pânico.

–Porque elas não são tão legais.

–Eu também não sou. Sério, me devolve minha mochila antes que eu comece a gritar.

O loiro sorriu.

–Gritar é legal, você é tão importante que todos vão te observar no lugar de ver que um acidente acabou de acontecer. –Contei mentalmente até três e avancei pra um deles, senti um aperto em minha cintura e automaticamente soquei o moreno no rosto sentindo meus cinco dedos se quebrando.

As lagrimas se formando nas bordas dos meus olhos, me segurei para não deixa-las descer. O loiro sorriu contra minha nuca e tentei chuta-lo, ninguém estava me vendo? Ninguém via que eles estavam me atacando? O moreno abriu minha mochila e pegou o envelope, rápido demais senti meus braços livres e o

loiro cair ao meu lado.

Alex?! Alex se jogou contra ele e vi seus punhos cerrados, minhas pernas estavam tremendo a ponto de não conseguir ficar em pé.

Gritei quando vi o moreno vindo em sua direção com um pedaço de madeira, Alex desviando tendo que deixar o outro caído no chão. Eles se afastaram de costas e o loiro acenou para um dos taxis que parou atrás de vários outros carros. Alex tentou correr atrás deles depois que a madeira foi solta, mas o carro saiu em disparada. Então eu deixei as lágrimas virem. Eu não sabia se ficava feliz ou triste com toda a situação.

–Meu Deus, Sam. –Me abraçou. Mas eu estava com raiva dele e me afastei. Inútil, ele me puxou para mais perto, seu queixo contra minha cabeça.

–O que faz aqui? –Eu queria soca-lo.

–Salvando você. –Seus braços eram firmes. –Eu fiquei louco atrás de você nesses últimos dois dias. Eu persegui ônibus atrás de você.

Eu queria sorrir e isso era estranhamente bom.

–Precisamos te levar a um médico. Eu entrei naquele ônibus quando disseram que tinha gente ferida, eu não enxerguei nada. –Falou examinando meu rosto de um lado a outro. –Está sentindo alguma coisa? – Seus dados apertavam minha cabeça.

–Qual é o seu problema? – Gritei.

–No momento? –Virou meu rosto de lado afastando meu cabelo. –Saber se tem alguma parte quebrada.

Estendi a mão mostrando meus dedos que até então eram finos, inchados.

–Acho que sim.

–Foi no ônibus? – Segurou minha mão.

–Em um idiota que roubou meu dinheiro. –As lágrimas voltaram. –E agora estou perdida de vez.

–Não está. Está comigo. – Me abraçou.

–Pensei que tivesse me mandado embora.

–Eu estava com raiva!

–De que?

Seu olhar foi para voz atrás de mim, para o homem de branco. Enfermeiro. Ele me fez perguntas e me mandou me sentar. Alex ficou em pé nos observando o tempo inteiro, segurava minha mochila.

–Está sentindo alguma coisa? Bateu a cabeça no impacto?

–Não, acordei no susto.

–Toma algum medicamento? –Perguntou enquanto media minha pressão.
–Um pouco desregulada mas por causa do susto.

Alex me encarou.

–Calmante. –Sussurrei. –Temporário.

–Certo. Fique aqui, vou buscar um pra você...

–Não precisa. –Alex falou por mim. –Ela se sente bem e temos medicamento na mochila.

–Também estava no ônibus? – O enfermeiro o encarou.

Negou.

–Você quer ser medicada? – voltou a mim.

Neguei automaticamente. Algumas pessoas falavam ao telefone e ambulâncias voavam pela pista. Alex me levou de volta ao carro, eu senti falta daquele perfume.

–Podemos dar queixa.

–Foi só o dinheiro e a essa hora estão longe. – Funguei.

–Mesmo assim...

–Não vai mudar nada. Acho que vamos ser reembolsado. –Sussurrei.

–Uma passagem de volta a Vegas e não pra casa, é tudo o que eles vão te dar.

–Melhor do que nada.

–Já se esqueceu do que aconteceu?

O encarei.

–Não, nem como tudo chegou a acontecer. Como vim parar aqui, sabe?

Seu maxilar travou por alguns segundos antes dele soltar minha mochila no banco de trás e dar a volta se sentando a meu lado.

–Vamos sair daqui, você precisa descansar.

–Precisamos conversar. –Murmurei. Mas nem eu mesma sabia o que eu queria dizer.

Alex

Sam não disse nada depois que saímos do local do acidente, meu coração ainda estava batendo descompensado dentro do peito e podia sentir o suor colando minha camisa. Quando estava me aproximando do quilometro do acidente tudo o que se ouvia era de onde o ônibus havia saído, as pessoas têm o dom de aumentar as coisas e não foi difícil ter essas informações. Não vi nada quando estacionei o carro e saltei para o ônibus escolhendo o de pior situação.

La dentro havia três pessoas feridas esperando socorro e nenhuma era ela. Depois entrei no ônibus de trás e não havia ninguém ali também, só pessoas chorando desesperadas. Foi apenas um segundo, antes que eu voltasse para o carro e seguisse viagem quando vi a pequena movimentação na parte escura do acostamento, graças a um farol para reconhece-la, um segundo de dúvida e fui até lá. Quando vi a garota até então encurralada, eu sabia que era ela e não vi mais nada.

Queria faze-los se afastar o mais longe possível, ao mesmo tempo queria pedir para ela segurar as lagrimas ou as coisas ficariam complicadas. Eu os deixei ir, de alguma forma eu sabia que se tentasse a fundo colocar toda a minha raiva para fora, as coisas não saíam bem e Sam precisava de mim. Eu senti falta da sua fragilidade, não me lembrava de tê-la abraçado assim, mas eu gostei daquele abraço. Depois da sua recusa eu amei aquele abraço. Ela não iria a lugar algum e eu tinha medo desse pensamento. Quanto tempo levei para chegar a esse ponto?

Eu tive medo quando ela disse que precisávamos conversar porque todos nós temos uma parte egoísta e eu tinha medo de ser essa parte falando por mim.

Parei quilômetros depois em um motel beira de estrada, porque ela havia

sofrido um acidente e eu sabia que ela precisava descansar. Ela não questionou a respeito também. Levei sua mochila comigo e fiz me seguir bem perto quando passamos por três pessoas logo na entrada, ela não segurava minha mão, apenas meu dedo mindinho e me encarava.

–Um quarto. –Pedi. Eu não ia pedir dois. Não ali.

Peguei a chave do quarto e a puxei comigo, estávamos passando pelo corredor quando os sons começaram a surgir e percebi que abafou um riso. Éramos o último quarto, assim que entrei deixei a mochila na cômoda e puxei os lençóis tirando minha mochila das costas e pegando os dois lençóis que comprei antes de encontrá-la. Eram um pouco menores que a cama, mas deu para dar um jeito. Conferi o banheiro, estava limpo aparentemente.

–Está com fome? – Perguntei.

–Eu vou tomar um banho. –Avisou segurando suas coisas. –E vamos conversar. –Passou por mim direto para o banheiro.

Ela não ia desistir dessa conversa e eu não tinha nenhuma resposta para ela. Ou talvez tinha, mas parecia tão errado ainda, agora. Ouvi o barulho do chuveiro e o perfume do sabonete chegar até onde eu estava. Ela não passou muito tempo lá, quando a porta foi destrancada eu pedi silenciosamente para ela ter esquecido tudo o que queria me dizer. Samantha parecia um pouco melhor agora, respirou fundo se sentando na cama e se encostando puxando um travesseiro para cobrir os pontos salientes em sua regata fina.

Deus, ela estava pirando a minha cabeça.

–Podemos conversar agora?

–Eu não tenho o que dizer. –Falei. Ela abriu um meio sorriso irônico.

–Por que veio atrás de mim?

–Era a minha obrigação.

–Não. –Me encarou. –Não era. Nunca foi e não é. Terminamos em Vegas, independente do que você ache. Por que veio atrás de mim? – Perguntou firme.

–Eu fui um idiota, não devia tê-la tratado daquele jeito. Precisava me desculpar e dizer que ainda estamos juntos nessa.

Sam se levantou deixando a toalha na poltrona, cruzou os braços e me encarou.

–Não estou falando de promessas Alex. Porque posso me encaixar em: ela é apenas uma garota inocente perdida na estrada ou ela não é apenas uma carona. Onde me encaixo? Você mesmo me disse que sempre teve caronas, o que me torna diferente deles?

–Sam...

–Só responda.

Dois dias, apenas dois dias ela não se parecia mais com a garota que eu conheci. Estava mais, forte. Eu acho e isso era bom, ao mesmo tempo tinha suas desvantagens, as perguntas.

–Você é uma boa companhia. – Tentei respirar.

–Não é o suficiente. Por que se importaria tanto comigo a ponto de desviar seu trajeto. Você bateu naqueles caras, você devia se ver...

–Qualquer um faria isso...

–Tinha várias pessoas lá. Você me achou, você estava assustado.

–Aonde quer chegar...

–Eu não sou uma simples carona, não é? – Seu olhar estava arrancando minha alma. Estava levando tudo de mim para não perder a cabeça com ela ali.

Ainda não, Alex! Neguei. Ela não era mesmo, mas eu não saberia colocar para fora.

–Certo. – Se afastou me deixando respirar. – Então ambos sabemos que não é uma simples carona e nem o que é. Mas temos um prazo e ele vai acabar a qualquer momento.

–Eu sei.

–Eu posso seguir essa viagem com você... mas tenho condições. – Se virou para mim. Tentei focar em seu rosto delicado.

A encarei.

–Não quero que me trate como uma menininha, eu sou uma mulher e quero ser tratada como tal. E não precisa me olhar com pena, eu estou dispensando. E o que acontecer na estrada, vai ficar na estrada.

–Estamos falando...

–De atração... do que você quiser entender com isso.

Ela estava bêbada? Adrenalina? Ela estava corajosa o suficiente para dizer tudo. Estava puxando tudo de dentro de ambos, não era só eu. Podíamos sentir o espaço se fechar entre nós.

–Talvez não seja atração. –Falei.

–Admiração? Desejo, eu não sei que nome pode ser também. Mas sei que não sinto sozinha.

–Você sente?

–Eu descobri que sinto no instante em que me deixou e nos últimos dois dias. Posso chamar de carência também, afinal você sabe o que aconteceu. – Fingiu não se importar. –Pode ser qualquer coisa Alex, mas estamos viajando juntos. Acha que isso pode ficar em inercia o tempo todo?

Neguei.

–Certo, coloquei tudo para fora. E vou ouvir caso queira me dizer algo.

–Isso muda?

–Isso pode mudar. –Moeu os lábios. –Eu poderia seguir sozinha...

–Você tem razão, não é como proteger minha irmã, pode ser atração, desejo ou carência. Não precisa ser agora, mas vamos descobrir. Só me deixa cuidar de você até lá.

Ficamos em um silencio incomodo por um tempo antes de me levantar e arrumar algo para ela comer.

–Não estou com fome. –Falou. –Só preciso dormir.

–Certo. Vou tomar um banho, não demoro.

As coisas não estavam estranhas, estavam apenas sendo o que elas eram no começo só que vistas agora.

Sam estava encarando o teto quando voltei ao quarto, apaguei a luz deixando o abajur do seu lado aceso. Ela não disse nada por um longo tempo, isso era bom e ruim ao mesmo tempo.

–Como sabia para que lado eu estava indo? – Sussurrou.

–Fui até a rodoviária. Me informaram então segui seu ônibus a cegas.

Ela me encarou e sorriu, sem dizer uma palavra antes de voltar a encarar o teto. Seus olhos se fecharam de verdade pouco tempo depois. Ele era lindo, incrivelmente linda. Queria me aproximar, toca-la, sentir seu perfume de perto. Queria fazer um estrago em sua mente como fazia com a minha. E eu faria, em algum momento, faríamos.

Dormi por algumas horas apenas, Sam acordou ainda era cedo, sorriu de lado e seguiu para sua mochila pegando uma toalha e algumas coisas de mulher antes de para o banheiro. Não demorou mais que quinze minutos para sair, já tinha pego nosso café da manhã e posto na cama como fiz em nossas ultimas paradas. Parecia que nada havia mudado, que não houve uma distância de dois dias e um reencontro conturbado noite passada. Parecia tudo bem.

–Para onde vamos?

–Preciso saber onde estamos exatamente, perto o suficiente de seguir por Nebraska ou Kansas.

–Podemos adiar Nova York por um tempo. –Sussurrou. Encontrei seu olhar, ela não tinha certeza disso.

–Certeza?

–Não, mas eu quero aproveitar a estrada. Mas você tem que me prometer uma coisa.

Esperei que desse seu ultimato.

–Não pode me deixar de novo, não daquele jeito.

–Eu não vou. – Afaguei sua perna ganhando seu olhar.

–Promete?

Assenti, alguém gritou do quarto ao lado a assustando.

–Meu Deus, eles não se cansam não? –Resmungou me fazendo rir.

–Onde acha que estamos, querida?

–Eles não têm hora para encerrar as atividades? –Se aproximou para pegar o suco de caixinha.

Consegui enxergar cada traço em seus olhos e seu perfume do recém banho tomado, ela ficou sem jeito com isso ao mesmo tempo que vi provocação em seus olhos.

–Não tem hora para isso e hoje em dia nem lugar.

Se afastou.

–Você tem razão.

Não nos incomodamos com o silêncio, os gritos no quarto ao lado o preenchiam. Sam estava ficando sem jeito quando reunimos nossas coisas e deixamos nosso quarto, automaticamente segurei sua mão por segurança. Algumas pessoas conversavam no corredor, uma das mulheres me encarou e Sam ergueu uma sobrancelha a tornando engraçada desse jeito.

Deixei as chaves na recepção e saímos, com Sam ainda grudada a mim passamos pelos motoqueiros empoleirados na porta. Abri sua porta e sem mais delongas me pus em meu lugar, ela parou de encara-los assim que dei partida.

–Nebraska. –Avisei.

–Ótimo. –Se afundou no banco.

–O que foi?

–Nada.

Por um momento eu não sabia o que estava fazendo, apenas estiquei a mão e afaguei seu cabelo.

–Diz.

–Apenas feliz por estar de volta. –Sorriu sem jeito.

–Também estou feliz por você estar de volta.

–Agora que estou sem dinheiro. –Falou encarando a janela. –Vamos precisar achar empregos. –Me encarou. –E eu vou trabalhar, é outra condição.

Eu não queria discutir, então concordei. Sam dormiu algumas horas depois, foi o tempo de parar em um fast-food de beira de estrada e comprar nosso almoço. Meu coração batia rápido todas as vezes que é a observava, queria acreditar que tudo não passava de atração, porque teríamos de seguir depois disso. Eu não podia deixar que passasse de uma atração.

Algumas horas depois estávamos parados em uma das lanchonetes da Subway, Sam estava fazendo contas enquanto marcava pontos em meu mapa, seus cabelos estavam soltos jogados de um lado só depois de bagunça-los. Sua pele estava bronzeada e ela não parecia mais um zumbi que conheci. Estava descobrindo que Samantha Alison era boa em discursões mesmo não sabendo disso.

–Por que está fazendo marcações? – Perguntei.

–Cidades grandes. Lugar fácil para se conseguir dinheiro. – Mordeu a tampa da caneta.

–Eu conheço pessoas que podem nos ajudar caso precisemos.

Me encarou.

–Um lugar com mais um projeto de Barbie erótico? – Uma ruga brincou em sua testa.

Não consegui conter o riso.

–Não. Mas te dou permissão para se expressar caso não seja do seu gosto.

–Obrigada. –Voltou ao mapa.

Deixamos a lanchonete com um estoque para as próximas horas na estrada, Sam tirou algumas fotos com uma câmera surpresa que ela possuía o tempo todo na mochila, me dei a liberdade de tirar algumas dela em cima de protestos. Estávamos mais à vontade um com o outro, era um misto de sensações.

Passaríamos por Lincoln pela manhã sem cessarmos, Sam dormiu, de novo. Sua respiração lenta me dava a ideia do quão cansada ela estivera nos dias em que nos separamos. Quase sete da noite ela acordou, como sempre ficou silenciosa antes de me encarar e sorrir, se recusou a parar em algum lugar para dormir e insistiu para que eu a deixasse dirigir e deixei. Era uma visão estranha vê-la ali, mas ela sabia o que estava fazendo.

–Espero que saiba mesmo ter uma direção boa.

–Cala a boca. –Mandou. –Pode dormir.

–Eu estou sem sono.

–Você é um péssimo mentiroso. Prometo que irá acordar vivo.

Eu não podia negar que estava com sono e ela queria um voto de confiança, então bem lentamente deixei meus olhos se fecharem. Estava desacostumado a dormir bem desde que ela passou a ser minha carona. Manter os olhos abertos para vigia-la parecia mais seguro.

Uma estranha segurança. A quem eu estava tentando enganar? Eu estava gostando seriamente de Samantha Alison, mas eu não sabia se estava preparado para dizer adeus quando tudo isso acabasse.

Samantha

Alex dormiu, ele era grande demais para se sentir confortável no banco carona, mas ele conseguiu se virar. Sua respiração era pesada e todo o som que emitia era um rressonar cansado, eu não poderia chamar de ronco porque meu pai era a prova de ronco potente. Me sentia bem, estando de volta.

Agora que ele sabia como me sentia, como nos sentíamos, ele saberia que tudo era possível. Não era nos atirmos um no outro apenas para saber se era isso mesmo, era acontecer lentamente. Sem data, permissão ou porquê.

Eram quase sete da manhã quando parei em um posto depois do aviso do tanque baixo, uma das mulheres que cuidava das bombas se aproximou da janela com um sorriso preparado até me ver, seu sorriso desapareceu mais rápido do que havia surgido.

–Tanque cheio por favor. –Sai do carro indo em direção ao caixa a poucos metros.

Ela passou um longo tempo encarando o lado de Alex, provavelmente o vendo dormir como um deus grego. Isso me fez sentir uma pontada de ciúmes o que era natural, entreguei meu cartão e voltei a observa-la, sorriu em direção a janela e acenou. Então Alex estava acordado, não sei quanto tempo mas ele estava, se ajeitou no banco e me encarou com um meio sorriso. Eu não consegui retribuir, estava em uma zona de crime no momento.

A morena se aproximou da janela e fez algumas perguntas, ele pareceu responde-la com educação antes de acenar para mim e ela encontrar meu olhar em seguida, ele saia do carro se esticando. Fazendo sua camisa se levantar mostrando o que uma boa academia poderia fazer com uma pessoa.

Tentei não quebrar meu cartão com a força que fazia, assim que cheguei

perto o suficiente para estar a sua frente, Alex me puxou levemente para ele enterrando o nariz em meu cabelo, isso me pegou de surpresa.

–Tudo bem? –Perguntou. Ele sabia que eu estava nervosa. Isso era o que o momento pós Baby me causou.

Assenti.

–E por aqui? – Passei um olhar para a morena.

–Tudo ótimo.

–Podemos ir? –Perguntei.

–Sim. –Alex me soltou entrando no carro de novo. Era idiota mas a encarei antes dar a volta e ocupar meu lugar.

Alex sorria, me puxou para o seu colo onde fiquei por alguns segundos antes dele nos trocar de lugar tomando a direção.

–O que ela disse? –Perguntei.

–Ela me fez uma proposta. –Sorriu.

–Que proposta?

–Leva-la comigo e deixa-la. – Riu.

Eu não parecia surpresa, eu tinha certeza.

–E mais algumas coisas que não vem ao caso, comparações se você me entende.

–Claro. –Me afundei no banco.

–Eu disse que não te trocava por nenhuma outra. –Sua voz soou tranquila. –Ela pareceu entender.

Sorri.

–Obrigada.

Ele fez de novo, aquele afago em meus cabelos. Eu gostava de sentir seus dedos deslizando por eles, ele não parecia perceber o que fazia, apenas fazia.

–Não vamos seguir uma linha reta. –Falou.

–Não?

–Não. Vou descer um pouco, vamos pegar Missouri, Indiana por aí.

Isso é, teríamos mais tempo juntos. E isso me fez sorrir. Liguei o mp3 pouco tempo depois, não tínhamos nada para dizer e isso não parecia ser ruim, era o nosso silêncio confortável. Senti falta de seus dedos em meu cabelo, e os encarei quase suplicando isso. Não tivemos mais paradas e vi a tarde cair e em pouco tempo a noite escurecendo a estrada. Alex parou no acostamento e abriu o mapa novamente, então o porta-luvas pegando um pequeno caderno. Seus olhos voltaram ao mapa.

–O que foi? Estamos perdidos?

Sorriu de lado.

–Não. Estou conferindo um endereço.

–De onde?

–Um amigo, tem um bar. –Fez careta. – Alguns quilômetros, espero que

não se importe de termos nosso primeiro trabalho.

–Um bar? Pensei que me quisesse longe de bares.

–A quero o mais perto possível de mim. – Sua mão apertou minha coxa.

Encarei seus olhos e senti o ar não saber em que direção circular dentro de mim, minha cabeça estava pesada pela pressão. Sem que percebesse, respirei lentamente e desviei o olhar apenas assentindo como uma idiota. Você sabe como isso funciona, isso não é legal Sam, pensei. Você vai se machucar como da primeira vez. Mas como posso afirmar isso? Baseando no primeiro e fracassado amor? Que se dane, eu mesma disse que tudo poderia acontecer, não vou voltar atrás agora.

–Quanto tempo até lá?

–Três horas, pelas fotos não é algo grandioso e sim, é no meio de um pasto. Ou pelo menos parecia.

–Isso vai ser perfeito. –Zombei.

Achei um álbum de fotografias no porta-luvas, eram fotos de Alex pequeno, havia uma com ele quando devia ter uns cinco anos tomando banho no quintal e uma legenda dizendo que ele era sexy. Bloqueie meus pensamentos para o homem adulto do meu lado que abriu um meio sorriso mesmo sem olhar para fotografia. Alex parecia saber. As seguintes eram dele no Halloween, festas de aniversários. Ele com os pais, Alex tinha uma mistura forte de ambos e eu podia imaginar o quanto seu pai era protetor com sua mãe apenas pelo olhar que ele passava em todas as fotos que estavam juntos. Alex tinha esse mesmo olhar.

Conheci Ada, era uma garota que de cara você saberia dizer que ela não possuía filtro. Seu sorriso era largo, era um pouco pálida e tudo o que tinham em comum era o sorriso no olhar. Ada era bonita, isso explicava a superproteção de Alex.

Então as fotos foram ficando mais pessoais ainda, ele não me observava

mais, de alguma maneira ele esteve me observando. Eram fotos dele com Joyce, ela realmente era linda. Queria ignorar a pequena pontada que senti ao passar as fotos, eles na praia, em um restaurante, com amigos, em um teatro, no bale. Isso estava me sufocando e era idiota demais, toda a sensação. E quase dolorosamente cheguei a última foto, ela estava sentada em seu colo agarrada em seu pescoço e o beijando. Era tão incrível a forma que você enxergava o amor de ambos que qualquer esperança era reduzida a nada. Fechei o álbum e o voltei ao porta-luvas.

O resto da viagem foi silenciosa até pararmos, entramos em um caminho de terra a duzentos metros da estrada principal. Trailers estavam estacionados um do lado do outro e alguns mais ao longe. Alex encarou o caderno e conferiu o endereço antes de destravar as portas.

–Está frio. –Avisou depois que saiu. –Pega o meu casaco e o coloque. – Isso soou autoritário.

–Você não manda em mim. –Deixei escapar. Deixei escapar o ciúme irracional.

Não era hora pra isso. Não com ele, não agora.

–Algum problema? –Perguntou quando me juntei a ele. Alex ajeitou o casaco em meu pescoço e senti seu toque me fazer arrepiar.

–Não. Só estou cansada.

–Certeza?

–Absoluta e pare de falar como se eu fosse uma criança.

–Não estou te tratando como uma criança. –Passou a frente e o segui.

O "bar" mais parecia uma taberna era das cavernas. Motos começaram a surgir atrás dos trailers uma do lado da outra. Alex segurou minha mão quando

percebeu quem era os frequentadores assíduos do local e entramos. Cigarros, uísque e bebida barata, era o que cheirava cada canto do lugar. Luzes baixas e músicas variadas tocavam em uma junk box.

Alex encarou cada rosto e me senti sendo despida com alguns olhares antes de voltarmos a caminhar em direção ao balcão. Uma senhora sorriu amarelo para nós, a seu lado um senhor com uma tatuagem de dragão cobrindo o braço levemente enrugado pela idade.

–Boa noite, o que vão querer?

–Boa noite. –Alex se apoiou no balcão. –Estou procurando duas pessoas.

–Quem seria? –A senhora sorriu.

–Lila e Fernando.

A senhora encarou o homem a seu lado.

–Ah sim, nossos antigos sócios.

–Eles não são mais donos daqui? – Havia decepção no tom de Alex.

–Não. Lila queria ir embora depois do nascimento dos gêmeos e venderam a parte deles.

E assim, poderíamos dar adeus ao emprego.

–O que queriam?

–Estamos pegando a estrada e fazendo pequenas paradas. –Alex explicou. –Contávamos com um emprego de dois dias no máximo.

–O que sabem fazer? –O homem se aproximou mais.

–Tudo. –Passei a frente. –Trabalhamos em Vegas.

Alex me encarou.

–É, trabalhamos em Vegas. Servindo mesas e limpando o salão.

Obrigada Alex, se eles nos mandarem limpar esse lugar eu acho que não teremos uma viagem em dupla.

–Isso parece bom. –O homem falou se afastando.

–Isso parece um sim. –A senhora falou. –Sou Alicia, aquele é Robert, ele é meio ranzinza mesmo mas tem um bom coração. Por hoje, podemos cuidar de tudo, já que vão ficar por aqui acho que precisam de um lugar para dormir, certo?

–Seria bom. –Alex se juntou a mim.

–Venham comigo.

O encarei. Saímos para o frio da noite até a fila de trailers, Alicia tirou um molho de chaves do avental e nos afastando uns vinte metros até um trailer azul. Ela o abriu e uma chuva de mosquitos voou de lá de dentro. Acendeu a luz e nos encarou.

–Está fechado a algumas semanas, mas tem lençóis ali. –Apontou para o pequeno armário espremido com a única cama que havia. –Acho que por uma noite dá.

–Obrigado, a senhora é muito gentil. –Alex sorriu.

Charme. Certo.

–Tenham uma, boa noite. –Piscou. –Ou nos vemos depois.

Acenei e Alex fechou a porta.

–Gentil.

–Gentil? Você jogou charme para uma senhora que tem idade para ser sua avó.

–Ela não é tão velha assim.–Falou puxando os lençóis.

Me sentei observando seu serviço, um menino prendado. Alex trocou os lençóis e ajustou os dois travesseiros. Aproveitei a deixa para tomar um banho, não duraria muito já que a água era racionada. Quando sai, Alex estava usando o pequeno fogão, a camisa enrolada na cintura as costas marcadas com um simples movimento. O observei parada como uma idiota na porta até ele perceber minha presença e antes que pudesse dizer qualquer coisa bateram na porta.

Alex desligou o fogo e foi atender, do jeito que estava, uma garota entrou no trailer sem ao menos olhar para os lados. Era um pouco mais alta que eu, usando uma mini saia e camisa xadrez enrolada acima da barriga. Ela sorriu quando percebeu Alex parado na porta pego de surpresa pelo pequeno vendaval dentro do nosso até então "quarto de dois dias".

–Me desculpe, pensei que foi o Alan. Quem é você? – Perguntou enrolando a ponta rosa de seu cabelo.

–Alex. Acho que não te falaram ...

–Não falaram mesmo, eu acabei de chegar. Sou Rose. –O beijou no rosto. Quando o cumprimento normal seria um aperto de mãos. Eu já fui adolescente.

Por Deus, ela estava tocando nele. Alex se afastou lentamente.

–Essa é Sam. –Alex apontou a mim. Mas ela olhou tão rápido que duvido

que tenha realmente me visto.

–Só vim buscar aquela caixa ali. –Apontou para caixa no canto da cama.
–Pode me ajudar?

Alex me encarou.

–E traze-la até meu trailer?

Claro, por que não? É só ali no trailer dela.

–Eu não demoro. –Alex avisou.

O encarei dizendo algo como: você não precisa fazer isso. Ela pode levar sozinha. Mas é claro que ela pode. Me sentei na cama quando saíram. Eu não me importava de parar em lugares onde só houvessem homens. Nas próximas paradas nada que tenha mini saias e nem pernas enormes, por favor.

Cinco minutos e perdi a fome, literalmente. O trailer ficava em outro estado? Em Narnia ou algo assim? Já havia desistido de esperar algum tempo depois, tirei meu chinelo e me encolhi na cama puxando o cobertor cheirando a amaciante – pelo menos algo limpo. Uma lagrima queria escapar e cheguei a rir disso, era tão irracional.

O fato era que eu não conseguia confiar em ninguém. E tinha o direito da lei da dúvida.

Ouvi a porta se abrir pouco depois e a luz mais fraca ser acesa iluminando apenas o pequeno quadrado onde ficava pia e fogão. Quase podia vê-lo parado atrás de mim antes de sair entrar no banheiro, o chuveiro ligado e minutos depois a porta do banheiro se bater levemente. Ele percebeu que eu não comi, então senti o colchão afundar um pouco, seus malditos dedos que eu queria arrancar nos dentes tocar meu cabelo.

–Eu sei que está acordada. –Sussurrou com humor em sua voz.

Senti um nó na garganta.

–E você não comeu.

Não me mexi.

–Sam. –Eu odiava esse tom. –Vamos lá não me obrigue tira-la dessa cama.

–Vai pro inferno. –Meu pensamento escapou.

Alex sorriu divertido.

–Depois que você comer, ou se virar pra mim.

–Por que não volta de onde veio? Eu estava dormindo. Eu não quero comer e eu não vou desmaiar.

Senti seus dedos fazendo força em meu cabelo, sua outra mão tentando me virar para ele. Se ele soubesse o que estava fazendo comigo.

–Sam!

–Eu já falei pra me deixar em paz!

–Me desculpe se demorei.

Bufei. Ele tentou me virar mais uma vez e tentei soca-lo, nunca fui muito boa em vencer uma briga. Alex prendeu meus pulsos e sorriu.

–Abra os olhos.

–Não. Apenas me solte e volte pra lá.

–Não estou afim de carregar caixas e ouvir uma adolescente falando no meu ouvido.

Sorri ironicamente.

–Sei.

–Está com ciúmes?

–Não.

–Então abra os olhos.

–Não.

O senti se aproximar, seus lábios tocando minha orelha.

–Abra os olhos, Sam.

–Seu desgraçado, me solta agora Alex! Agora!

Ele sorriu.

–Você fica encantadora com ciúmes. Eu gosto disso.

–Eu não estou com ciúmes de você. –O encarei. Era claro que eu estava.
–Pode voltar pra sua adolescente...

–...Alex? está acordado? Pode me ajudar em mais algumas coisinhas? –
Sorriu.

O encarei, algumas coisinhas?

–Você...–Senti seus lábios pressionando os meus e a garota gritando insistentemente do lado de fora. Alex se afastou segundos depois.

–Não posso usar as mãos, ela vai embora.

Fechei os olhos puxando todo o ar que conseguia. E ela não parou, ela não ia parar.

–Ela é importante? Eu juro que vou matá-la, se ela não calar a boca.

–Não pode, ela é neta dos donos.

–Que bela porcaria de lugar que paramos. Essa notícia é perfeita.

–Se eu te soltar, você vai ficar quietinha?

Assenti, mas é claro que eu não ia. Estava com muita raiva e pelo que me lembro ele disse que eu poderia me expressar caso não gostasse de algo. Senti meus pulsos livres e seu corpo cair de lado.

–ALEX. –Cantarolou. Da forma que mostra que eles fizeram mais do que algumas coisinhas.

Antes que eu conseguisse saltar sobre ele, Alex me puxou de volta pra cama caindo sobre mim e me presando contra ele.

–Eu vou calar essa garota agora, ou você sai e a leva para bem longe daqui.

–Shhh, ela vai te ouvir. E eu não vou a lugar nenhum. – Ele estava rindo disso tudo.

–Ela quer repetir as coisinhas que fizeram. Não entendeu ainda?

–Você está adorável. – Deslizou seus lábios pelos meus.

–Você bebeu?

–Não.

A ouvi gritar de novo e antes que eu pudesse gritar, Alex estava me beijando de novo. Não era só tocar nossos lábios. Era um beijo de verdade, sentindo a temperatura do meu corpo mudar drasticamente a ponto de não conseguir acompanhar. Suas mãos prendendo meus cabelos com força, enquanto seu corpo se movimentava lentamente para me prender a ele. Me fazendo senti-lo.

–Você está me beijando...–Sussurrei. Já havíamos esquecido a garota.

–Estou. Me...

–Não ouse pedir desculpas. –O puxei de volta. –Eu não estou reclamando.

Ele sorriu contra meus lábios.

–Ótimo.

Rose parou de chamar, havia me esquecido dela quando Sam e eu começamos a nos beijar, o medo e a ansiedade era tanta para o momento "natural" chegar, que não nos tocamos quando ele veio. Sam era realmente pequena e cheguei a pensar que a sufocaria com meu peso, mesmo assim ela me mantinha agarrado a ela até precisar de ar, meu corpo tombou de lado e ela sorriu tímida.

–Isso foi...

–Aconteceu. –Me fitou. –Amanhã podemos esquecer.

Era assim?

–Certo. Não foi tão ruim para uma primeira vez. –Seus lábios tocaram meu peito. Afaguei seu cabelo lentamente aproveitando as sensações que ela me passava. –Acho que agora você pode dormir.

–Boa noite, Alex.

–Boa noite.

Estaria mentindo dizendo que consegui dormir, passei a noite em claro vendo os primeiros raios de sol entrar pela janela. Sam se mexeu lentamente me dando as costas, eu não queria acordá-la sabendo o quanto uma, boa noite de sono a faria bem. Arrumei minha mochila e fui para um banho frio. Segundo Alicia, tínhamos um porão para limpar, deixei um bilhete ao lado do travesseiro e sai.

Rose estava sentada em seu trailer a alguns metros, assim que me viu se levantou as pressas correndo em minha direção. Rímel forte e mini camiseta mostrando a barriga e uma longa tatuagem em sua cintura. Rose era basicamente um núcleo de confusão.

–Alex, bom dia.

–Bom dia. –Falei seguindo para o bar.

–Eu te chamei ontem. –Fez careta. –Você não me escutou?

Escutei e te salvei da morte. Sorri ao lembrar de Sam de uma maneira que pensei que nunca veria. Brava.

–Eu estava cansado demais, peguei no sono. –Menti.

–Certo. Temos um porão para limpar hoje. –Sorriu. –Vovó me deixou no comando.

Que ótimo.

–Aquela garota...

–Minha amiga.

–Só amigos?

Assenti.

–Ela já foi embora?

–Não.

Empurrei as portas duplas encontrando o salão vazio, Rose caminhou até o balcão pegando a chave e me empurrando com ela para as escadas que davam para o segundo andar. Havia uma porta media que provavelmente nos levaria ao porão.

–Ela vai vir? – Parou no caminho me encarando.

–Sim, trabalhamos juntos.

Rose acendeu a luz iluminando a escada até lá embaixo. Ela não parou de falar durante todo o caminho, queria saber quanto tempo ficaríamos e para onde iríamos. Tentei ao máximo ser automático. O porão cheirava a álcool e poeira, havia muita caixa fora do lugar e pequenos insetos passando de um lado a outro. Rose indicou por data as caixas que deveríamos levar para cima.

–Você fazia isso sozinha?

–Não, meu primo Alan me ajudava. Mas o desgraçado foi pra cidade e não deu as caras desde ontem. Você foi um anjo por ter aparecido justo no dia de reposição. –Tocou meu braço.

–Tentarei ajudar. –Peguei a primeira caixa rumo a saída.

Eu sabia que precisaria de muita paciência, ela não deveria ser tão difícil quanto Baby era. Deixei a primeira caixa e voltei, Rose estava sentada em cima de uma mesa apenas observando o serviço, da quarta vez que subi Sam estava no balcão me encarou.

–Bom dia. –Falei me aproximando.

–Bom dia. Por que não me acordou?

–Você estava cansada.

–Eu não ia matar sua nova amiguinha. –Sorriu.

–Fico feliz em saber disso. – Sussurrei em sua orelha dando um beijo em sua testa.

Rose apareceu na porta do porão, seu sorriso largo agora algo distorcido. Sam apenas a encarava.

–Você acordou, já coloquei tudo o que precisa no banheiro. –Avisou.

–Como?

–O banheiro, ficou pra você. Alex e eu estamos carregando as caixas do porão. – Rose tentava parecer a dona do lugar que dava ordens e tudo mais.

–Claro, banheiro. – Sam me encarou. –Por que não?

Segurei seu braço quando passou por mim.

–Não precisa fazer isso.

–Algum problema? –Rose perguntou.

–Nos dê alguns minutos. –Pedi. Sam me acompanhou até o lado de fora do bar.

Ela chutava o chão arremessando algumas pedrinhas ligeiramente irritada.

–Podemos ir embora.

–Não, precisamos de dinheiro. – Apertou os dedos.

–Você não precisa limpar banheiros.

–Não temos escolhas. – Me encarou.

–Você pode me ajudar no porão se eu falar com ela.

Riu.

–Ela é só uma adolescente achando que manda em alguma coisa. Eu sou o cara bonito que as adolescentes gostam.

Agora ela riu de verdade.

–Claro. Acha que ela vai trocar estar sozinha com o cara bonito para eu estar junto? Não.

Uma caminhonete estacionou a poucos metros de nós e Rose apareceu na soleira, ela havia retocado a maquiagem. O garoto moreno pulou da parte do motorista e bateu a porta nos encarando. Ele tinha quase a mesma altura de Alex, seu cabelo era uma bagunça para todos os lados, as covinhas profundas surgiram quando sorriu.

–Bom dia.

–Bom dia. –Falei.

–Turista?

Rose entrou na frente.

–Esse é o Alex. –Sorriu tocando meu ombro.

–E a garota você fez questão de ignorar. –O garoto sorriu. –Você é?

–Sam.

–Sou Alan. Perdidos?

–Não, eles estão de passagem. Por sinal, Alex está me ajudando no seu trabalho.

Alan sorriu.

–Fico feliz, minha coluna agradece.

–Então, eu acho que podemos voltar ao trabalho. –Rose segurou minha mão.

–Eu preciso...

–Tudo bem Alex, pode ir. –Sam não me encarou.

Isso estava um saco!

Tentei carregar o máximo de caixa para o salão, ignorei a voz de Rose e cheguei a ser um pouco ignorante. Vi Sam duas vezes, ela estava limpando o banheiro feminino enquanto Alan xingava alto limpando o masculino. Ela ria disso de modo que se encolhia. E me ignorou também.

–Acho que alguém está se divertindo. –Rose me bloqueou na saída. –Sua amiga está se divertindo. Alan é muito, muito bom com as garotas.

Soltei a caixa.

–Você deveria se divertir também.

–Eu preciso fazer meu trabalho, Rose.

–Eu sei. –Tocou meu rosto. –Mas alguns minutos não fazem mal a ninguém.

–Não me leve a mal, mas...–Ela não me deixou terminar. Em segundos tinha uma adolescente enrolada em meu pescoço.

Quando consegui afasta-la ela percebeu que eu estava falando sério.

Peguei a caixa no chão e a empurrei delicadamente.

–Por favor, não faça mais isso.

–Mas...

A deixei para trás levando a última caixa. Sam não estava mais quando eu sai, a procurei no segundo andar e ela havia desaparecido. Rose não saiu do porão depois disso. Encontrei Sam na hora do almoço, ela estava ao lado de Alan comendo silenciosamente e bebendo mais do que eu poderia me lembrar ser possível ela beber.

–Sam. –Me encarou. –Podemos conversar.

–Não. Tenho um salão para lavar em alguns minutos.

–Eu te ajudo.

–Alan irá fazer isso. –Falou voltando a cerveja.

–Rose não vai desgrudar de você hoje. Ela está encantada depois do primeiro beijo com o turista. –Alan comentou sorridente.

Droga! Eu não acredito. Eles viram!

–Podemos conversar agora, depois você vai pro salão.

–Estamos indo. –Cutucou Alan. –Não é?

–Pra já princesa.

Princesa? Okay. Ela ia me ignorar agora e descobriria que minha paciência tinha limite. Voltei ao trailer e arrumei nossas coisas, havíamos tido uma péssima parada então não passaríamos mais nenhum dia ali. Enfiei nossas

coisas no carro e esperei que voltasse. Quase seis da tarde quando ela entrou no trailer piscando lentamente e cheirando a álcool.

–Por que bebeu tanto?

–Porque isso é bom. –Me encarou. –Eu vou tomar um banho e vou voltar pra lá.

–Não, nós vamos embora.

–Por que?

–Porque você está chateada. E eu não quero outra briga.

Gargalhou.

–Eu não estou chateada, estou ótima. Me sinto muito bem. Agora vou tomar banho e me arrumar porque meu trabalho ainda não acabou.

Segurei a porta.

–Você não vai a lugar nenhum.

–Você não manda em mim. – Tentou parecer firme.

–Vou ser obrigado a isso se não me ouvir. Não quero arrasta-la pra dentro daquele carro.

–A ideia de parar foi sua!

–Uma péssima ideia por sinal. Estou tentando consertar essa merda, então pare de bancar a criança e me escuta. Nós.vamos. embora!

Me encarou.

–Vou me arrumar, tenho mesas para servir e eu sou a pessoa sem dinheiro aqui. –Me empurrou entrando no banheiro.

–Droga Sam! –Gritei.

Esperiei o chuveiro ser desligado e esperava que a água fria tenha ajudado. Samantha deixou o pequeno espaço enrolada na toalha e procurando sua mochila.

–Onde está? –Me encarou.

–No carro.

–Por favor, você pode trazê-la?

–Sam...

–Vamos começar?

–Você precisa me dizer por que está assim. Eu estou começando a gostar do fato de não termos paradas porque isso só nos faz brigar. Eu não quero brigar com você, não são esses os meus planos.

Seus olhos estavam vermelhos.

–Não estamos brigando. Só quero uma roupa e voltar ao trabalho.

–Você não precisa trabalhar. Eu já falei, vamos voltar pra estrada agora.

Bateram na porta e não a deixei atender. Alan tinha o mesmo sorriso idiota no rosto quando me viu.

–Ela não vai, pode avisar que estamos indo embora.

–O que aconteceu?

–Ela não está bem...

–Alex! –Sam me puxou mas não soltei a porta.

–Obrigado por nada. –Bati a porta. – Pode se arrumar. Nós vamos embora.

Ela se sentou na beirada da cama e segurou a cabeça. Ficou assim por um tempo.

–Eu estraguei tudo...me desculpe.

–Não, você não estragou nada.

–Por que a beijou? Pensei que quisesse se livrar dela.

–Ela me agarrou e agora está envergonhada o bastante para não aparecer por aqui. Ela é só uma garota. Se ficarmos mais um dia as coisas irão desandar. Vou pegar uma roupa pra você, está melhor?

Assentiu.

–Alex. –Chamou arrastado quando segurei a maçaneta. Se levantou vindo em minha direção e me abraçou.

–Vamos sair daqui e me lembre de mantê-la longe do álcool. Você é fraca pra isso.

Samantha

Era tão idiota a forma que eu estava agindo, eu sabia disso melhor do que ninguém. E não sabia explicar pra mim mesma o que estava acontecendo. Seis horas que deixamos nossa parada, Alex não quis pegar o dinheiro do nosso trabalho, simplesmente me jogou no carro e pegou a estrada. Eu não poderia dizer que estava tudo bem, porque estava sob efeito de álcool e qualquer coisa que eu dissesse, sairia errado.

Estava escuro e não trocamos nenhuma palavra, começou a esfriar então passei para o banco de trás pegando uma manta enrolada em mil formas diferentes embaixo do banco. Ela cheirava a Alex, eu não sou o tipo de garota que levanta a placa dizendo que gosta do perfume masculino, digo o natural. Acho um pouco anti-higiênico porque todo mundo sabe como esse perfume chega. Alex cheirava a sabonete normal e colônia e se inspirasse bem fundo, sentiria seu perfume natural. O suficiente para ser agradável e natural e não uma visão de uma cara banhado a suor – o que não é realmente cheiroso.

Repousei meus pés no banco e encarei o teto, meu celular estava carregado e as mensagens pararam de chegar havia alguns dias. Estava ocupada demais para me preocupar com elas e me sentia um pouco melhor para lê-las e ouvi-las. Coloquei meus fones e fui na primeira mensagem.

"Você deve estar me odiando muito, eu sei. –Beatriz – Eu tentei te contar um dia, eu tentei te contar o tempo todo mas sempre que decidia, alguma coisa acontecia. Como o acidente do seu pai, você se lembra? Eu te liguei e disse que precisávamos conversar. Ou quando me afastei duas semanas e te ignorei, eu queria saber se podia abrir mão de sua amizade, ou melhor, se conseguiria. Eu não queria que me odiasse... você era como uma irmã pra mim e me arrependo muito disso... mas eu o amava e estava cega..."

"Sou eu de novo, você sumiu e não posso ir até sua casa. Por Deus, Sam,

não faça nada de errado eu não vou me perdoar por isso. Podemos conversar? Eu só quero conversar."

Próxima mensagem.

"Conseguí um emprego, novo... Vou passar um tempo fora e volto em um mês. Não é um tempo, talvez seja o meu tempo para te dar tempo. Me ligue quando conseguir falar comigo novamente."

Acabou as mensagens e começou as de Dave, senti meu peito se apertar de forma assustadora e minha cabeça doer. As lágrimas vieram logo em seguida e agradei minha posição evitando que Alex me visse chorar.

"Se não me disser onde está eu vou te caçar Sam, você precisa me escutar. Eu não quero que as coisas fiquem assim e você me conhece. Eu sou fraco como você é, não era pra nada daquilo ter acontecido mas aconteceu e eu me arrependo. Você fugiu, você que sempre disse ser forte fugiu. E eu sei que você é, então por favor pelo menos me diga que está bem."

"Sam, você está me deixando louco. Eu sinto sua falta, todos os dias, todos os segundos. Eu fui um canalha, mas sempre te amei e você sabe disso, talvez não acredite mais, mas eu te amo demais e isso está doendo em mim também."

"Você deixou seu pai e eu não posso falar com ele, Dora disse que poderia causar um enfarte caso me aproxime... Eu não desfiz do nosso apartamento, estou te esperando para conversamos. Onde quer que esteja, eu quero que esteja bem e que me avise quando quiser conversar. Eu não vou pensar duas vezes para busca-la. Eu te amo e por favor não me odeie por isso...já tem gente demais fazendo isso."

"Eu me demiti e sai de casa, estou no apartamento vendo nossas coisas. Meus pais estão me odiando mas abri mão de tudo e me afastei de todos. Só vou recomeçar quando consertar meus erros, eu preciso de você Sam. Eu preciso que me perdoe e que me escute. Eu te amo."

Minha cabeça deu um nó e por alguns segundos fiquei com falta de ar, toda a vontade de chorar agora parecia multiplicada por mil e gritei fazendo Alex parar no meio da rodovia.

–Continua. –Sussurrei.

–Eu vou encostar.

–Continua. –O encarei. –Por favor, só continua.

Li quase todas as mensagens, era mais fácil fazer isso agora. Tinha uma noção de como as coisas estavam agora depois de semanas. Alex parou em algum momento, apenas arvores nos cercava, desligou os faróis e fechou um pouco os vidros passando para o banco de trás onde eu estava se sentando a meu lado. A geada embaçou os vidros, ele me encarou por alguns segundos.

–Quer falar o que te deixei assim?

Neguei.

–São aquelas pessoas?

Sim, mas você não precisa se envolver.

–Não confia mais em mim?

–Eu confio.

–Então porque não me olha mais? – Sua voz fez meu corpo tremer.

Respirei fundo, minha cabeça estava confusa.

–Vem aqui. –Me puxou para o seu colo de forma que seu corpo grande tentou ocupar todo o banco.

Dave não fazia isso, não espontâneo e eu amava isso. Ao mesmo tempo me assustava. Seus dedos frios levantaram meu rosto escovando meu cabelo para trás. A vontade de chorar apenas aumentou. Você sabe como isso vai terminar? Com o coração machucado de novo. Sabe por que? Porque seu coração quer nutrir algo por um cara que te machucou ao mesmo tempo, implora pelo cara que vai te deixar depois que essa viagem acabar. Um cara que amou alguém que não vai voltar e que não tem pressa para dar espaço para outra. Ele é apenas homem.

–Eu não gosto de te ver chorando. – Seus olhos, seu jeito. Isso era inexplicável.

–Chorar é o que eu mais faço, acho que os 70% de água do meu corpo se reduziu a 20%.

Alex sorriu tocando os lábios em minha testa.

–Tem vontade de voltar pra casa?

–Não sei. –Sussurrei.

–Não está oscilando? –Me encarou.

Respirei fundo.

–Talvez. Eu não quero achar que tudo o que fiz foi errado, mas se a gente parar para pensar nas nossas atitudes, essa é a primeira coisa que vem à cabeça. Que estamos fazendo tudo errado.

–Acha errado está aqui comigo?

A vontade de chorar voltou. Meus dedos estavam cravados em seus ombros, acho que isso respondia a sua pergunta.

–Esta?

–Isso é só uma carona, não é?

–Estou falando de eu ser um erro, Sam.

–Você não é, não dessa maneira.

–E de que maneira seria?

Não me faça dizer isso quando sei que vou me magoar mais. Por favor.

–Eu não sei. –Senti seus dedos se fechando lentamente me minha nuca puxando fios de cabelo.

–Você sabe.

–Minha cabeça está uma bagunça e quando acho que está tudo bem, a nova realidade diz que não.

–Que nova realidade?

–Não seja como eles, seja algo novo a cada dia. –Supliquei. Ele deveria entender. O senti querer se afastar e me agarrei a ele. –Não por favor, não assim.

–Sam...

–Você é a única coisa que me faz bem agora, mesmo confusa e idiota eu preciso de você. –O encarei. –E você acabou de me fazer confessar isso.

–Eu sou o cara desconhecido. –Senti seus lábios se moverem em minha bochecha.

–Nos últimos dias, eu não me importo. –Meus lábios roçaram os seus.

Senti sua mão puxar com um pouco de força meus cabelos e quase lentamente me jogar para ele. Nosso terceiro beijo pareceu mais íntimo de maneira que eu não saberia explicar, mas estar com Alex me fazia bem. Bem até demais para quem tinha uma realidade batendo de frente. As pontas de seus dedos brincaram em minhas costas e a manta fora deixada de lado. Minhas mãos subiram para seu pescoço o puxando pra mim, como se estar perto daquela maneira não fosse o suficiente.

Me pressionei contra Alex quando o senti se afastar e tocar meu pescoço, lábios ou língua faziam um caminho morno por ali e isso me causava arrepios. Já havia perdido todos os meus sentidos quando passamos um pouco dos limites. Ele não parecia querer ultrapassá-los minutos antes. Agora ele tinha os olhos em chamas e mordeu meu lábio inferior quase o reivindicando. O arranhei sem querer e ouvi o som baixo escapar de sua garganta.

–Sam...–Acho que ouvi uma risada em sua voz apreensiva. O puxei ainda mais, era um aviso de que estava tudo bem.

Seu corpo se consertou no banco e joguei minhas pernas de lado apertando-as em volta das suas. Sua mão ainda puxava meu cabelo levemente como para me manter ali enquanto a outra me apertava pela cintura. Não importaria o que poderia acontecer ali e antes que eu pudesse concluir meus pensamentos, uma luz atingiu a janela nos assustando.

–Droga...–Alex murmurou. Ouvimos os dois toques na janela e me joguei de lado frustrada o vendo passar para o banco da frente.

–Algum problema aqui?

Eu queria socar os vidros.

–Não. –Alex respondeu. –Tudo certo.

–E a garota?

–Estou bem. – Falei entregando minha voz rouca e cheia de desejo reprimido.

O guarda enfiou a cabeça na janela e provavelmente viu uma mulher à beira da combustão. E eu sabia que isso não se repetiria. Droga! Mil vezes droga.

–Você é de maior?

–Sou. –Puxei minha mochila no chão pegando minha identidade.

–Certo. –Me devolveu. –Se estão com problemas no carro acho melhor chamar um guincho, e saiam do local isso é uma aérea preservada. Vou deixá-los passar por essa mas da próxima vez terei de aplicar uma multa e por essas horas é bem perigoso.

–Sim senhor. –Alex continuou em tom normal. Eu não deveria dizer nada pelas próximas cinco horas ou até tomar um banho frio e me recuperar.

–Tenham uma, boa noite.

–O senhor também.

Por favor fique seu guarda, não vai! Ele foi. Alex me encarou com um meio sorriso.

–Tudo bem?

–Tudo ótimo. Pensei que isso só aconteceria na minha adolescência. – Resmunguei puxando a manta.

–Acho melhor sairmos daqui.

Eu queria estar morta agora!

Alex

Dirigi dois quilômetros até encontrar uma cidade e dispensar motéis, achei uma pensão logo na entrada da cidade rodeada de jovens sentados na porta provavelmente vindo ou indo pra noitada as duas da manhã. Sam estava dormindo no banco de trás e eu quase subi a calçada a observando. Estacionei ganhando alguns olhares antes de sair.

–Boa noite. –Os cumprimentei. –Sabem me dizer se estão atendendo a essa hora?

Uma loira de trancinhas no cabelo soltou o moreno a seu lado e desceu dois degraus da soleira.

–Turista?

–Sim. Estou acompanhado, viajei alguns quilômetros até aqui. Precisamos de um lugar para dormir.

–Bom, os donos estão dormindo a essa hora. Mas trabalho na recepção, posso entregar um quarto contanto que estejam aqui pela manhã para me pagar e preencher a ficha de cadastro.

–Tudo bem.

Sam se remexeu no carro quando a chamei, ela demorou alguns segundos até abrir os olhos e me encarar.

–O que foi? Aconteceu alguma coisa?

–Achei um lugar pra gente dormir, mas precisamos ser rápidos.

Seus olhos seguiram pra entrada.

–Outro motel?

Sorri.

–Não. Uma pensão, melhor e provavelmente mais limpo que um quarto de motel.

Passamos pelo grupo na entrada jogando conversa, Samantha piscou algumas vezes, sim aquele lugar era melhor do que um motel. A garota nos encarou por algum tempo antes de abrir um sorriso e seguir para o balcão logo na entrada. Sam se sentou em um dos sofás da sala e apoiou a cabeça nas mãos fechando os olhos novamente.

–Viagem longa? –A garota me passou a chave. –Antes que eu me esqueça, Dana.

–Alex. –Apertei sua mão. –E sim, é uma viagem longa.

Sam nos encarou, Dana deu a volta no balcão e estendeu a mão para ela.

–Espero que se sintam em casa. Sou Dana.

–Sam e muito obrigada.

–Bom, vou deixá-los se achar. Estamos tendo um tempo livre caso percam o sono e queiram se juntar a nós na cozinha daqui a meia hora teremos pizza.

–Isso é um convite tentador, mas acho que meu sono não entende. –Sam sorriu. –Muito obrigada.

–Bom, mesmo assim já sabe onde nos achar. Boa noite. –Dana saltitou para fora novamente.

Sam sorriu.

–Ela é legal.

–Deus ouviu minhas preces. –Sussurrou seguindo para escada.

Nosso quarto era grande, uma cama grande e cheirosa. Samantha se limitou a tirar os lençóis se jogando nela de qualquer jeito e puxando um dos travesseiros.

–Cheiroso e confortável. –Murmurou. –Isso é a sombra do paraíso.

–Temos um banheiro com água quente. –Avisei deixando o banheiro. – Um banheiro no quarto.

–Precisamos de um banho. –Falou se sentando na cama.

Sam não era inocente, eu sabia disso. Porém ela tinha todas aquelas feições delicadas de alguém inocente. Isso estava pirando a minha cabeça como aconteceu no carro, um assunto que não prosseguiu.

–Pode ir primeiro. Estou levando a ideia da pizza muito a sério.

Ela sorriu.

–Que feio senhor, Alex.

–Ela convidou.

A vi se arrastar da cama e entrar no banheiro. Aproveitei para colocar meu celular no carregador e ajeitar algumas coisas na mochila. Não demorou muito ela estava de volta, ignorei minhas mensagens a fim de um banho também, provavelmente a encontraria dormindo depois que deixasse o banho.

Errado! Sam estava sentada na cama folheando uma revista. Me encarou com um enorme sorriso, ela tinha um sorriso encantador.

–Eu ouvi um barulho no andar de baixo, acho que a pizza chegou. – Abafou um sorriso.

–Que feio Samantha Alison, está de olho no que não é seu.

–Tive quem me ensinar. –Zombou. –Mas se queremos comer mesmo, acho melhor descermos.

Todo o grupo de mais cedo estava reunido na cozinha da pensão. Dana era a que mais falava e alto sempre tendo alguém fazendo sons com a boca para que ela se calasse ou falasse baixo. Sam estava envergonhada e como uma pessoa corajosa, ela me jogou na frente e isso me fez rir chamando atenção.

–Vocês vieram. –Dana se aproximou pegando nossas mãos. –Hei pessoal, nossos hospedes resolveram descer.

Passamos pela parte de conhecimento mas me esqueci de todos os nomes no segundo em que abriram as bandejas de pizza. Sam me encarava sem conseguir conter o riso e a puxei para mais perto.

–E então, para onde estão indo? –Uma ruiva na ponta da mesa perguntou. Ela tinha uma enorme tatuagem subindo do pescoço até seu rosto para uma garota um tanto delicada.

–Nova York. –Sam respondeu. –Ele está apenas rodando o país.

Um som de aprovação ecoou.

–Rodando o país? Isso é interessante e corajoso.

–É divertido. –Falei.

–O que vai fazer em Nova York? –Dana perguntou.

Sam mordeu o lábio antes de abrir um meio sorriso e mentir.

–Férias.

–Então vocês não são namorados? –A loira nos encarou confusa.

–Não.

–Mas se pegam? –A ruiva continuou.

Não encarei Sam, pois sabia que ela estaria sem cor a essa hora.

–Acho que estamos em zona vermelha. –Dana sorriu. –Não precisam se envergonhar. É normal, duas pessoas viajarem juntas acabar se envolvendo. –Mordeu sua pizza. –Eu me envolveria.

Certo, ela não tinha filtro algum. Outro assunto começou e Sam conseguiu acompanhá-lo. Os "caras" resolveram falar de jogos e campeonato, tentei acompanhá-los também mesmo não tendo futebol como meu esporte favorito. Senti meu celular vibrando em meu bolso e me afastei.

–Ada?

–Ele ainda usa o celular.

–Me desculpe, só consegui parar agora. Algum problema? Você está

bem?

–Estou. Mas precisamos conversar. Me dê um segundo. –Ouvi alguém falando ao fundo e segundos depois ela estava de volta. –Jane ligou.

–Jane? Pra que? O que aconteceu?

–Gregori está mal. Eu sei que ele era seu sogro, e que vocês se davam bem, mas isso não é uma responsabilidade sua.

–O que ele tem?

–Outro ataque do coração. Eu fui vê-lo, uns dois atrás e só te liguei porque sei que não poderia mentir sobre isso. Chego em Chicago em dois dias e fico lá por uma semana, onde está?

–O que vai fazer em Chicago?

–Visita. E então?

–Estou entrando em Iowa.

–O que foi?

–Nada.

–Eu sei que é alguma coisa, então me diz logo.

Encarei Sam me observando do outro lado. Droga!

–Eu te encontro em Chicago. –Sai.

–Você sabe que não precisa, eu disse que você está viajando. Você não quer nada deles, certo? Então não tem porque voltar, mesmo eu sentindo sua

falta. Seus fantasmas não precisam te acompanhar de novo.

–Eu vou, Ada. Só preciso fazer uma coisa antes.

Ela xingou baixinho arrependida.

–O que por exemplo?

–Preciso deixar uma pessoa em um aeroporto.

–Que pessoa?

–Uma amiga.

–Alex? Com uma amiga? Você conheceu uma garota e não me disse?! –
Gritou.

–Ela não é importante. Só dei uma carona, ela foi assaltada e agora está sem dinheiro. Vou deixa-la no primeiro voo para Nova York e te encontro.

–Não! Você não pode deixa-la. Alex, tente gravar sua voz e verá que está lutando contra isso. Gregori vai ficar bem com a família dele. Ele não é tão importante quanto essa garota.

–Ele é. Eu mal a conheço Ada, então vou deixa-la e te encontro. Estou com saudades também.

–Alex, não vejo problema em trazê-la.

–Eu estou voltando pra casa Ada, ela está indo em direção contrária.

Ela gritou.

–Da próxima vez me lembre de perguntar as novidades. Se eu soubesse

que estava com uma garota eu jamais teria dito nada.

Sorri.

–Mas disse e eu fico grato por isso. Vou ligar pra Jane assim que eu conseguir, eu sei que deve estar sendo difícil pra ela.

–Como eu disse, ele tem família. E uma família grande por sinal. Você não os pertence mais.

Eu sei.

–Ele esteve comigo quando eu precisei Ada, pode entender isso?

–Pensei que não gostasse de despedidas.

–Eu não gosto. Mas se foi um pedido, acho que posso tirar da lista de uma das coisas que não fiz e me arrependi.

–Você tem uma semana pra pensar. Agora me diz como ela é e me manda uma foto. Estão a quanto tempo juntos?

–Eu te ligo depois Ada.

–Alex!

Desliguei. Voltei a cozinha, Sam não estava entre as garotas e talvez tivesse ido me procurar, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa Dana passou a frente.

–Ela subiu.

–Algum problema?

–Ela disse que estava um pouco cansada, mas ela estava tão bem.

–Obrigado.

A luz do quarto estava apagada quando entrei, Sam estava enrolada nos lençóis.

–Sam? Tudo bem?

–Sim, só estou com sono.

–Tem certeza?

Respirou fundo.

–Só me deixe dormir, tudo bem?

–Eu...

–Boa noite, Alex.

Não está nada bem.

sete da manhã e Alex dormia a meu lado. Sua respiração profunda e silenciosa, minhas mãos doeram para se enfiar em seu cabelo. Mas me contive quando tudo veio em mente novamente.

Eu precisava dar um jeito nisso.

Encontrei Geórgia no corredor, ela estava com os cabelos ruivos presos no alto da cabeça e um sorriso radiante de quem dormiu muito bem. Passou o braço por meu ombro e me desejou um bom dia animado.

–Hei, não pegou o bonitão essa noite? Por favor, as camas daqui são confortáveis.

–Somos apenas amigos.

O resto da turma estava na sala, encarando a TV. Dana acenou da cozinha com uma espátula e fui arrastada até lá. Pareciam ser as mesmas pessoas da noite passada.

–Como foi? –Dana perguntou com a mesma empolgação de Geórgia.

–Não foi.

–Eles são apenas amigos. –Geórgia repetiu. –Eu sei que não são e você sabe que não é. Ele pareceu preocupado ontem à noite.

Ele acha que isso é uma obrigação.

–Acho que vamos começar bem a manhã. Com panquecas de chocolate e café, lá no meu quarto.

Queria saber se era idiota demais querer chorar o tempo todo quando as pessoas eram legais comigo. Era tão diferente do que eu estava acostumada, queria abrir a torneira e deixar uma grande inundação acontecer como fiz com Alex só que dessa vez, para garotas como eu. Eu nunca me abri com garotas

além daquela que me traiu.

–Certo, são sete e dez da manhã. Pode começar a se abrir. –Dana me serviu. Seu quarto era mais íntimo que o meu. Grande demais para alguém que só está hospedado ali.

–Preciso de um emprego temporário.

Elas me encararam.

–Por que? Resolveram ficar?

–Eu vou ficar até conseguir dinheiro o suficiente para voltar pra casa.

–Tudo bem, vamos pelo começo. O que aconteceu?

Já que era para contar tudo, eu o fiz. contei cada detalhe desde minha saída de casa até onde estava agora. contei toda minha vida para duas garotas que nunca havia visto antes mas que pareciam mais receptivas do que aquelas que conheci. Dizer o quanto sua vida era vazia, era uma lição de vida. Tentei não deixar nada de fora, não havia motivo de ter aquilo só pra mim, eu não queria mais.

–Então ele vai te deixar em um aeroporto e acabou?

–Ele só está tentando me ajudar.

–Não! Ele sabe que vocês têm mais do que uma tensão sexual e está na cara que ele é um homem diferente e que não tentaria nada só porque você é uma garota bonita. Mas isso não justifica ele dizer o que disse e simplesmente te dizer um até mais. Ele deve possuir algum sentimento, ou é um cara que joga tudo fora. Vocês quase se pegaram em um trailer e tentaram repetir em um carro, qual é? –Dana falava sem controle.

–Eu cansei de as pessoas estarem comigo por algum motivo e depois se

cansarem e fazerem algo nas minhas costas para sentir bem. Se ele tem que ir, eu não vou tentar mudar isso.

–Não era isso que eu esperava ouvir. –Geórgia bateu a mão na testa.

–Eu não sou importante.

Dana disse que iria me ajudar, descobri também que seus tios eram donos da pensão então tudo se tornava mais fácil. Nunca ri tanto e me senti bem com "garotas" como me senti com elas. Garotas completamente diferentes de mim.

–Vamos ter um festival aqui amanhã. Tia Berna vai vender bolos e essas coisas, você pode vir com a gente. Nossa banda favorita vai tocar, não é nada famosinho mas você vai gostar.

–Se gostar de indie, é claro. –Georgina me encarou.

–Eu gosto.

–Vamos dar uma volta, você quer vir?

Quanto mais adiar uma conversa – se houvesse – com Alex, melhor.

–Eu vou, só preciso de um banho.

–Vamos no melhor restaurante da cidade.

Me dei conta de que passamos a manhã toda conversando, depois de falar sobre mim eu conheci um pouco de cada uma delas. Era hora de enfrentar Alex e ele estava parado na porta do quarto quando deixei o quarto de Dana. A porta estava aberta, então apenas entrei e ele me seguiu.

–Pensei que não a veria hoje.

–Estava com as meninas.

Abri minha mochila em busca de alguma coisa para vestir. Qualquer coisa rápida.

–Vai sair? –Perguntou se sentando na cama e me encarando.

–Vou.

–Passar o dia com as "garotas".

Puxei um vestido florido o jogando em cima do ombro.

–É.

–Pensei que ficaríamos juntos.

–Fazendo nada como sempre? Não, obrigada.

Segui para o banheiro contando mentalmente até cem. Acho que fiz isso duas vezes até deixar aquele metro quadrado. Alex estava no mesmo lugar com os braços apoiados nos joelhos e as mãos repousando o queixo. Peguei meu sapato embaixo da cama e joguei tudo o que precisava em uma carteira media. Eu sabia que ele estava me observando e se tocássemos novamente no assunto, as coisas sairiam do lugar. E se ele não disse nada até o momento, então era porque seria uma despedida sem aviso.

–Quer me dizer o que está acontecendo?

–Você quer me dizer? – Me virei para ele.

–Você está estranha desde ontem. E parece irritada comigo agora.

Deus!

–Eu vou sair e me divertir, apenas isso.

–Por que está me evitando?

–Estou adiantando o seu lado. –Minha voz saiu um pouco alta.

–Do que está falando, Sam?

–De que eu não me importaria de voltar e não te ver mais aqui. Vamos tornar as coisas mais fáceis do meu jeito. Eu não preciso que me deixe no primeiro aeroporto que encontrar, não preciso que compre minha passagem pra Nova York. Eu vou ficar e vou conseguir com meu dinheiro ir pra qualquer lugar que eu queira ir agora. Eu não preciso da sua solidariedade, desde já obrigada por tudo.

–Sam...

–Me esquece ta legal. –Eu não posso chorar.

–Eu ia te contar.

Então ele realmente ia me deixar.

–Não precisa mais.

–Se você passar por essa porta, eu vou acreditar realmente que não quer me ouvir.

Eu queria gritar, mas apenas sai.

Depois que Sam saiu, senti isso como um aviso definitivo de que eu deveria ir embora. Havia sido uma escolha dela e analisando tudo nas últimas semanas, eu era o errado. Porque voltei para busca-la, pra ficar com ela de alguma maneira e na primeira ligação de Ada, era como se um rodo tivesse sido passado na minha cabeça e eu a deixei de lado. Mas não era pra ser assim, soar assim, parecer assim. Mas Samantha Alison era como um filtro, eu estava sendo algo ruim agora e ela não me deixaria entrar.

Dispensei almoçar na pensão e paguei pela nossa noite, dirigi até o centro da cidade e comi em uma lanchonete qualquer. Passei a tarde dentro do carro circulando e me dando tempo para pensar. Você não está fazendo nada de errado, pensei. E Ada tem razão, a maior parte do tempo ela tem razão. Uma nova mensagem chegou na minha caixa postal e era ela, sem broncas dessa vez.

"Hei, liguei para Jane. Ela disse que não precisava se preocupar e sim, eu me intrometi nisso. Gregori vai pra casa e ele está bem. Está tudo bem, okay? Te amo."

Repeti a mensagem algumas vezes, mas precisei ligar para Jane para ter certeza. Passamos quase duas horas falando ao telefone até meu celular avisar que estava descarregando. Voltei a pensão e Sam ainda não havia voltado, então Ada mandou mensagem uma atrás da outra não esperando por respostas, apenas mandava.

—Ela ouviu minha conversa. —Falei depois de ligar pra ela. —Ela acha que eu não a acho importante e ela me mandou embora.

—E você não fez nada? Alex, você não disse nada como resposta?

—O que você queria que eu dissesse? Há mais por trás dessa história do que parece Ada, Sam não é uma garota qualquer...

—Ela também não é a Joyce.

—Eu não estou dizendo que ela é.

—Um conselho de irmã, você está há muito tempo sozinho e eu não vou contar as garotas quer você esteve nos últimos anos. Então você a achou e isso soa tão bem e agora está deixando que ela mude todo o quadro que pintou a seu respeito. Você gosta dela Alex, não estou falando de atração. Você foi um babaca com ela e voltou para consertar as coisas e você já foi um babaca com outras garotas. Vai atrás dela e espero vê-los em Chicago em breve.

–E se ela não quiser falar comigo?

–Nada mais legal do que ser calada com um beijo. Coloca tudo pra fora. Agora eu preciso desligar, tenho algumas coisas para fazer. Eu amo você.

–Também amo você.

Encarei o relógio, oito da noite. Fiquei no quarto por mais duas horas e nem sinal de Sam voltar do seu "almoço". Nos primeiros sinais de vozes femininas eu me levantei vestindo um casaco e saindo o mais rápido possível do quarto. Dana estava sorrindo segurando algumas sacolas logo atrás a ruiva e outra garota que não me lembrava de ter visto ontem ou hoje pela manhã. O fato de não ver Sam entre elas já me preocupava demais.

–Dana. –Chamei. Ela me encarou por um segundo antes de se aproximar da escada.

–Samantha não está com vocês?

–Não. Ela ficou na cidade, conseguiu um quarto de hotel e disse que voltaria amanhã, talvez.

–Por que?

–Você devia saber. –A ruiva passou por nós.

–Bom, ela vai ficar pro festival. Ela preferiu ficar lá, eu insisti para ela nos acompanhar mas ela não queria.

–Que hotel?

–Não acho uma boa ideia você ir até lá agora, ela estava cansada, é sério nós andamos muito e ...

–Que hotel, Dana? É importante.

–Tudo bem. –Se afastou indo até a mesa de centro e afastando o jarro de flor anotando o endereço em um pedaço de papel. Ela me entregou e seu sorriso divertindo voltou a seu rosto.

–Obrigado.

–Não vai fazer mais merda.

A encarei.

–Garotas. –Sorriu de lado.

Sam contou a elas. Sam contou a elas? Contou? Eu treinei algumas coisas que eu queria dizer e a cada segundo parecia certo todas as certezas que dançavam em minha cabeça. Eu gosto da voz dela, do olhar, do jeito inocente por trás de uma grande mulher. Da personalidade e força que tenta a todo custo não deixar cair. Eu gosto de estar com ela e afastar qualquer perigo. Eu gosto dela de uma maneira diferente que parecia ser novo, e eu não sei se estou apaixonado mas eu gosto dessa versão de mulher. Não é como Joyce. Joyce não dependia de mim e não que ela dependa, mas eu sinto a necessidade de mantê-la perto e saber se está tudo bem.

Sam era diferente de qualquer garota que eu tenha conhecido. Ela parecia tão certa pra mim. O tempo todo. O hotel não me assustou como pensei que aconteceria, ficava em uma parte movimentada da cidade. Encarei o relógio no painel de tempo que alertava o trânsito e já era onze da noite. Estacionei em uma vaga ilegal para mim e saltei para dentro do hotel sem se quer verificar as portas do carro trancadas. Uma senhora me encarou dos pés à cabeça antes de perguntar em que poderia me ajudar.

–Queria saber o quarto de Samantha Alison, ela acabou de se hospedar aqui.

Girei o celular na mão algumas vezes antes dela me dizer

demoradamente onde ficava o quarto. Era no segundo andar e acho que estava em forma, pois cheguei bem rápido a ele. A última porta era a dela, número 38. Respirei fundo algumas vezes sentindo um ponto fixo em minha cabeça doer. Se ela for irreduzível? Ela pode ser. Ela foi saindo de casa. Eu fui idiota então ela pode ser se quiser. Bati na porta duas vezes e esperei. Sam demorou muito tempo até abrir o mínimo possível me dando a liberdade de não deixa—a fechar novamente.

—O que faz aqui? —Seus olhos estavam vermelhos.

—Precisamos conversar.

—Não temos o que conversar, Alex. Está tudo bem.

—Você mente muito mal. Acho que contar segredinhos para suas novas amigas é mais fácil do que se abrir comigo.

Bufei encostando a cabeça na porta.

—Eu apenas quis ficar aqui hoje.

—Por que?

—Porque brigamos e não vejo lógica dividir um quarto com você. Então você pode ir embora.

—Eu não vou embora enquanto não falarmos como homem e mulher e não adolescentes.

—Eu não sei do que está falando.

—Você sabe. —Entrei deixando a porta se fechar atrás de mim. —Estou falando disso que está acontecendo. De nós dois.

–Já falamos sobre isso ontem.

–Falamos de dúvidas e não de certeza. –Falei a vendo se encostar na cômoda como um ponto fixo de apoio.

Sam era fácil de ser desmontada, você só precisa de um olhar ou de uma simples palavra. Ela iria facilmente ao chão e enquanto observava suas reações, muros foram se erguendo dentro de mim e tudo o que eu menos queria agora era me perder dentro deles.

–Se está aqui pelo que aconteceu, com medo de seja como foi na primeira vez. Você pode ficar tranquilo, as coisas não serão assim. Eu vou voltar pra casa...–Encarou o chão. –Eu vou consertar as coisas.

–Consertar as coisas? Consertar que coisas, Sam? A sua vida?

–A... minha vida. –Sua voz soou tremula.

–Sam...

–É só a porcaria da minha vida, Alex. Isso... você não tem que estar aqui se preocupando comigo. Eu não sou a droga de uma pessoa importante.

–Você é importante! –Gritei. –Só me diz que você não fez a merda de ligar para aqueles desgraçados. Só me diz que você não quer uma conversa de reconciliação só porque não demos certo naquele momento.

Sua respiração era alta até se transformar em choro. Podia ver a força que ela usava contra seus braços para mantê-los em um abraço.

–Sam? Você não fez isso fez?

Me encarou.

–Me diz que você não fez. –Não me deixe sentir essa culpa agora.

Samantha

Uma súbita alegria me tomou ao vê-lo parado em minha porta. Havia me dado um prazo de costume, não vê-lo pelo resto do dia me ajudaria a não tê-lo mais depois que fosse embora. Mas ele estava ali, visivelmente preocupado. Nossa conversa não começaria da forma mais doce. Então as primeiras lágrimas me provaram isso.

–Não...

–Você não ligou?

Encarei meu celular na cama a luz picando avisando que a ligação havia sido completada. Alex foi até ela e encarou a tela por alguns segundos.

–É isso que você quer? – Perguntou decepcionado.

Neguei. E ele desligou.

–Você ia fazer não era? Ia voltar correndo pra casa porque está procurando a droga de um porto seguro. Mas ele não é o seu porto seguro, ele é o desgraçado que transou com sua melhor amiga no dia do seu casamento. Por um segundo você chegou a pensar nisso? –Sua voz era dura. E me cortava.

–Eu não quero saber o quer você pensa! –Gritei.

Quando me dei conta já estava colocando toda a minha raiva pra fora o socando onde eu conseguia acertar. Era uma carga muito grande, eram medos, raiva, lágrimas. Não era pra ele, mas era ele ali.

–Coloque tudo pra fora e depois eu assumo o controle.

Eu não entendi bem o que ele queria dizer, até ter meus pulsos presos em suas mãos. Meu coração estava batendo em algum lugar dentro da minha cabeça e minha garganta estava queimando como se eu tivesse corrido quilômetros sem água. Tudo parecia girar por alguns segundos quando me vi presa dentro de um abraço. Era como se a realidade estivesse voltando pra mim, era louco demais. Estranho demais.

–Você não precisa recorrer a isso.

–Você vai me deixar mesmo. –Um soluço escapou. Tinha água demais em meus olhos.

–Eu não vou.

–Alex...–Tentei me soltar.

–Eu estou falando que eu não vou.

–Eu ouvi tudo! Você vai me mandar pra casa...você não se importa comigo. Eu sou apenas sua carona! Tem coisa mais importante do que eu lá fora.

–Não tem! –Gritou segurando meu rosto. –Presta atenção e olha pra mim. –Pedi.

Eu não estava conseguindo controlar todas as emoções que haviam me tomado. Não havia controle. Parecia que a cada novo rumo a conversa se apertava e me sufocava, porque saber que ele poderia me deixar me deixava sem chão. Eu não queria admitir, mas eu estava amando o cara que me deu uma carona, que dividiu seu carro comigo. Quartos de hotel e motel, que me fez rir como nunca pensei ser possível novamente – não agora. Estava me apaixonando por um homem maravilhoso que não precisava se afundar em outro abismo novamente e eu era um abismo.

Eu mal sabia o que era minha vida até ter de aprender a cuidar dela.

Havia acabado de sair de um encanto para o mundo real. E o mundo real me assusta.

—Quando eu peguei a estrada minha mente era um buraco e nem sabia se era a coisa certa a se fazer. Eu deixei tudo pra trás, inclusive a única coisa que tenho agora. Eu tentei viver cada segundo, com cada pessoa que encontrei no meio do caminho no fim do dia ou no fim do percurso e eu sorria com tudo isso e achava engraçado a sensação de me sentir bem de novo. Mas me via sempre procurando outro passageiro perdido para apenas ser gentil e leva-lo aonde quer que ele fosse apenas por companhia.

Eu não esperava que depois de três dias sozinho pudesse encontrar você. Eu faria a mesma coisa que fiz com todos os outros e te daria um até mais quando chegasse em seu destino. Mas você não tinha destino, você se decidiu realmente para onde iria dentro daquele carro e comigo. Eu soube naquele instante que você não era só uma carona, você era como eu no começo de tudo. Você está perdida Sam e eu sei como é estar assim, não tínhamos uma data para dizer até mais, não temos uma data porque posso adia-la o máximo de tempo possível se estar comigo te faz bem.

Porque você é como uma dessas garotas que as pessoas acham não existir, essas que sentem medo de tudo e pensam demais antes de agir e se sentem bem tendo outra pessoa agindo por ela. Por segurança, por achar que a pessoa está fazendo certo e você provavelmente estaria fazendo errado. Mas você é a droga de uma mulher corajosa, você não precisa esperar pelas pessoas e nem estar com elas porque elas são fortes. Você é forte. Bem mais forte que elas e eu vi esse crescimento ao longo desse tempo e você mudou tudo.

Acho que todo o ar estava em círculo em meus pulmões. Eu não conseguia respirar e ele estava me segurando.

—Eu não pensei no fim dessa viagem, tudo o que pensei era manter o máximo de dinheiro que eu conseguisse e mantê-la bem. Eu não falei por mal, apenas queria dizer a mim mesmo que eu poderia deixa-la ir quando fosse a hora. Eu queria dizer isso a Ada de maneira convincente, mas ela não acreditou.

Como eu não acreditei, me senti a um passo de entrar em algo certo mas estava parado na porta observando até essa manhã. Até você dizer tudo aquilo e me jogar pra fora, não era dessa maneira que eu queria que fosse, mas talvez fosse dessa maneira a maneira certa. Pra eu poder enxergar que há uma grande

possibilidade de eu estar apaixonado novamente. Por uma garota que me encanta pela falsa inocência, pelo olhar verdadeiro, pela compreensão, pela voz. Pela simples presença, eu pensei que nunca sentiria isso novamente porque diz a lenda que só nos apaixonamos uma vez. Eu acho que isso é apenas uma lenda, porque as coisas estão acontecendo rápido demais e pensar em não tê-la essa noite perto de mim ou o resto dessa viagem, ou depois dela. É como se eu estivesse deixando uma grande parte que achei faltando em mim para trás de novo. Isso é uma merda de sentimentalismo clichê, mas é tudo o que tenho que colocar pra fora. Então eu não vou a lugar nenhum sem você e não vou deixá-la aqui, não vou mandá-la para Nova York. Você é importante pra mim acho que desde que entrou no meu carro aquele dia no posto abandonado no meio da estrada. Apenas diga que ainda acredita em mim.

Eu tinha muita coisa para dizer, mas mal sabia por onde começar. Havia guardado tudo pra mim quando decidi seguir sozinha. E agora tudo o que conseguia era chorar e abraçá-lo com todas as minhas forças pedindo para não ser uma ilusão.

Seus braços contornaram minha cintura apertando com força, eu podia sentir seu perfume e era perfeito pra mim. Como tudo, isso parece diferente tornando o que tive no passado um nada. Seus lábios beijavam meu rosto, minha testa, meu cabelo, a ponta do meu nariz antes de encontrar seu olhar. Ele não precisava me pedir permissão para seguir em frente, não mais. Na verdade, nunca precisou.

Eu senti falta disso, Deus! Eu senti falta desse homem como nunca senti por ninguém em toda minha vida. No começo era algo calmo, ninguém avançou o perímetro, mas ambos descobrimos que nosso limite estava muito longe daquele que sempre mantivemos, então eu literalmente me joguei ao momento sentindo cada parte de seu corpo tocar o meu. Senti seu grande e poderoso abraço e toda aquela confiança que via em seus olhos agora circulando por todo ele.

Alex me tirou do chão fazendo com que minhas estruturas balançassem até eu estar apoiada na cômoda – que havia me esquecido existir atrás de mim. Enlacei sua cintura com minhas pernas e o puxei para mais perto. Tocando, sentindo, literalmente sentindo. Eu queria rir, gargalhar de tanta felicidade que

crescia em meu estomago explodindo para fora. Sua boca desceu para meu pescoço quando precisei de ar e ali ficou, deixando pequenos sinais. Eu não quero acordar agora, eu não quero acordar nunca mais.

–Eu senti a sua falta. –Seus olhos profundos me encararam enquanto suas mãos me apertavam provando sua palavra.

–Isso não é um sonho?

–Não. –Enlaçou meu pescoço depositando um beijo em minha testa. – Tente acreditar na realidade, vai perceber que ela machuca bem menos quando passamos a enxerga-la melhor.

–Eu não gosto da realidade. –Confessei.

–Agora eu estou aqui. –Me beijou. –E ela não fará nada com você.

–Eu... Eu preciso de você, sem mais nenhum minuto. – Admiti. Alex sorriu.

– Tem certeza?

–Não me subestime. – Puxei meu vestido pela cabeça.

Seus olhos estavam em meus seios, meus amiguinhos estavam acesos como dois faróis. Alex parecia a beira do precipício, então caiu esmagando seus lábios nos meus. Seu aperto me tirando do lugar sem nos afastar. Isso era bom, estar com ele era bom.

–Você é... linda.

– Prova.

Ele sorriu tirando sua camisa. Meus sentidos estavam em alertas, cada

parte em mim formigando.

–Te provar é uma das missões essa noite. – Beijou meu pescoço. – Você não me deixa dormir há muito tempo Samantha Alison, acho que é a minha vez.

22

Alex

Duas e meia da manhã, ignorei todas as mensagens de Ada. Sam estava encolhida agarrada a mim, respirando fundo e pelo jeito não acordaria mais. Um alívio havia me tomado, ainda era difícil explicar o que estava acontecendo, então parei de pensar. Não precisava de muito para saber porque ela precisava de mim, muito mais do que eu imaginava. Tomei a liberdade de vasculhar seu celular, era recheado de fotos de um senhor, que apesar de parecer um avô para ela, eu tinha certeza que era seu pai e ela ficava linda sorrindo. Também tinha certeza de que a maioria das fotos foram tiradas quando ela era feliz. Eu tentaria tê-lo de volta.

Cada mensagem que li – e não foram muitas – havia sido o suficiente para saber o quão fundo era o abismo que ela estava. Algumas de suas mensagens era de sua psicóloga, nenhuma respondida. Eram velhas mensagens beirando com as atuais, desliguei o celular o deixando sobre a cômoda e a puxando para mim. Parecia tão certo estar ali. Seu corpo ainda estava quente, os sons que emitiu ainda rondavam minha mente.

A forma como seus lábios se abriu, como me segurou a ela, como me olhava. Como me torturou até seu último grito encher nosso quarto. Ela não era frágil, doce, não frágil. Era minha e eu dela.

Não me lembro quando peguei no sono, apenas me desliguei totalmente dessa vez.

**

Dana ligou pela manhã vezes o suficiente para me fazer levantar. Sam estava sentada na ponta da cama sorrindo com o celular colado a orelha de alguma piada que a garota deve ter feito. Me sentei ao lado dela observando seu semblante melhor agora, era como se uma borracha tivesse sido passada da noite passada.

–Tudo bem, eu ainda estou aqui. Não precisa se preocupar. Nos vemos mais tarde. –Avisou antes de desligar. – Ela queria saber se eu precisava de ajuda. –Sorriu.

–Precisa? –Perguntei me sentando e beijando seu pescoço.

Negou.

–O que vamos fazer agora? –Perguntou.

–Vamos a um festival e depois viajar. Tenho uma irmã ansiosa para conhece-la. –Beijei seu cabelo me levantando.

Sam me seguiu até o banheiro.

–Você vai me levar?

A encarei.

–O que acha? Ainda não entendeu que vou leva-la comigo para onde eu for?

Ela abriu o maior sorriso que eu poderia presenciar em toda a minha vida. Eu amava essa mulher e isso estava me deixando preocupado. Não conseguia controlar meus pensamentos mais, como se minha caixa de pandora tivesse sido aberta.

–Se eu disser que a amo, vai parecer meio louco? –Ajeitei seu cabelo atrás da orelha.

–Não. – Beijou meu peito.

–Eu amo você. E não se assuste com isso.

Ela sorriu contra meu peito fazendo meu estomago dar voltas.

–Eu amo você também. Posso tomar banho com você?

– Está me provocando?

Negou, mas sim, ela estava e eu amava isso. Tomamos café em uma cafeteria antes de voltar a pousada. Sam tinha os dedos entrelaçados aos meus e eu tinha certeza que ela estava desconfortável, porém não soltou minha mão. Dana abriu um sorriso constrangedor.

–Olha quem apareceu. Pensei que não voltariam mais. Sam. –A chamou com o dedo. –Precisamos conversar.

Samantha me encarou.

–Vai lá. –Beijei seu cabelo. –Ela vai te torturar só um pouco. –Sussurrei em seu ouvido. –Depois você será só minha.

Sorri quando ela não me encarou. Estava longe dela, mesmo sendo por algum tempo me causava um certo desconforto. Estava disposto a aguenta-lo, me daria tempo para organizar a cabeça.

Samantha

Eu poderia repetir a mim mesma o tempo todo que não estava sonhando, mesmo assim me sentindo mergulhada em um sono profundo. Não consegui contar direito como havia sido a minha noite, Dana queria todos os detalhes possíveis mas eu não tinha muito a dizer sobre o que ela queria saber. Era íntimo.

Não vi Alex depois de ter a conversa de garotas, Geórgia me ajudou com uma roupa para ir ao festival e mesmo achando curta demais eu aceitei. Era um vestido preto muito acima do joelho rodeado de flores brancas, eu tinha certeza que um vento o faria subir.

–Eu prefiro uma trança. –Falei me encarando no espelho. –Meu cabelo não é muito generoso.

–Nada que uma escova não resolva. –Encarei o secador em sua mão. – Essa noite tem que fechar com chave de ouro.

–Eu não vou dormir com ele.... tão rápido novamente. – Eu não sei.

–Isso pode acontecer. –Dana segurou meus ombros. –E ele é homem, e ele te ama. Homens apaixonados querem estar completos com a mulher que ama.

–E se não acontecer. –Geórgia se aproximou. –Você pelo menos vai estar de tirar o folego o fazendo repensar uma segunda vez. –Sorriu.

E eu deixei que me fizessem de boneca. Depois de muitos puxões de cabelo e liga e desliga de secador eu estava pronta. Alex estava parado na porta do quarto quando as meninas me deixaram, uma covinha se formou em suas bochechas quando me encarou. Deixei as risadas de lado quando ele entrou e fechou a porta atrás de si.

–Você está linda.

–Elas deram uma forcinha.

Seu sorriso cresceu em seus lábios e suas mãos me puxaram para mais perto, meu coração perdeu algumas batidas.

–Por que está tremendo? –Perguntou roçando os lábios em minha orelha.

–Eu sempre tremi perto de você. –Minha voz saiu tremula.

–Como nunca percebi isso antes? –Beijou meu pescoço.

–Eu não sei. –Minhas mãos ganharam vida em seus cabelos.

Alex sorriu quando se deu conta de o quanto estava usando força contra seu cabelo. Vendo agora, eu não amei Dave dessa maneira. Nem um pouco. Eu precisava beijá-lo, precisava senti-lo de novo pelo menos dessa maneira. Alex prendeu meu lábio inferior nos dentes e me encarou, suas mãos me apertando com força minha cintura. Eu pensei que ele apenas me encararia daquele jeito, por um segundo pensei em desistir de festival e amigos e ficar ali com ele. Mesmo que apenas o encarando. Alex estava me beijando novamente.

O deixei me guiar até a cama e acabei rindo quando minhas costas bateram no colchão. Ele continuou a me segurar junto a ele, sua mão bagunçando a obra de arte de Dana. Eu estava perdida na forma como ele estava me beijando, como sua mão livre passava por minha perna levantando meu vestido e tocando minha pele nua. Meu coração estava batendo rápido, e eu gostava disso. Sua mão apertou minha cintura e deixei um som escapar, minhas unhas arranhando seu pescoço.

Puxei todo o ar quando sua boca mudou de direção descendo por meu pescoço, mordendo, beijando. Me sentia desintegrando embaixo dele, me sentia sendo tocada de maneira não conhecida por mim – mas sempre desejada. Alex

era formal, mas isso não o impedia de ser o que gostaria de ser entre quatro paredes. Dave era certinho em tudo – pelo menos comigo. Até um simples beijo parecia sofisticado para nós dois. E eu gostava do que tinha agora, de ser tocada e beijada dessa maneira.

O homem que me beijava, me fez virar um animal, noite passada. Ele me fez mulher de verdade sem precisar de muito.

Alex parou a mão em minha costela, ele não queria seguir em frente, mas dane-se eu queria deixa-lo ter o que quisesse de mim. Segurei sua mão a fechando na minha e o ajudei a seguir. Até o lugar em que eu sabia que ele queria tocar, seus beijos ficaram lentos como que calculando o que eu estava fazendo. E quando cheguei ao meu seio, esperei que fizesse algo, mas eu sabia que ele ia me encarar. Ele me pediria permissão e ele não precisava, apertei sua mão e ele grunhiu.

–Sam...

–Cala a boca. –Choraminguei. Só de sentir sua mão, já me deixava sem ar.

Alex sorriu contra meu pescoço e voltou a me beijar explorando seu toque. Eu queria senti-lo por inteiro e eu tinha certeza de que ele também queria. Mas bateram na porta e a voz aguda soou.

–Hei casazinho, estamos atrasados. –Dana gritou.

Choraminguei quando Alex ajeitou meu vestido tirando o peso de cima de mim lentamente. Droga!

–Temos que ir. –Me beijou de leve. –Ela não vai nos deixar em paz.

–Vamos. –Me levantei.

Alex ajeitou meu vestido atrás e meu cabelo, ele tinha aquele sorriso que

me deixava sem jeito. Como dois adolescentes que acabou de aprontar.

–Elas vão me intimidar de novo. Por ter dando um jeito em seu cabelo. – Beijou minha bochecha. –Mas eu não me arrependo.

–A culpa foi delas. –Avisei. –Elas disseram que eu tinha que fazer isso, você ia gostar.

–Gostei tanto, que não quero deixa-la sair agora.

–Isso é uma boa ideia. Mas elas estão na porta. –Murmurei quando vi a sombra passar.

Alex segurou minha mão depois de se olhar no enorme espelho a nossa frente e saímos. Georgina tinha um sorriso rasgando a cara e deixei o pensamento livre. Seguimos em silencio até o primeiro andar onde todos pareciam ansiosos para sair. Alex avisou que íamos no carro dele, ele não queria se espremer com o restante do pessoal. Ou era uma desculpa para ficarmos a sós novamente.

Eu tinha certeza que meu sorriso não iria embora nem tão cedo. Nos perdemos dos nossos novos amigos, meia hora depois de ter chegado na festa, crianças e casais estavam por todos os lados. Alex segurou minha mão entrelaçando nossos dedos, apenas caminhando para todos os lados, era uma sensação boa estar com ele desse jeito. Esquecer um pouco que eu estava a um passo da combustão.

–Dana disse que quer apresentar seus amigos. –Falei.

–Acho que já os conhecemos. –Alex passou o braço por meu ombro. – Podemos ter a noite só nossa.

–E se ela se chatear?

–Você tem a mim. –Beijou meu cabelo.

Havia barracas montadas em todos os lugares e Alex se interessou por uma delas, era algo como atirar em uma pilha de latas e levar um prêmio. Ele queria um elefante rosa, ele insistiu, quase se ajoelhou para ir nessa barraca até eu concordar. Alex pagou suas fichas e esperou o rapaz a sua frente fazer seu tiro. Ele era bom.

Ele se posicionou na mesa de apoio e fez um bom tiro, o rapaz sorriu, aquele típico sorriso de competição e teve sua vez. Alex o encarou algumas vezes em um olhar parcial. Eu não entendi mas eles continuaram dando seus tiros e quando a fichas do nosso amigo terminou, ele comprou mais algumas. Eu pensei em dizer que não precisava do urso que poderíamos ir embora, mas Alex fez todos os seus tiros.

–Você foi bom. –Falei descruzando os braços. –Mas não precisa gastar mais nenhum dinheiro comigo.

Ele sorriu, um enorme sorriso.

–Que prêmio você escolheu? –O rapaz perguntou me encarando. Ele era um pouco mais alto que Alex e seus olhos eram duas pedras negras.

–O elefante. –Falei automaticamente. Ele se virou para menina dos prêmios apontando para o urso. E me entregou.

Alex o encarava de braços cruzados, e todos ali pareciam me encarar enquanto um urso era estendido a mim.

–Eu não posso aceitar.

–Tudo bem, eu estava apenas passando o tempo. –Continuou me apontando o urso. E o peguei quando mais olhares vieram.

Eu devia mas estava sem saber o que fazer depois de todas as minhas negativas.

–Obrigada.

Ele sorriu.

–Não há de que. Sou Jeremy.

Me aproximei de Alex, ele ainda estava nos encarando. Essa era a primeira vez que o via assim.

–Sou Sam e esse é o Alex.

–Foi um prazer. –Jeremy sorriu e se afastou quando um grupo gritou seu nome a poucos metros.

Alex fez o caminho contrário passando a frente e o segui. Ele estava andando rápido demais e precisei correr para acompanhá-lo.

–Hei, me espera. –Segurei seu braço o fazendo parar. –O que foi? – Era meio idiota perguntar porque eu sabia, mas não podia deixar um buraco no momento.

–Você ainda pergunta? Um cara acabou de dar um urso pra minha namorada. O urso que prometi dar.

Namorada? Certo, podemos falar disso depois.

–Eu não ia aceitar.

–E por que aceitou?

Respirei fundo.

–Estavam todos olhando.

–Dane-se.

–Desde quando você é idiota assim? –Sussurrei.

Eu não sabia se ficava feliz com seu ciúme ou se me irritava. Porque ciúmes tem dois lados. Geórgia saltou em nossa frente e nos encarou sumindo um pouco da empolgação que pareceu existir.

–Atrapalho?

–Não. –Falei. –Aconteceu alguma coisa?

–O show vai começar agora. Dana conseguiu um bom lugar, vocês não vêm?

–Sim. –Falei.

–Eu vou esperar na barraca de Gloria. –Alex me encarou. Gloria era tia de Dana. –Vejo vocês daqui a pouco.

Droga!

–O que aconteceu? –Geórgia segurou meu braço.

–Um cara que eu nunca vi na vida atrapalhou nosso momento, ganhou esse urso e me deu. Era o urso que ele ia me dar. Alex ficou com raiva porque aceitei.

–Isso não foi muito legal, mas eu te entendo. Vamos ao show, ele vai ficar bem e até a noite acabar vocês estarão no segundo round. –Sorriu.

Eu esperava por isso. Encontramos Dana um tempo depois e para minha surpresa, Jeremy estava com ela e todos os outros. Encarei Geórgia quase

passando pela multidão e indo atrás de Alex. Mas estávamos perto demais.

–Demoraram.

–Sam. –Jeremy sorriu pra mim.

–Se conhecem? –Dana perguntou.

–Ele ganhou pra mim. –Falei de uma vez e Geórgia me encarou.

–Você...

–Sim. –Jeremy ainda sorria.

–Mas o cara dela não gostou disso. –Geórgia falou. –Ela tem namorado, então procure alguém livre Jeremy.

–Eu só quis ser legal.

–Geórgia. –A encarei.

A música começou e o assunto morreu, me senti desconfortável por ele estar ali e do meu lado. Eu não queria imaginar ele estando no mesmo lugar que nós. Se fosse um hospede? Um hospede amigo e antigo? Alex surtaria, eu tinha certeza disso. Uma música animada começou e Geórgia puxou meu urso para dançar com ele, as pessoas procuravam pares no meio da multidão e praguejei quando Jeremy me tirou para dançar.

–Eu não sei dançar, estou bem aqui. –Falei dando um passo atrás.

–Isso é como andar de bicicleta. –Me puxou. –Eu te ajudo.

Era pra ser uma noite legal, seria uma noite legal. Quando a banda se retirou do palco improvisado voltamos a barraca de Gloria, estavam todos rindo

e elogiando o show, nem a fina garoa parecia incomodar. Desde que me afastei de Jeremy até o urso me incomodava então chamei Geórgia e disse que ela poderia ficar com ele. E ela entendeu perfeitamente bem.

–Vou tentar mantê-lo afastado.

–Ele é hospede?

Assentiu.

–Amigo, sempre vem pra cá. Mas não se preocupe, eu posso dar um jeito.

–Obrigada.

Alex estava no balcão conversando com Gloria e uma garota que fazia sucos. Ele estava sorrindo, aquele sorriso que fazia suas covinhas aparecer. A garota lhe deu um leve tapa no braço e se afastou pegando um copo e o enchendo com o suco, e o passando a ele. Nos aproximamos com a mesma bagunça da saída do show e ele me achou e claro, encontrou Jeremy com a gente.

–Oi. –Me sentei no banco a seu lado.

–Oi. –Falou me encarando de lado.

A garota voltou.

–Um ponto pra mim. –Falou a ele. –Dois a um.

Tentei entender o quer falavam, Gloria aumentou o som do pequeno rádio e algum time havia feito um gol. Alex sorriu pra ela.

–Vamos ganhar essa. O time de NY é o melhor.

–Vamos ver.–A garota se afastou ainda rindo.

Eles falaram sobre o jogo até o fim dele. A garota ganhou e Alex lhe deu algum dinheiro. Não nos falamos nesse tempo, não quando a mesa de Dana era destacada pelas vozes dela e de Jeremy contando histórias do passado. Me recusei a me sentar com eles, eu queria voltar pra casa e voltar pra nossa bolha. Eu queria chorar.

–Se quiser posso leva-la pra casa.

–Você não vem? –Perguntei.

–Vou ajudar Gloria. –Mexeu em seu copo. –Vou depois.

–Vai ajudá-la ou está tentando ficar longe de mim?

–Sam...

–Eu vou pra casa. –Me afastei ignorando os gritos de Geórgia e parando o primeiro taxi que vi se aproximar.

Se ele precisava ficar sozinho, a melhor saída era deixa-lo sozinho. Ignorei alguns hospedes na entrada quando cheguei, segui direto para o quarto trancando a porta e deixando a roupa pelo caminho. Tudo o que precisava era de um banho e dormir – mesmo sabendo que iria espera-lo chegar.

Passei um longo tempo agachada embaixo do jato de água quente, uns vinte minutos até eu resolver sair pensando na conta que viria no fim do mês. Me enrolei na toalha e deixei o pequeno metro quadrado. Alex me assustou, estava sentado na beirada da cama, eu não queria brigar com ele. Era tão cedo pra isso acontecer. Me afastei indo direção a minha mochila, mas sua mão se fechou em volta do pulso me fazendo voltar. Cai sentada em seu colo.

–Eu preciso trocar de roupa.

–Me desculpe.

Encarei o chão.

–Olha pra mim. –Segurou meu queixo. –Me desculpe.

–Eu não estou com raiva. – em parte.

–Está mentindo.

–Eu só não queria brigar, ainda é cedo pra sermos partes ruins um do outro, não acha? – O fitei.

Assentiu.

–Eu não estava preparado pra isso.

–Eu não gostei de ter ganhado aquele urso, eu só queria ser educada e sair de lá. Pensei em fazer uma piada sarcástica com o momento mas você não me permitiu. Depois não quis ir ao show comigo...

–E ele dançou com você. –Falou trincando os dentes.

–E ele dançou comigo e foi desagradável, poderia ter sido você. Então você não quis me acompanhar e preferiu usar esse tempo conversando com a ajudante de cozinha. Íamos brigar se os dois continuasse ali e esse é só o nosso primeiro dia oficial.

–Posso fazer meu pedido amanhã. –Beijou meu ombro nu. –Pra ser diferente.

O encarei.

–Eu pensei em algo pra hoje, mas acho que estraguei tudo.

–Você não estragou, as coisas aconteceram assim.

–Me sinto um doente em relação a você. Porque eu posso te ver como uma garotinha e ao mesmo tempo tenho pensamentos sujos. –Sorriu torto. –Eu penso agora que os outros caras tenham esses pensamentos também.

Eu ri.

–Podemos esquecer essa parte da noite e manter os planos. –Falei.

–Vai esquecer que fui um idiota?

Assenti.

–Certo. –Me virou para ele se esquecendo que eu estava apenas de toalha. Uma toalha saindo do lugar. –Samantha Alison, quer ser minha garota, estar comigo aonde quer que eu vá, dividir momentos e o agora da vida? Aceita ser minha namorada?

–Isso quase soou como um pedido de casamento.

–É uma ótima ideia. –Sorriu me encarando. Eu queria beija-lo.–Mas ainda é cedo para assusta-la.

–Aceito. Aceito ser qualquer coisa, contanto que não me deixe agora.

Suas mãos enlaçaram minhas costas me puxando para mais perto.

–Eu não vou te deixar nem agora, nem nunca. Temos um nunca dentro de um tempo. –Me beijou. –Agora não vai soar como loucura eu dizer eu te amo o tempo todo.

–Agora não vai soar loucura eu me irritar com cada garota que vemos na estrada. –Sorri.

–Contanto que não mate ninguém.

–Eu não vou. –O encarei segurando alguns fios de cabelo espetado para trás de sua cabeça. –Eu estive com um pouco de medo dos meus próprios pensamentos em relação a ter alguém de novo, nunca pensei que teria essa opção. Nunca esperei que fosse você, e nunca me senti tão preparada para uma nova/velha experiência. –Minhas mãos estavam tremendo.

–Nova/velha experiência? –Uma ruga se formou em sua testa.

Prendi minhas pernas em sua cintura e tirei as mãos de sua cabeça me afastando poucos centímetros desfazendo o pequeno enrolo que fiz na toalha. Então a deixei cair no chão e voltei a enlaçar seu pescoço. Alex me observava de uma maneira que aqueceu cada parte do meu corpo e ele fazia cada pequeno detalhe já conhecido, parecer novo.

–Sam...

–Não seja um cavalheiro. –O beijei. –Eu preciso colocar isso pra fora, sem formalidade. – Seus braços me prenderam e nosso beijo se aprofundou.

Ele respirou fundo, sua língua tocou a minha, e ele cravou os dedos em meus quadris, trazendo-me com força contra ele. Todo meu corpo parecia se desfazer, e meus sentidos iam juntos. Eu já podia sentir que eu estava pronta para ele, definitivamente, que dessa vez poderia ser diferente. Ele seria meu e eu seria dele agora.

Samantha

Consigo sentir sua respiração em meu pescoço, enquanto minhas mãos não param de tremer conhecendo cada pedaço de seu corpo. Segurei o riso quando formulei tudo em pensamento, isso era loucura. Uma verdadeira loucura.

–Me dê um segundo. –Sussurrou contra meus lábios se afastando gentilmente. Aproveitei o momento para apagar a luz e acender o abajur ao lado da cama.

Ouvi seus passos e minhas pernas tremeram novamente, Alex estava vestido do mesmo jeito que havia saído. Um sorriso cresceu em seus lábios e suspirei alto demais entregando a inquietação em meu íntimo. Tentei não fechar os olhos quando seus joelhos tocaram o meio da cama, meus joelhos se uniram automaticamente e meu coração bateu surdo dentro de mim. Eu havia dito rápido, mas ele não parecia querer assim, e seus olhos me engoliram antes de seus lábios tocar os meus.

–Eu sei o que quer, eu te darei o que quer. – Escovou meu cabelo com os dedos. – Mas primeiro, eu preciso fazer do meu jeito.

Pisquei tentando aliviar a ardência em meus olhos, seus lábios tocaram lentamente meu ombro, depois o outro até perceber que estava deitada e não mais parecendo uma idiota encolhida em meus joelhos. Alex sorriu me encarando.

–O que foi? –Perguntei.

–Eu não sei se vou conseguir deixá-la sair dessa cama nas próximas horas. –Sua voz soou rouca. Isso fazia o queimo aumentar dentro de mim.

–Eu não tenho planos para as próximas horas. –Afundei minhas unhas em seu braço.

–É bom saber disso. – Alex me beijou, lento.

Mantive meus olhos fechados enquanto percebia seus movimentos se tornarem precisos, eu sabia o que ele estava fazendo. Estava esperando por isso, por muito tempo e não era vergonhoso admitir, isso vinha muito antes de tudo isso. Eu o desejei, acho, que desde a primeira vez que o vi. Foi o meu primeiro desejo.

Seus olhos voltaram a me encarar e assenti sabendo o que ele estava perguntando mesmo sem me dizer uma palavra. Meus dedos traçavam círculos em sua nuca, enquanto eu tentava acalmar a mim mesma. Podia admitir também que eu estava completamente apaixonada por Alex, e que eu não conseguiria imaginar outra dor semelhante a que passei no passado caso isso tudo desmoronasse.

Pois eu tinha certeza que doeria muito mais sendo ele, não querendo cuspir no prato que comi, mas acho que nunca amei alguém de verdade, como o amo. Fechei meus olhos pega de surpresa quando senti seu beijo em meu íntimo. O calor entre minhas pernas era tudo o que me mantinha alerta. Seu toque, sua gentileza. Alex estava sendo uma experiência nova pra mim, estava sendo diferente porque tracei um pensamento diferente pra mim ao longo dos anos. Não conseguia pensar nesse momento com outro homem e aqui estou eu, com outro homem.

–Tudo bem? –Seus lábios pastaram em minha bochecha. Assenti o sentindo me preencher. –Isso me parece um bom lugar.

Sorri sentindo meu corpo tremendo com o simples gesto e Alex grunhiu.

–Eu amo isso.

–O que? –Perguntei em um sussurro.

–O som da sua risada.

Segurei seu rosto entre as minhas mãos o fazendo me encarar, pensei em dizer algo, mas tudo sumiu da minha cabeça quando encarei seus olhos. Havia sido sugada por eles, meus olhos se fecharam automaticamente quando o senti se movimentar lentamente sobre mim, podia jurar que um sorriso estava rasgando meu rosto diante da sensação que meu corpo estava tomando. Abafei um grito quando seus movimentos me tomaram mais rápidos.

Suas costas estavam escorregadias tão rápido quanto a formação de pensamentos em minha cabeça. Minhas pernas tremiam automaticamente entrelaçadas em sua cintura buscando impulso inimaginável para mantê-las em sincronia. Alex estava me mostrando o que era amor e droga, ninguém nunca havia me mostrado isso antes. E vendo agora, isso doía, ao mesmo tempo me deixava em um estado de torpor por ser ele. Porque tinha que ser ele.

Seus lábios esmagaram os meus para controlar os sons que escapavam de ambos. Uma de suas mãos me manteve presa a ele por um longo tempo e tudo o que conseguia trabalhar – ou tentar – era minha respiração. Estava à beira do abismo por diversas vezes antes de ouvi-lo trovejar deixando meus lábios inchados, choraminguei enquanto minhas mãos procuravam apoio em seu pescoço o puxando para mim, afundando em seu pescoço, sentindo seu coração bater rápido contra o meu.

–Eu amo você garota...–Sussurrou contra meu pescoço alguns minutos depois. –Por Deus, eu amo você.

Sorri.

–Isso é tudo o que tem para me oferecer?

Alex se levantou, apoiando o peso do corpo nos cotovelos e sorriu

beijando minha testa: – Acho que temos muito tempo para aproveitar essa cama.

–Isso é bom. –O puxei para mim. –Por que eu gostei disso.

Sam estava dormindo quando acordei pela segunda vez, já era manhã. Sua respiração estava pesada e eu tinha certeza de que ela não acordaria nem tão cedo e eu nunca queria deixa-la então não me importava de ficar enroscado nela pelo tempo que ela precisasse. Fechar os olhos me fazia voltar a nossa noite e reviver a versão até então desconhecida por mim da garota que estava em meus braços. Eu sabia que ela podia ser mais do que ela já era.

Sempre soube.

E depois dessa noite minha decisão estava tomada, mesmo tendo medo de tudo que poderia acontecer não poderia deixa-la ir embora, e não me importava se sua decisão fosse voltar pra casa, eu iria com ela. Iria aonde quer que ela quisesse ir, porque estava disposto a não perde-la uma segunda vez.

–O que está pensando? – Sua voz soou preguiçosa. Abaixei o olhar para encara-la de olhos fechados. Seus lábios estavam inchados e isso fez meu peito inflar orgulhoso, o que era idiota.

–Nossa noite.

Ela sorriu escondendo o rosto em meu peito.

–Você foi incrível.

–Alex...–Gemeu.

–Certo. –Beijei seu cabelo. –Quer tomar um banho?

–Com você?

–Nada do que eu já não tenha visto e conhecido cada pequeno detalhe.

Sam tremeu levemente se sentando e puxando o lençol com ela, que puxei de volta gentilmente.

–Você não devia se envergonhar. –Apoiei os braços atrás da cabeça enquanto a via mastigar o lábio. –Eu não sou um estranho.

–Isso é estranho.

–Não mais. –Me aproximei beijando seu ombro. Sua mão afagou meu cabelo.

–Quando eu disse que o amava, eu nunca falei tão sério em toda minha vida.

–Eu sei. –A fitei.

–Não. –Piscou. –Eu estou dizendo de forma incondicional, acho que eu estou completamente apaixonada por você, Alex e isso me assustou por um longo tempo. Porque estou acostumada a perder coisas, não quero acordar amanhã e ter de me despedir porque você caiu em si.

–Isso não vai acontecer. Eu prometo.

–Eu gosto da forma como você me mantém, como acredita em mim. – Suas palavras eram sinceras.

–Às vezes só precisamos de alguém que confie em nossa capacidade de sermos melhores, mais do que já somos. Mas não fui eu quem te mostrou isso, você sabe. Sempre foi você.

–Obrigada.

Me levantei a puxando comigo.

–Disponha.

Depois do banho agradável, descemos para nos juntar – mesmo eu não

querendo muito – com os outros na cozinha. Sam tinha os dedos entrelaçados aos meus e seu sorriso rasgou o rosto quando ganhou um olhar cúmplice de suas novas amigas, estava me preparando para deixá-la assim que elas a confiscasse. Era nosso último dia – depois de me decidir muito – antes de partirmos.

–Café ou chá? – Dana perguntou apontando para as garrafas sobre a mesa.

–Café. –Estendi minha xicara.

–Pensei que tinham ido embora. Estava quase querendo mata-los. – Comentou.

–Vamos ao entardecer. –Sam avisou.

Dana fez uma cara triste antes de seus ombros tombarem.

–É cedo ainda, podiam ficar mais alguns dias.

–Seria bom, mas temos que ver minha irmã. Estamos partindo para Chicago e a viagem será longa.

–Vão voltar algum dia?

–Sim. –Sam tocou sua mão. –Vocês foram legais com a gente.

–Essa foi a primeira parada em que ela não quis matar ninguém. – Brinquei. Sam socou meu ombro de leve e beijei sua mão.

–Isso é tão...–Dana fez um olhar apaixonado.

–Menos menina. –Geórgia pegou uma xicara passando por nós. –Espero vê-los de novo, e já que é o nosso último dia juntas, precisamos conversar.

Sam abriu um sorriso envergonhado.

–Ah, claro.

Dei uma revisada no carro e fui até o centro da cidade para abastecer e comprar algumas coisas, Sam havia sido confiscada como imaginado então estava sendo um pouco chato não tê-la – mesmo que em silêncio – do meu lado. Sem contar que nosso adorável amigo da noite passada estava lá, mas ela me amava e era o bastante. Ada ligou e confirmei nossa ida, podia ouvir seus gritos do outro lado da linha antes de desligar.

Quando voltei, Sam terminava de fechar sua mochila e tinha um sorriso brincando em seus lábios.

–Voltei. –Avisei entrando no quarto.

–Elas me liberaram. Sabe como são as garotas quando querem saber de tudo. – Enrolou o cabelo em um coque apertando.

–Eu devo imaginar. –A peguei no colo suas pernas enlaçando minha cintura. –Pronta para conhecer minha família?

–E se não gostarem de mim? –Uma ruga se formou em sua testa.

–Eles vão gostar e se não gostar, te mostro entre quatro paredes quem tem a obrigação de te aceitar aqui. –Mordi seu queixo ouvindo sua risada. –Ada está ansiosa.

–Eu também estou ansiosa para conhece-la. Vai ser divertido, eu acho.

A apertei.

–Será.

–E depois, vamos continuar rodando ou vamos até ela?

Ela era sua mãe. Essa era a parte que me assustava porque eu não sabia se ela realmente estava preparada para um novo encontro. Não havia um motivo para eu me simpatizar com ela, ela não havia dado um motivo para isso. Sam foi abandonada, sem mais nem menos e minha opinião a respeito era contra tudo isso, parte de mim queria protege-la, a outra simplesmente dizia que era o seu direito. Dane-se o direito, ela não podia mais se machucar, isso era errado.

–A decisão é sua. Eu estou aqui para servi-la.

Mordeu o lábio pensativa.

–Está em dúvida?

–Apenas pensando em como vai ser.

–Por que?

–Só um pouco de medo. – Suspirou.

–Temos todo o tempo do mundo.

Sorriu.

–Obrigada.

O resto do dia passamos guardando nossas coisas no carro e nos despedindo, Sam ligou pra casa e passou longos minutos falando com a mulher que cuidava de seu pai. Então era hora de partir.

–Me ligue. –Dana a abraçou. –Estou falando sério.

–Eu vou ligar.

–Cuide dela. –Geórgia me mandou em tom ameaçador antes de abrir um sorriso.

–Pode deixar.

Sam entrou no carro e acenou da janela depois que me pus a seu lado, ela ficou em silêncio por pelo menos vinte minutos antes de suspirar alto.

–O que foi?

–Pensando positivo. –Fechou os olhos esticando as pernas para apoiá-las no painel.

–Eles são legais. –Afaguei sua cabeça.

–Eu sei, mas sempre que voltamos a estrada alguma coisa acontecesse.

–Eu prometo que dessa vez será diferente.

Seus olhos me encararam.

–E se não der, vamos tentar resolver.

–Vamos. –Afirmei.

–Rumo a Chicago, então.

–Rumo a Chicago.

Samantha

Passamos o primeiro dia com apenas uma parada em um posto de gasolina. Alex não parecia cansado, estava mais para ansioso, ao anoitecer ele estacionou em uma pequena campina no meio da estrada e me puxou para o banco de trás. Apenas me acariciava e esperava que eu pegasse no sono, mas isso demorou acontecer. Eu não estava com sono, estava nervosa porque comecei a me lembrar que um tempo atrás ele disse que apenas a família do marido de Ada morava em Chicago. Mas Alex também tinha família por lá.

Seria estranho quando questionassem sobre mim, não que ele se importe. Tenho certeza que não. Mas seria estranho de qualquer jeito. Pela manhã, liguei pra casa, eu não consegui falar por dez minutos seguidos, enquanto meu pai falava do outro lado da linha. Não havia nada que me tornasse uma péssima filha em sua voz, apenas o quanto ele sentia minha falta e me amava e por um

segundo, eu deixaria tudo pra trás e voltaria pra casa. Ele era tudo o que eu tinha.

Alex me abraçou até que eu voltasse ao normal, afagou meu rosto e pegamos a estrada novamente. Era a segunda vez que eu realmente prestava atenção nas mensagens em meu celular, me causava um incomodo mas nada que me fizesse hiperventilar.

–O que está pensando? – Alex me fitou.

–Nada. –Sussurrei.

–Saudades de casa?

–Todos os dias. – Confessei.

Não era mentira. Depois de muito insistir, consegui pegar a direção e dirigir por pelo menos quatro horas até próxima rodovia quando paramos em um hipermercado no meio da estrada. Alex me levou para os fundos de uma das lojas onde barracas de camping estavam montadas eram umas doze exageradamente arquitetadas pelas minhas contas.

–O que vai fazer? –Perguntei depois que o vi jogar nossas coisas dentro de uma delas.

–Eu preciso de um banho, e você precisa descansar.

–Aqui?

–O que tem? Podemos dizer que estamos testando elas. –Beijou meu pescoço. –Eu vou procurar um banheiro de funcionário e tomar um banho ou você não vai me aguentar mais.

–Você ainda está tolerável. –Brinquei. Mas não era mentira, Alex cheirava a perfume 48h.

–Sei. –Me puxou com ele para os corredores.

Pessoas passavam por nós o tempo todo, então ele me deixou em um café posicionado no meio da loja e acenou antes de sumir por uma área restrita. Alex não era nenhum galã de Hollywood, mas ele sabia chamar atenção, por que ele era mais natural que um galã de Hollywood.

Meu celular tocou minutos depois, restrito, geralmente era alguma loja que errava o número do verdadeiro cliente e calhava cair pra eu receber as cobranças. Havia um filtro no meu cérebro, filtrando coisas ruins desde que Alex chegou, foi esse filtro que me fez atender.

–Alo?

–Sam. –Senti um peso no estomago e minha boca ficou seca. Eu sabia que estava preparada apenas mentalmente para isso. –Por favor não desliga.

–Dave. –Soou baixo. Meus olhos estavam ardendo e minha cabeça girando.

–Meu Deus, você está bem? Eu sei que é idiota perguntar isso, mas por favor me diga que está bem. – Sua voz carregava arrependimento.

–O ... que você quer?

–Eu estou desesperado por notícias, Sam. Eu não estou dormindo, estou na lama em todos os sentidos cheio de culpa. Você não sabe o que estou passando desde que sumiu. –Sua voz era desesperada.

–Sinto muito.

–Eu estou me sentindo mal, eu preciso vê-la, preciso falar com você.

–Não Dave, você não precisa.

–Essa situação... você vai voltar pra casa um dia Sam, como vamos ficar nessa situação. Eu vou aonde você estiver apenas para conversar.

–Você me machucou! –Gritei. Vários olhares se direcionaram a mim e me encolhi. – Como acha que posso querer falar com você?

–Eu sei que não quer, mas é preciso. Foram anos...

–De nada. Anos de ilusão, anos achando que eu te amava e hoje sei que nunca te amei.

–Mentira.

–Verdade. –Um riso escapou. –Eu me senti amada duas noites atrás e mesmo hoje não sendo como aquele dia, eu ainda me sinto amada.

–O que está dizendo?

–Estou dizendo que tenho outra pessoa. Que me amou, Dave. Que me mostrou realmente o que é dar e receber.

–Você virou alguma...

–Não! –Chiei. – Mas eu achei alguém. Alguém que eu realmente quero pra mim como nunca pensei querer na vida. E ele apenas me ama.

–Você está ficando louca, Sam, suas terapias...

–Eu não sou louca! Pare de tentar mexer com a minha cabeça porque você não vai conseguir! Eu não vou voltar pra você Dave e se você fosse o único homem na face da terra, você seria o único ser humano vivo na face da terra. Eu me sinto viva agora, achei um lugar pra mim. Esse lugar é bom.

–Ligue pra sua terapeuta.

–Não.

–Não faça por mim, faça por você. Você está me dizendo que achou alguém por aí e simplesmente está brincando de amor aventureiro. Você nem o conhece...

–Você não me conhece! –Gritei.

–Você está me deixando preocupado.

–Deveria se preocupar quando me traiu. –Sequei uma lagrima. –Agora a única coisa que você deve fazer é me esquecer.

–Eu não vou esquecer enquanto você estiver cometendo loucuras.

–Eu não sou louca!

Senti o celular sendo arrancado de minhas mãos e todo o meu corpo tombar para um lado só. Alex estava me segurando pelos ombros procurando algum sinal errado em mim, mas tudo o que eu conseguia fazer era chorar e soluçar. Queria me afastar dele por um tempo, apenas por um tempo.

–O que aconteceu? Eu viro as costas por um segundo e algo grandioso acontece.

Me debrucei contra a mesa sentindo meu estomago se revirar, eu era capaz de vomitar ali mesmo só de ouvir a voz de Dave.

–Sam. –Alex se agachou a meu lado afagando meu cabelo. –Me diz o que aconteceu?

Aconteceu que eu estou ficando louca realmente. Aconteceu que eu não estou pensando em nada, apenas seguir essa viagem e eu não sei realmente aonde ela vai dar. Aconteceu que mesmo que eu me sinta bem, alguma coisa lá

na frente vai me fazer mal. Acontece que eu não sei se estar com você é o certo. Mas você não precisa saber disso.

–Vem, vamos pra barraca.

Ignorei todos os olhares e o deixei me levar para onde estava nossas coisas, Alex disse que era por apenas algumas horas então voltaríamos a estrada, era só mais um dia e estaríamos em Chicago depois de três dias, três longos dias. Me deitei em cima de nossas mochilas e o vi voltar pouco tempo depois com dois cafés quentes e um pão magro. Eu não estava com fome e isso o fez perder a dele também se aninhando a meu lado me envolvendo em seu braço.

–Odeio seu silencio.

Respirei fundo sentindo seu perfume do recém banho tomado.

–Você sabe que não deve me esconder nada, não sabe?

–Eu nunca devia ter aceito essa carona.

–Droga, o que aconteceu Sam? – Ele estava entre magoado e assustado.

–Aconteceu que eu sou manipulável.

–Está dizendo que te manipulei? –Se afastou alguns centímetros.

–É que...

–Apenas me dê uma resposta completa. Acha que te trouxe até aqui, que dormi com você, que te toquei todo esse tempo como uma manipulação? – Seus olhos. Seus olhos estavam me julgando.

–Não. –Minha voz saiu engasgada.

–Você precisa de um tempo, eu vou te dar esse tempo. Mas... chega de pensar em coisas erradas. Isso que você está fazendo de novo é errado e eu sei o que é.

–Alex...

–Volto em algum tempo, descanse.

–Eu não quero que saia. –Segurei seu casaco.

–Eu quero sair, Sam. –Soltou minhas mãos.

Ah droga!

Voltamos a estrada algumas horas depois, Alex não falou comigo nesse tempo e sempre que isso acontecia eu me obrigava a dormir. Dessa vez eu apenas liguei o celular e o formatei com apenas um toque, depois de ligado novamente eu entrei em um site de busca e digitei seu nome. Eu devia ter alguma rede social, as pessoas hoje em dia têm mais de uma. Eu sou atrasada em todos os sentidos. Uma lista começou a surgir com datas de quando a pessoa adquiriu a linha. Algumas se encaixavam no tempo, outras não então passei a noite e o começo da manhã fazendo isso, passando páginas e procurando por tempos mais longos.

Abri minha mochila pegando um pequeno caderno de anotações e comecei a listar os números que achava. Me esqueci de Alex e da nossa briga, esqueci de Dave, esqueci de tudo. Minha mãe era como uma droga, eu sei que me faria mal depois, mas por enquanto ela mantinha minha mente ocupada.

Alex parou na hora do almoço, mas me mantive em meu lugar concentrada, assim que ele deixou o carro comecei a fazer ligações e riscando números que não valiam mais, foram sete no total até ele voltar. Tentaria em algumas paradas, pois não queria que ele soubesse o que eu estava fazendo.

–Temos mais umas quatro horas pela frente. –Avisou me entregando uma sacola com comida quente.

Eu não tinha o que dizer, então só peguei a sacola e comi silenciosamente no banco de trás. Elizabeth Alison, você não deveria parecer estranha pra mim, mãe. Peguei no sono e acordei com o carro estacionado. Alex estava pronto para me chamar quando anunciou.

–Chegamos.

Senti meus ossos protestarem quando me espreguicei, a casa era parecida com a minha, não era grande, também era não pequena. Algumas crianças gritavam da soleira avisando que Alex havia chegado então me preparei para pelo menos parecer apresentável. Peguei minha mochila e sai do carro quando um grito ecoou doendo meus ouvidos. Era a cópia de Alex feminina com uma barriga redonda correndo em nossa direção.

Alex se afastou alguns passos para segura-la assim que Ada se chocou contra ele chorando como uma menininha de cinco anos. Era um momento família, só deles.

–Eu não acredito que está aqui. Olhe pra você, parece cansado. – Segurou seu rosto entre as mãos.

–Eu estou bem. –Alex afagou seu rosto. Ada o afastou me encarando, ela tinha o olhar mais feroz. Alex não tinha esse olhar.

–Você deve ser a Samantha? – Eles tinham o mesmo tom de cabelo e o mesmo jeito encantador.

–Sam. –Estendi a mão me afastando do carro. Ada me puxou para um abraço apertado.

–Obrigada por cuidar dele.–Sussurrou em meu ouvido. –Seja bem-vinda. –Se afastou com um sorriso grandioso.

–A casa está cheia? –Alex perguntou pegando nossas coisas.

–Digamos que as famílias estão reunidas, mas não se preocupe, arrumei um quarto para vocês dois antes que dissessem que viriam. –Sorriu segurando minha mão e me puxando para dentro.

A casa estava realmente cheia, e me senti um peixe fora d'agua. Todos vieram em direção a Alex e era de repente como se só ele estivesse ali, então agradei quando Ada me puxou para a escada, nos esquivamos de mais crianças no corredor. Ela me explicou onde ficava o banheiro antes de abrir a última porta. Era um quarto pequeno que cabia apenas uma cama de casal e uma cômoda, tinha roupas na cama e Ada xingou baixinho antes de juntar e joga-las no chão perto da porta.

–Pessoas folgadas eu costumo não tolerar. –Bufou e abriu um sorriso. – Você deve estar cansada e com fome, não é?

–Estou bem.

Ada me encarou por alguns segundos e uma lagrimas desceu.

–Me desculpe, eu estou com os nervos à flor da pele, são os hormônios.

–Eu entendo. –Realmente entendia.

–Mas em parte eu estou feliz por meu irmão estar aqui, e ele te trouxe então quer dizer que ele está bem.

–Ele não deixaria de vir.

–Nos últimos anos eu costumo ouvir isso e essa é a primeira vez que ele veio realmente. E se ele veio com alguém, é porque ele está ficando bom de novo.

–Alex só quer viver lá fora.

–Não, ele quer fugir. –Se sentou a meu lado. –E eu não quero que ele fuja pra sempre. Ele não precisa disso.

–Ele te ama de verdade. –Afaguei sua mão inchada.

–Eu sei, eu gosto de saber que você está com ele e que você meche com ele. –Sorriu.

Eu sou a nova parte complicada dele.

–Estamos tendo alguma coisa...

–Não precisa se envergonhar, sei a forma que se conheceram e toda forma de amor é aceita. Nossa isso foi clichê. –Gargalhamos. –Mas sério, você o ama?

–Alex é a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Ele expulsou meu eu para fora de mim. –O que não era mentira. – Eu o amo, mais do que eu poderia achar possível.

–Então não o deixe, ele precisa de você. Ele precisa de alguém, é algo que eu não posso ajudar.

–Vou me esforçar.

–Obrigada, bom fiz torta de maçã quer ir buscar? Então eu posso te deixar em paz pra você descansar.

–Você não me incomoda.

Sair do quarto era deixar sua zona de conforto, mas segui Ada até a cozinha onde algumas pessoas falavam alto enquanto passavam para fora com pratos de comida. Ada achou a torta cortando um belo pedaço e colocando em um pequeno pote o tampando, abriu a geladeira pegando uma cerveja e a empurrando a mim.

–Isso aqui dá para aguentar essa bagunça. –Afagou meu rosto. –Qualquer coisa é só gritar, sinta-se em casa.

Eu queria Alex agora e como se o destino soubesse disso, o vi na varanda rodeado de pessoas rindo alto. Cheguei a sorrir com isso se não fosse pela garota que era grande demais para parecer uma criança e vulgar demais para parecer inocente sentada em seu colo enquanto ele bebia uma cerveja. Antes que Ada ou qualquer um ali percebesse minha reação, eu me virei com um falso sorriso.

–Eu... estou subindo.

–Certo, tem roupas minha em uma das gavetas, mas não se preocupe são de antes da gravidez. Caso queira algo confortável. E toalhas também.

–Obrigada mais uma vez.

Ada me jogou um beijo e bateu palmas falando com a mulher a seu lado quando eu sai da cozinha. Assim que cheguei no quarto conferi o banheiro antes de deixar as coisas na cômoda e procurar algo para dormir. É só a família dele, vocês brigaram e não há porque ele estar aqui com você. Mas eu não conheço ninguém além de Ada e isso faz me sentir pior.

Tomei um longo banho, dessa vez não era nada apressado, aproveitei cada segundo. Comi metade da torta de maçã e bebi toda a cerveja enquanto voltava as minhas ligações tempo depois. Fiquei nessa até o sono chegar, apaguei a luz e me encolhi na cama puxando o cobertor para mim.

Senti o colchão afundar, não havia mais barulho e nem vozes e o perfume de banho tomado encheu minhas narinas. O braço forte passou minha cintura me puxando para mais perto e meu coração pesou toneladas. Alex estava se aconchegando em mim, segurei sua mão para afasta-lo, mas ele não se moveu.

–Não me manda sair.

–Sai. – Mandeí.

–Estou a três horas tentando dormir no chão, mas eu não consigo.

–Problema seu, ou se preferir eu durmo. –Murmurei.

–Me desculpe.

Belisquei sua mão com força.

–Ada já me machucou, então não precisa tentar fazer isso. Eu fui um idiota.

–Você foi... você me deixou droga... você estava lá com aquela garota. E... ah Alex!

Seu braço me puxou até eu que me virasse para ele, seus lábios pastando em minhas lágrimas.

–Eu bebi muito mais depois disso, porque tendo a ser idiota quando não consigo controlar as coisas.

–Controlar o que?

–Você. –Me fitou. –Sente. –Colocou minha mão em seu peito. –Isso é medo e ansiedade.

Seu coração batia rápido, pesado.

–Está sendo difícil pra mim não falar com você, porque sei que pra você o silêncio é como um amigo. Então você não vai se incomodar, mas eu me incomodo. Eu tenho medo que você me deixe, e eu estou apaixonado por você pra você me deixar agora. – Uma lágrima deslizou por seu rosto bonito. –Não importa quantas mulheres cheguem perto de mim, não será nada se nenhuma

delas for você.

–Alex...

–Eu só quero que confie em mim e me deixe cuidar de você. Eu não me importo de carregar seus fantasmas e domar seus monstros. Não me importo de carregar seus medos, porque eu te amo. E é isso que fazemos quando amamos uma pessoa, nós cuidamos dela.

Abafei meu choro com a coberta antes de suas mãos me puxar para cima dele. Afundei meu rosto em seu pescoço sentindo seu coração batendo. Eu não poderia ir a lugar algum sem ele, eu não saberia mais estar na estrada sem ele.

–Eu te amo. –Sussurrei em seu ouvido. –Eu senti sua falta. –Meus dedos se afundaram em seu cabelo.

Eu gostava de senti-lo, cada parte de mim gostava de senti-lo.

–Eu preciso de você, agora. –O encarei. Um brilho iluminou seus olhos.

–Sou todo seu. Apenas seu. –Beijou meu queixo.

Alex me fazia perder a sanidade, me fazia sonhar de novo. Me fazia ser clichê da maneira que passei a repudiar. Alex apenas me deixava viver.

Alex

Sam ainda dormia quando acordei pela manhã, era sempre a mesma sensação de contentamento quando a via, era bom saber que ela ainda está ali. Permaneci em meu lugar até ela acordar e tomarmos um banho juntos, descer sozinho me faria ter que enfrentar a prima de meu cunhado e colega Soraya, ela grudaria em mim como na noite passada e eu não queria outro problema com Sam.

–Sua irmã sente sua falta. –Falou enquanto se trocava. –Ela me mostrou isso ontem.

–Eu sei, mas eu não posso viver à sombra dela.

–Não pensa em ficar por aqui? – Me fitou.

–Você não vai querer ficar.

–Mas você vai.

A encarei.

–Está me dispensando?

–Não!

–Então como acha que vamos viver separados?

–Não penso muito nisso.

–Eu penso, então sem chances de isso acontecer agora e por um longo prazo.

Ada terminava de arrumar a mesa em cima de protestos quando entramos na cozinha, ela parecia realmente cansada e uma hora, teríamos de mandar as visitas embora. A abracei alisando sua barriga levemente.

–O que aconteceu? – Beijeí sua testa.

–Eu não os aguento mais. –Murmurou. –Eles só querem comer e deixar as coisas para mim.

–Posso dar um jeito nisso.

–Dessa vez não me oponho. –Falou se encostando na pia. –Olá Sam, como dormiu? – Perguntou seu rosto se iluminando.

Encarei Sam por um segundo.

–Perfeitamente bem.

–Estão planejando um sobrinho para mim também?

–Ada. –Chamei sua atenção.

–Qual é, Alex? Sam é linda, você não é de se jogar fora. Será um lindo sobrinho.

–Acho que não é a hora. –A parei.

Tomamos café nós três sozinhos na cozinha enquanto o falatório vinha do lado de fora, Ada marcou de fazer compras e ela não queria ir sozinha, então

convidou Sam e eu o que era bom estar longe um pouco de todas aquelas pessoas.

Já havia me esquecido como era maravilhoso seguir as mulheres em lojas, só que dessa vez, Ada entrava em lojas infantis onde soltava gritinhos a cada novidade que via. Os olhos de Samantha cresceram algumas vezes encantada com uma coisa ou outra e me perguntei se ela queria isso para ela também. Eu não me importava de começar a tentar. Paramos algumas vezes, entre uma ligação de Ada e outra onde ela gritava alto chamando atenção de todos. Sam estava sentada em meu colo rindo das atitudes dela, eu falei que minha irmã era um pouco fora de si as vezes.

–Está cansada? Podemos voltar para casa. –Sussurrei em seu ouvido.

–Estou bem. –Afagou meu braço. –Estamos nos divertindo.

–Eu também.

Uma risada escapou de seus lábios.

–Você é um grande mentiroso. –Me beijou.

–Eu sei. –Retribui. –Um dia quando for nós dois, eu não vou me cansar, vamos comprar tudo o que tivermos direito.

–Você quer ser pai? – Se afastou para me encarar.

–Você não quer ser mãe?

Seus braços descansaram em volta do meu pescoço.

–Já pensei sobre isso um dia.

–Eu não sou ele, então te proíbo de matar seus sonhos por causa de um

idiota.

–Eu sei que não é ele, mas filhos?

Beijei seu ombro.

–Seria uma linda garotinha com olhos espertos e inocentes. Ela teria a mesma delicadeza da mãe.

–Eu prefiro que ela seja forte como o pai. –Afagou seu rosto no meu.

–Não. –A fitei. –Nosso garoto será como eu, vou ensiná-lo a cuidar das damas da família.

Sam sorriu e ela dava sorte por estarmos em público, ou faríamos nossos filhos ali mesmo no meio da praça da alimentação.

–Deixem de ser tão fofos, sério eu estou emocional e vocês assim não estão ajudando.

Sam sorriu me soltando. Obrigada Ada.

–Acho que estou com fome. –Anunciou. –Vou procurar algo para comer.

–Quer que eu vá buscar? –Perguntei.

–Não, voltem aos planos. Volto já.

Assim que deu as costas, puxei Sam para o meu colo. Seus dedos traçavam desenhos por meu braço, ela estava pensando seriamente no assunto pais e filhos e eu nunca falei tão sério na minha vida.

–Quanto tempo eu preciso para pedi-la em casamento? –Apoiei o queixo em seu ombro. A senti tensa por um segundo.

–Casamento?

–Sim, eu não quero fugir disso também. Mas quero saber quando vou poder fazer esse pedido.

–Você tem certeza que me ama? – voltou a me encarar.

–Nunca tive tanta certeza na vida. Só preciso de um pouco mais de confiança, as vezes sinto que tem medo de mim.

–Eu não tenho medo de você, tenho medo de perder você.

–Se depender de mim, isso não vai acontecer. Mas quero que seja mais aberta comigo, eu quero cuidar de você.

Ada voltou com dois sanduiches enormes, depois de comer ela nos fez andar por mais uma hora antes de voltarmos para casa. As coisas estavam mais calmas por lá, levei suas compras para o quarto e Sam ficou na cozinha com ela enquanto preparava um sanduiche.

–Eu acho que estão liberados. –Ada falou com a boca cheia. –Vocês têm uma missão a seguir.

A encarei.

–Meus sobrinhos. –Falou.

Sam segurou minha mão escondendo a risada. Assim que a risada escandalosa de Soraya entrou pela cozinha, vi o clima mudar. Sam apertou minha mão e a encarou, posso dizer que foi a primeira vez que a vi olhar alguém daquele jeito.

–Aí estão vocês, aonde foram? – Soraya jogou os cabelos escuros em cima dos ombros e sorriu.

–Compras. –Ada falou a encarando.

–Por que não me chamaram? – Falou acusatório.

–Porquê de gorda já basta eu, não caberia nós quatro mais sacolas no carro.

Soraya a encarou.

–Eu não sou gorda. Sou, Alex? Preciso de uma opinião masculina.

Sam me encarou com as sobrancelhas erguidas.

–Acho que apenas não caberíamos todos no carro mesmo. –Falei.

–Está me chamando de gorda, também? –Fez um bico fora do comum.

–Acho que temos uma missão a seguir. –Sam ficou na ponta dos pés e me beijou. –Vamos?

Ada deixou uma risada engasgada sair.

–Que missão? –Soraya se debruçou na bancada mostrando o silicone recém colocado.

–Fazer sobrinhos para mim. –Ada mordeu outro grande pedaço de seu sanduiche. –Também quero ser tia, eles vão praticar.

Sam estava corando, mas não ia dar o braço a torcer. A deixei me levar para escada e soltei minha risada, mesmo a ouvindo bufar.

–Vamos realmente praticar? –Perguntei quando fechei a porta do quarto a trancando.

Sam tirou a roupa ali mesmo no meio quarto ficando apenas de calcinha e sutiã de renda, me encarou antes de entrar no banheiro, segundos depois colocando a cabeça para fora.

–Por que ela não vai procurar alguém livre?

–Porque não é todo dia que se ver um cara legal como eu.

–Seria uma pena se esse cara legal pertencesse a mim. –Falou um tom mais alto.

–Está com ciúmes?

Negou.

–Admita.

–Não. Você não é isso tudo. –Entrou no banheiro. Tirei minha roupa a deixando do lado da sua e entrei no banheiro.

–Tem certeza? –Segurei seu rabo de cavalo a virando para mim.

–Quase certeza. –Fechou os olhos.

–O que você fez comigo, senhorita Alison? –Toquei seus lábios. Eu gostava de senti-la se desfazer em meus braços.

–O que eu fiz? Te amei?

A preensei contra parede.

–Roubou minha alma e meu coração. –Sussurrei contra seus lábios. O que não era mentira, ela realmente havia feito isso. –E agora eu amo você.

Alex dormia a meu lado, ainda era cedo, não passava das onze. Me peguei sorrindo todas as vezes que as imagens de seu pequeno ataque no banheiro me pegavam de supressa, seus toques, seus beijos, sua força contra mim. Eu gostava disso, gostava tanto que chegava a doer. Toquei suas costas de leve apenas para sentir sua pele na ponta de meus dedos, eu não podia estar mais feliz do que agora. Seu corpo se mexeu e lenta e preguiçosamente ele se virava para mim. Sorri.

Sua mão me puxou para seu peito e podia jurar que seus olhos estavam se fechando novamente, ele apenas queria me fazer dormir também. Mas me ergui sobre seu peito o fitando, tocando seus detalhes com as pontas dos dedos, ainda em minha pesquisa minuciosa constatando que ele era perfeito para mim.

–O que foi?

–Você tem certeza que quer ficar comigo?

–Certeza absoluta. –Seus dedos se fecharam em volta do meu pulso.

–Tem certeza que quer se casar e ter filhos?

Sorriu.

–Outra certeza.

Beijei seu peito.

–Podemos impor condições nisso?

Seus dedos afagaram meu cabelo, até se fechar e me fazer encara-lo.

–Todas as condições do mundo.

–Eu não quero voltar para casa, mas também não quero ficar aqui. –Falei calmamente.

–Para onde quer ir?

–Qualquer lugar onde eu possa ter meu pai comigo, pelo menos umas cinco casas depois da minha. –Eu não podia deixa-lo.

–Por mim, tudo bem. Apenas isso?

–Não pode me dar as costas caso eu surte.

–Você não vai surtar. –Me beijou.

–Podemos ter três filhos. –Era um sonho.

Seu sorriso aumentou.

–Acho justo.

–Podemos nos casar em qualquer lugar, menos na igreja.

–Eu não me importo com o lugar, a menos que tenha opções.

Neguei.

–Podemos passar uma temporada na estrada sempre que pudermos, mesmo depois de eu ter filhos e ficar gorda.

–A gorda mais sexy que eu terei conhecido. – Beijou meu nariz.

Montei em cima dele, suas mãos apertando a carne em minha cintura. Era uma lista de condições, as mais complicadas ele estava levando sem perguntas.

–Podemos nos casar assim que deixarmos aqui. –Me puxou contra seu peito, seus dedos ainda presos em meu cabelo.

Eu podia senti-lo, e o queria.

–Podemos nos casar agora mesmo. –Murmurei contra seus lábios. –Eu não me importo.

Sua mão livre me puxou apenas alguns centímetros para baixo antes que todo o ar dos meus pulmões parasse ao me tomar. Alex estavam em todos os lugares e me sentia pequena dentro de seus braços. Não consigo respirar quando ele me aperta, sua respiração em meu pescoço, antes de aliviar e acariciar meu rosto. Seus olhos eram profundos e selvagens e eu não tinha mais vergonha de encara-los, pelo contrário, eu gostava disso.

Cravei as unhas em seu ombro quando me movimentou lentamente e ganhei algum credito com isso, me erguendo aos poucos até me sentir no controle. Suas mãos pousadas apertadas contra minha cintura, uma linha fina e caótica de suor brincar em sua testa, minha visão estava começando a ficar turva e as borboletas lutavam para deixar minha barriga. Todo meu corpo estava acordando.

O provoquei com um beijo, me afastando sempre que ele chegava mais perto, isso causava uma estranha sensação de contentamento em mim, até que seus braços se fecharam possessivamente ao redor do meu corpo deixando um grito escapar. Não era nada comparado aos gemidos e sussurros de mais cedo, esse eu tinha certeza que havia sido escutado. Prendi seus cabelos entre meus dedos e me afundei em seu pescoço enquanto ele trabalhava contra mim e a cada investida eu sentia que precisava de mais. Eu apenas precisava de mais dele. O tempo todo.

Sua mão se fechou mais uma vez contra meu cabelo, expondo meu pescoço para beijar, morder e sugar. Me marcar. Seus dentes prendiam meu lábio inferior e seus olhos se abriram soltando um breve som abafado. Eu sabia o que estava por vir, porque o sentia me preencher até a alma e isso me despertou o conhecido que sempre seria desconhecido a cada nova experiência com ele. Demos mais uma vez a nossa entrega e mais uma vez não limitei meu grito, eu

precisava colocar isso para fora, mesmo me sentindo terrivelmente envergonhada depois.

Meu corpo estava latejando minutos depois e me sentia febril, Alex acariciava minhas costas enquanto eu lutava para manter meus olhos abertos. Ele tinha um sorriso enorme nos lábios rosados e inchados, toquei seu peito e deslizei meu dedo por ele até o meio de seu umbigo.

–Você está cansada. –Sorriu engasgado.

–Só...observando.

–Quer que eu te ajude no banho? –Se aproximou beijando meu cabelo. Assenti.

–Me dê mais alguns minutos. –Fechei os olhos.

Senti meu corpo sendo erguido pouco depois. Alex estava me levando no colo para o nosso pequeno – e abençoado – banheiro. Me sentei na privada e o observei ligar o chuveiro e o chuveirinho, a água estava morna até mudar de temperatura. Quente! Fechei meus olhos mais uma vez, agora apenas para relaxar, senti o perfume do sabonete e o shampoo enquanto massageava meu cabelo.

–Amanha. –Sussurrei.

–O que tem amanhã?

–Quero ir para Nova York, amanhã.

Sua respiração era lenta, mas eu sabia que ele ia concordar. Mesmo isso o frustrando e preocupando. Estava me sentindo bem com os novos planos, que eu não queria ver como planos. Deixar minha mãe entrar na minha vida, ou tira-la de vez, dependia de mim. Mesmo não precisando mais disso como prova de sobrevivência, parte de mim queria pertencer a alguém. E esse alguém era ela, a

peça que faltou todos esses anos onde eu me agarrava a uma lasca dela e feria minhas mãos.

–Tudo bem. –Beijou minha testa. –Nós vamos vê-la.

–Eu vou ficar bem. –Beijei sua mão. –Confie em mim.

–Eu confio.

Mesmo estando com medo, depois dali teríamos a nossa vida. Eu teria uma vida agora.

Alex

Coloquei nossas malas no carro, Ada passou a manhã agarrada a Sam eu odeio despedidas tanto quanto elas, então tentei parecer bem com tudo isso quando entramos no carro e dei partida. Sam ainda estava em silêncio, um silêncio meio perturbador, afaguei sua mão.

–Eu não sei o que vou dizer a ela. –Falou.

–Às vezes não é preciso dizer.

–Eu pensei sobre isso a noite toda e agora, eu realmente não sei o que vou dizer. Talvez, olá.

–Você é esperta, sabe o que está fazendo. –Eu acho.

Ainda era muito cedo então a fiz fechar os olhos e relaxar um pouco. Meus olhos não se desviaram da estrada em nenhum segundo, pensei em pegar a costa quando estivéssemos perto de Nova York, eu realmente queria alongar nossa viagem porque algo me dizia que abriríamos um buraco nela e apesar de eu me achar totalmente em sua vida. Eu ainda não pertencia a ela.

Algumas horas depois, ela estava se sentando a meu lado novamente, seus cabelos caindo ao redor de seu rosto pequeno e me desconcentrando um pouco, ela era linda quando acordava. Suspirou alto e fechou os olhos encostando a cabeça na janela.

–Podemos parar um pouco? –Perguntou.

–Precisa ir ao banheiro ou coisa assim?

Negou me encarando.

–O que então?

–Preciso ficar com você, um pouco. Preciso de atenção, só isso.

Estávamos no meio da estrada, estacionei acedendo os faróis e passando para o banco de trás onde ela me acompanhou se aninhando a mim como um gato. Eu sabia o quanto sua cabeça devia estar perturbada.

–Eu sei o que está fazendo. –Sussurrou contra meu pescoço.

–Te dando tempo.

–Eu sei. –Me encarou. –Mas se fizermos de forma rápida, isso pode terminar logo. Então voltaremos pra casa, você vai conhecer meu pai. Vai ficar tudo bem.

Eu contava com isso.

Nosso segundo dia de viagem começou mal, Sam passou meia hora gritando ao celular e eu já sabia quem era, porem me impediu de chegar perto quando pensei em toma-lo de suas mãos. Nossa parada obrigatória foi um pequeno hotel em algum lugar perto de Toledo.

–Eu não quero esse silêncio. –Falei. Ela estava sentada no meio da cama abraçada aos joelhos. –Acho que já podemos conversar, foi um longo dia.

–Eu não quero conversar agora.

–Quando então? Porque eu juro que não aguento mais isso, ele ou ela que tenha te ligado está fazendo as mesmas coisas de antes. Te controlando e te

dizendo o que você deve ou não fazer e você cisma em seguir a droga das regras deles! – Tentei não gritar.

–Eu não estou seguindo as regras deles!

–Não? Tem certeza disso? Olhe como está diferente comigo, Sam.

–Me desculpe, eu... só estou confusa.

–Com o que? Se você quiser desistir, podemos ir pra qualquer lugar agora mesmo. Você só precisa me dizer. Mas não me deixe nesse silêncio, eu não vou aceitar te perder, está me ouvindo?

Só de pensar na possibilidade já me machucava. Só de pensar que eles eram íntimos o suficiente para fazer ela mudar de ideia sobre tudo. Esperei que dormisse, ela estava cansada demais para alongar nossa conversa e eu não queria levar isso adiante. Minhas mãos estavam suando segurando seu aparelho, estava quebrando todas as regras de privacidade. Mas era hora de pôr um fim nisso.

Os corredores estavam silenciosos quando deixei o quarto, voltei ao carro estacionado a alguns metros do hotel e conferi as últimas chamadas de Sam, todas eram do mesmo número e apenas apertei para retomar a chamada. Três toques e ele atendeu.

–Sam?

–Olá.

–Quem é?

Precisava manter a calma ou quebraria o aparelho em minhas mãos.

–Alguém que você não vai gostar de conhecer.

–Esse número é da minha noiva.

Uma risada escapou.

–Você está querendo dizer da mulher que você traiu no dia do casamento dela? Da mulher que confiou em você uma vida toda e você foi um verme a ponto de trai-la com a melhor amiga dela? Da mulher que não é mais nada sua.

–Você é o louco que está alimentando as alucinações dela? Você não a conhece, Sam não precisa de ninguém dando corda para as coisas que ela quer fazer porque no fim ela sempre se machuca e nunca sabe lidar com isso! – Gritou.

–Porque ela contava com as pessoas erradas para isso.

–Eu sei que eu errei, sei de todos os meus erros com ela. Mas ela sabe que me arrependi e querendo ou não, ela ainda sente a mesma coisa por mim.

–Você dá a sorte de estar longe dela.

–Eu não sei o que ela diz pra você, mas sei o que ela diz pra mim. Todas as nossas conversas, ela para. Ela me escuta e não vou me cansar de fazê-la entender que estou arrependido. Porque ela me ama, só está machucada e a culpa é minha. Vou dar todo o tempo do mundo que ela precisar, mas entenda que ela nunca poderá ser sua. Porque é uma escolha dela.

–A escolha dela foi estar longe de vocês.

–Você foi apenas alguém que ela encontrou no meio do caminho que a incentivou seguir em frente, se não fosse isso ela estaria de volta. Conversaríamos e tentaríamos nos resolver, você nunca vai entender isso, porque é um amador no meio de toda a história. Mas eu vou busca-la aonde quer que ela esteja e ela vai querer vir comigo, porque ela não disse não mais cedo.

–Se tentar chegar perto dela, eu acabo com você. – Ameacei. Eu não

estava brincando.

–Isso também não é uma escolha sua.

Não consegui pregar os olhos depois que voltei ao quarto, não podia pedir ajuda a Ada ela provavelmente gritaria comigo até sua cabeça explodir, mas estava em parte decidido. Consegui um computador na recepção, para todos os efeitos nosso carro quebrou. Comprei duas passagens para Nova York sairia pelo fim da manhã, o carro voltaria pra casa em uma viagem fretada. Não estou entregando os pontos, só não posso continuar sem entender o que está acontecendo com todos nós.

Eu posso ser realmente só o cara que disse que ela podia seguir em frente, mas quando me virar de costas e deixa-la ir sozinha, posso ser apenas isso. Sua coragem limitada. E eu não quero ser a coragem dela, eu quero ser dela. Mas não posso obriga-la a isso, não posso deixa-la sob as dúvidas mais uma vez. Aceito qualquer coisa que a deixe bem no final.

–Só vou tomar um banho, e podemos sair. –Avisou.

–Não precisa ter pressa, vamos de avião.

Se sentou na cama me encarando.

–Avião? Por que?

–O carro quebrou.

–Não temos um mecânico por aqui?

–O motor está muito quente, não podemos seguir viagem.

Sam me encarou por alguns segundos antes de sair da cama e ir para o banheiro batendo a porta, dois segundos e ela estava de volta me encarando.

–Você está mentindo, não está? – Cruzou os braços com raiva.

Neguei.

–Você está, Alex! O carro estava bom até ontem. O que você fez? – Gritou.

–Se não acredita, vá até a recepção. Eu pedi ajuda a eles.

Respirou fundo.

–Pode me falar a verdade?

–Você pode? – Rebatu.

–O que quer saber? – Passou os dedos pelo cabelo os prendendo na nuca.

Agora? Nada.

–Temos duas horas, eu vou ver se está tudo certo. –Peguei minha camisa no chão e calcei meus chinelos.

Não queria brigar com ela, não queria fazer perguntas porque ela saberia me responder a ponto de me fazer aceitar e eu não queria aceitar nada vazio. Voltei vinte minutos depois, ela estava sentada na cama segurando o celular com força fazendo os nós de seus dedos aparecerem. Falar com ela me doía, então segui para o banheiro e demorei o máximo de tempo que podia.

Nosso taxi chegou as onze em ponto, ela não argumentou. Era para as coisas serem mais fáceis, mas tudo o que via era uma montanha nos soterrando. Não havia confiança, não quando deveria haver. Eu poderia apenas deixa-la e ir embora, mas parte de mim não queria isso, as onze e vinte estávamos decolando. As vezes seus olhos me encontravam, mas logo se desviava, não nos tocamos e isso era quase a morte pra mim. Havia uma certa necessidade.

Horas depois estávamos pousando em Nova York, foi a primeira vez que ela me tocou quando segurou minha mão com força, seus olhos estavam com as bordas vermelhas de quem iria começar a chorar, mas ela segurou bem cada lagrima. Assim que pegamos nossas malas, ela tirou uma folha de papel amassada e passou um tempo observando a própria letra.

–Me deixe ver.–Peguei o papel. Conseguimos um taxi e mostrei ao motorista o endereço.

Sam estava a meu lado abraçada a mochila, já havia roído as unhas e parou de mexer as pernas. Pegamos um ônibus depois de um ponto e seguimos viagem, estávamos passando do movimentado centro da cidade bem perto.

Menos de dez minutos depois estávamos em frente a uma casa dois andares, tinha um balanço no quintal e um cachorro enorme latindo andando de um lado a outro. Sam encarou o papel mais uma vez, eu não podia fazer muita coisa, afinal estávamos aonde ela queria estar.

–Sam!

Olhamos para trás, eu tinha aquela sensação de que não precisava de apresentações para saber quem era que estava ali. Não só pelo olhar de Samantha, mas por tudo, eu sabia que era ele.

–O que vai fazer?

–O–o que está fazendo aqui? – Oscilou.

–Vim te impedir de cometer essa loucura. –Falou ofegante. –Por favor, me escuta, sei que não quer. Mas só dessa vez, eu te disse que já tentei isso, que já estive aqui antes. – Ele tentou.

Dave era tudo o que ela me disse, desde o gel no cabelo loiro aos gestos politicamente correto – irônico, não?

–Ta, mas agora sou eu. Você fez tantas coisas que... eu não posso acreditar em você.

–Dessa vez eu quero que acredite, você vai se machucar tentando atenção de alguém que não se importa. Ela não se importa. – Ele se aproximou.

Um garoto apareceu na soleira, gritou alguém dentro de casa e todos se voltaram a eles. Sam estava um passo à frente de Dave e eu e ele continuava dando palavras de incentivo para ela voltar atrás.

–Me escuta. –Segurou seus ombros. –Pensa no seu pai, pensa que ele sabe que isso pode acontecer e você pode se machucar.

–Eu quero isso. – Sam sussurrou.

–Quer se machucar?

–Venho fazendo isso ao longo dos anos.

–Se for por mim, eu me arrependo de tudo. Não estou pedindo para me perdoar de nada. Estou pedindo para recuar e deixar isso tudo pra lá. Essa loucura de viagem, de sair pelo mundo. Isso é loucura Sam, isso é colecionar dor e você sabe disso. Ela fez isso. –Apontou para casa.

–É uma parte de mim incompleta, quero consertar minha vida e ela começa aqui.

Continuei parado em meu lugar observando a cena, eu realmente estava de fora. Apenas observei a mulher aparecer na soleira e eu sabia que era quem ela tanto procurava, os traços eram iguais. Dave a seguiu e ela não o mandou parar era como se eu não estivesse ali, não sei quanto tempo se passou, não estava sentindo muito sobre mim.

–Livre? –Perguntei ao motorista do taxi. O senhor assentiu.

–Pra onde? – Perguntou.

Ajeitei minha mochila nas costas.

–Aeroporto.

–E a moça?

Encarei a casa, apenas o cachorro latindo no quintal. A porta se fechou.

–Ela não vem.

Ela não vai voltar comigo.

Samantha

Pensei em várias formas de começar uma conversa com minha mãe desde que eu tinha cinco anos e percebi que ela não voltaria mais. Pensei de forma inocente, durante muitos anos, pensei em um abraço antes de mais nada. Mas diante dela, eu não era nada além de uma estranha, me sentia estranha. Observei a garota parada ao lado da escada, ela tinha alguns traços dela, os olhos, o cabelo, era como o garoto e tentei adivinhar sua idade. Dezoito e catorze?

–Quem é ela? –Perguntou.

–Sobe os dois. –Elizabeth mandou.

–De novo de segredinho com essas pessoas estranhas? –A menina insistiu.

–Sobe para o seu quarto agora, Darina. Não me deixe mandar de novo. E você também. –Encarou o menino.

–Certo. –Darina ergueu as mãos em protesto. –Pode não se esquecer que hoje é o meu treino?

–Eu não esqueci.

Soltei o ar lentamente, eu queria ter tido esses momentos mãe e filha. Eu queria ter apenas aquele momento. Os vi subir ainda em protestos antes de me voltar a ela, ainda com a sensação de vazio pesando em meu estomago.

–Samantha. –Falou em um sussurro. –O que faz aqui?

–O que faço aqui? Eu cansei de esperar você me pegar na escola. Se passaram muito tempo, você sabe quanto?

Sua expressão era pacífica. Esperava alguma emoção, mas eu não achei.

–Dezoito anos, idade da sua filha não é? –Um nó se formou em minha garganta. –Eu sempre soube que você não queria mais nada com o meu pai. Mas eu era algo importante no meio disso tudo, ou pelo menos me inocência me deixava pensar assim. Sempre estive errada, não é mesmo?

–Seu pai e eu nunca demos certo. E te machucar era a última coisa que eu queria e isso iria acontecer se as coisas continuassem como estavam. Ele sabia que uma hora tudo teria que ter um fim.

–Eu era o seu fim? – Tinha um nó em minha garganta.

–Ele saberia cuidar de você melhor do que eu.

–Ele não podia te dar tudo o que queria. –Encarei a enorme sala. –Isso. Essa vida, filhos perfeitos, roupas caras. Que marca é o seu carro? –Minhas mãos estavam suando. –Você o deixou sem olhar para trás. Você me deixou sem se importar que eu era apenas uma menina que não se importava com as coisas que estavam acontecendo porque eu amava meus pais. Eu amava você, Elizabeth. Eu te amei por todos esses anos até agora.

–Eu me arrependo de muitas coisas. Me arrependo de ter conhecido um homem tão bom quanto seu pai, mas não era aquela vida que eu queria. Você é jovem, deve me entender.

–Se eu tivesse parte de mim fora de mim, eu jamais a deixaria para trás.

Seu olhar caiu.

–Eu nunca quis aquela vida, mas eu te amava.

–Você nunca me amou. Eu tenho vinte e três anos, Elizabeth. Nesses últimos dezoito anos eu descobri as coisas de garota sozinha, ganhei responsabilidades, eu cuidei do meu pai que sofreu depois que você foi embora e que até hoje sofre as consequências disso. Eu ignorei todos os assuntos em que mães eram relacionados. Me privei de procura-la por um apelo do meu pai de que isso poderia me machucar tanto quanto o machucou. Esperei que no dia que a encontrasse, ouvisse algo que me fizesse mudar de ideia sobre todos os anos em que estive fora, mas olhando pra você. Vejo que nunca se importou.

–Eu recomecei, como desejei que recomeçasse.

–Diga isso a uma garota que você prometeu voltar. Diga isso ao passado cercado de promessas. Eu acho que me sinto um pouco melhor com tudo isso, e sinto uma pena enorme do meu pai por ter amado tanto uma pessoa tão egoísta como você.

–Sam...

–Você poderia ter simplificado tudo e dito assim que me viu que eu era um erro. Mandando uma carta, um telefonema. Eu não levaria isso comigo por tantos anos, sua vida é perfeita demais para você se lembrar disso. – As lágrimas estavam queimando meu rosto.

–Eu não poderia dar a vida que você queria. Eu não poderia te dar duas vidas.

–Eu não me importava com quantas vidas era possível eu viver, eu apenas queria estar com você.

Senti as lagrimas me machucarem. Eu não queria chorar, mas ela nem se importava com isso. Ela não se importava com nada. Ouvi a porta se bater atrás de mim, mas não me movi, a sombra ganhou forma de um belo homem de meia idade e em poucos segundos Darina e seu irmão estavam de volta. Elizabeth não fazia mais parte de mim.

–Temos visitas. –Falou simpático.

–Sim e estamos atrasados. –Darina o abraçou. –Uma amiga da mamãe.

–Ah sim, Joseph. –Estendeu a mão, mas fui incapaz de reagir. –Algum problema?

Elizabeth parecia tocada, pela primeira vez. Mas eu já não me importava mais, só precisava sair dali. A conversa que pensei que duraria horas, não levou mais do que alguns minutos sufocantes em pé no meio da sala.

–Não... eu estou bem. – Menti.

–Você parece um pouco pálida...

–Eu só estou de luto por uma perda recente. –Falei fria. –Minha mãe.

–Eu sinto muito.

–Foi melhor assim.

Darina me fitou.

–Credo, espero nunca te perder mamãe.

As observei antes de me virar e sair sem dizer nada, empurrando Dave. Eu precisava de Alex, precisava dizer que eu consegui apesar de todos terem razão. Eu não precisava mais sofrer com isso, mas ele não estava me esperando. Em nenhum lugar.

Uma semana depois...

–Você devia ligar pra ele. – Levantei meu olhar do jantar que jazia a meia

hora em meu prato.

Estava de volta, mas não parecia a minha casa mais. Não parecia meu lugar, nada habitável pra mim.

–Ele foi embora... ele nunca volta pra casa. É um acordo que ele fez com ela...

–Como você sabe que ele não voltou pra casa?

–Porque eu não sei onde é a casa dele, porque ele não retorna as minhas ligações. Me senti tão vazia quando não o vi, eu me sinto vazia.

–Ele achou que estava tudo bem pra você...

–Ele achou que era possível nessa droga de vida eu viver bem sem ele? Ele achou que depois de tudo eu poderia olhar para Dave e lhe dizer: Eu ainda amo você, sou uma otária e vou esquecer tudo o que me fez. Alex deveria entender que eu o amo, agora ele está lá fora em algum lugar no país tentando me esquecer.

–Você disse que ele tem uma irmã...

–Não posso dar os meus problemas para ela, Ada estava grávida e qualquer coisa a deixa aérea.

–E o que vai fazer?

Não tinha o que fazer.

–Não tem o que fazer.

Alex

“Hei, já faz mais de duas semanas, eu sei que não quer atender a nenhuma das minhas ligações mas eu sei como te encontrar. Alex, eu sou sua irmã. Você não tem que se esconder de mim e sofrer sozinho. Também sei que preciso te dar um tempo, mas agradeço a sua bebedeira por te fazer me ligar no meio da noite e me contar em detalhes o que aconteceu. Eu realmente gosto dela, e sei que você também gosta. E a minha opinião você já sabe, agora por você vou te dar três dias até você me responder pelo menos uma mensagem antes de eu aparecer aí, não importa o quanto minhas pernas estejam inchadas. Estou preocupada.”

Era a vigésima mensagem de Ada, ela sempre terminava dizendo que me daria um tempo mas ligava no segundo seguinte. Meu celular realmente estava passando mais tempo no carregador do que era de costume. Eu pensei que nunca mais conseguiria voltar pra casa e aqui estou eu. É vazio, mas eu já esperava por isso, meu carro chegou mas não havia um roteiro, não havia mais um lugar que eu quisesse ir sozinho por pelo menos uma pausa no tempo.

Minhas noites se resumiam a uma garrafa de qualquer bebida até pegar no sono, acordar e não ter mais nada para fazer. Ela ligou duas vezes, apenas essas duas vezes quando tive vontade de pegar o celular e retornar só para ouvir sua voz. Isso fazia meu coração bater forte e quase me alegrava, mas voltava de onde havíamos parado. Sempre me fiz de forte por nunca querer demonstrar meu medo de perder as coisas, porque sempre acho que no fim é exatamente isso que irá acontecer.

Consegui um pequeno emprego na oficina de um velho amigo, acho que

precisava ver pessoas e seus seis filhos eram um número bem grande. Deixei as semanas apenas passarem sem prestar atenção realmente em como elas estavam seguindo, no fim do dia estava cansado o suficiente para não me importar com mais nada. Ada parou com as mensagens, pelo menos por dois dias.

–Alex. – A morena de cabelos encaracolados sorria pra mim segurando dois copos de suco. Era a filha caçula do meu mais novo chefe.

–Margo.

Me estendeu o copo.

–Suco para repor as energias. –Falou se sentando no banco do carro a frente.

Margo era uma menina bonita, tinha um sorriso harmonioso e seus olhos tinham um brilho que encantava qualquer ser da terra. Isso explicava o excesso de ciúmes na família.

–Você devia se enturmar mais. –Falou segurando seu copo. –Papai disse que você não era tão silencioso assim.

–Seu pai não sabe de nada. –Sorri.

–Não o deixe escutar isso. Mas eu acredito nele, há algo em você que diz isso. Fiquei sabendo que esteve viajando pelo mundo.

–Pelo país.

–Tem boas histórias então.

–Algumas.

–Sou toda ouvidos. –Sorriu.

Contei como tudo começou, o princípio. Margo parecia surpresa e elogiava minha coragem de passar noites em lugares não tão hospitaleiros assim. Ela fazia bastante perguntas, havia sempre uma enorme curiosidade em suas palavras, era como se fosse pegar o primeiro carro e seguir meus passos.

–Pretende fazer isso de novo?

–Não sei. –Não tinha mais vontade, não agora pelo menos. –Tenho planos de seguir para Austrália em breve.

–Breve quando?

–Dias, horas, semanas.

–Qual é a sensação de cair no mundo assim?

–Liberdade.

–Posso ir com você para essa liberdade?

Tudo o que eu menos precisava agora, era de uma companhia feminina em uma longa viagem.

–Um dia.

–Um dia quer dizer nunca. –Chutou meu pé.

–Um dia quer dizer: quando os homens da família não quiserem me matar por estar levando a princesinha deles para uma longa viagem.

Margo sorriu.

–Bom, já te ocupei demais por algumas horas. Está afim de sair mais

tarde?

–Onde?

–The Rock, no centro da cidade. Alguns amigos vão e eu estou cansada de ser a vela dos casais. Você pode me fazer companhia enquanto alguns amigos tocam. É melhor do que ficar em casa vendo o tempo passar. –Suspirou.

Você precisa se ocupar.

–Tudo bem.

–Certo. –Abriu mais seu sorriso. –As oito.

–As oito.

Comecei a perceber que era errado o caminho que estava levando, eu sabia que estava tentando preencher o vazio que Sam havia deixado – que por incrível que pareça, era bem maior do que o primeiro.

Peguei Margo as oito em ponto, ela era uma menina falante e tudo me via em comparação. Sam não falava, ela prefira falar com os olhos, ela preferia me tocar e sorrir, ou simplesmente parecer um pequeno urso sonolento ao meu lado. Eu amava seu silêncio, amava a forma como ela agia as vezes, quando tudo o que era importante era apenas nossa companhia. Não importava palavras, geralmente não.

–Você não é muito falante. –Falou.

–Geralmente não.

–Será que depois da terceira bebida você me fala a parte oculta dessa viagem?

A encarei quando estacionei.

–A parte em que você conhece alguém importante. –Desceu. –Eu sei que tem alguém.

–Não tem.

Me encarou.

–Talvez tenha, mas foi deixado para trás assim como toda viagem.

–Certo. –Cruzou os braços me esperando. –Vamos falar dessa parte então, como falou da viagem. –Segurou minha mão. Despreocupadamente.

Eu deveria para-la assim que fui apresentado a seus amigos. Deveria voltar pra casa e me dar mais algum tempo antes de seguir para qualquer caminho, mas apenas me deixei levar. Estava deixando Margo controlar a noite, não estava me importando mais.

Foi interessante saber que teria de esperar dois dias até conseguir o carro que aluguel, mesmo tentando não pensar muito, quando cheguei a terras Australianas, sabia que havia deixado boa parte de mim para trás e por muito pouco não faria uma burrada para suprir a outra quando Margo tentou uma última vez m convencer a levá-la comigo.

Consegui um taxi e rodamos por um longo até meu celular me informar um hotel rápido, ficava a vinte minutos da rede de carros alugados. O hotel não era o dos melhores, mas já estive em lugares piores do que esse, o tempo todo tentando manter a mente funcionando. Ainda era cedo, deixei minhas coisas em algum canto do quarto e recoloquei o celular no carregador antes de me jogar na cama e dormir.

Eram quase quatro da tarde quando acordei, haviam batido na porta algumas vezes, serviço de quarto. Preferi descer do que ficar flertando com a mulher de meia ideia e simpática que resolveu contar sobre sua vida, mesmo gostando de ouvir histórias, eu estava dispensando aquelas. A recepção era bem movimentada, assim como o salão principal. Me sentei em uma mesa vazia e fiz meu pedido enquanto a garotinha na mesa a frente acenava envergonhada no modo automático. Ela faltava dois dentes do meio e suas bochechas eram enormes.

Eu pensei em Sam, eu não devia pensar, mas pensei em como seria uma pequena garotinha como ela. Minha mãe sempre me dizia que eu deveria parar de criar expectativas, mas eu nunca a escutei. Porque sempre esperei que algo desse certo enraizado nessas expectativas. Samantha era uma, era a garota que me fez esquecer um amor, e agora estou vazio. Literalmente. Meu pedaço de bolo chegou e quando levantei o olhar, a bochecha vermelha estava parada a minha mesa, mostrando os dois dentes que faltavam.

–Olá.

–Minha irmã mandou dizer que você é bonito. –Falou enrolando os cachinhos negros. –Mas ela é idiota, então não olha pra ela.

Abafei o riso.

–Sua irmã não iria gostar de ouvi-la falar assim.

Se sentou na cadeira a minha frente.

–Eu sei. Mas ela é, ela me mandou aqui e eu só tenho seis anos.

Sorri.

–Certo, e você precisa voltar com algo.

Assentiu.

–Você pode ir até lá e dizer que sou comprometido.

–Ela vai falar: eu nem gostei dele mesmo. –Falou mexendo os ombros.

Típico esse tipo de reação.

–Você está sozinho aqui? –Perguntou segundos depois.

–Sim.

–Não tem medo?

–Sou bem grandinho, não tenho medo.

Uniu os dedos e suspirou.

–Eu to de férias com a mamãe e o papai, a gente vai visitar a vovó.

–Está gostando das férias?

–Eu vou gostar quando eu ver os cangurus no parque. O papai disse que são legais, eu nunca vi um. –Sua emoção era palpável.

Passamos longos minutos conversando até a sua mãe se dar conta de que ela não estava mais a mesa e vir busca-la pedindo desculpas pelo falatório da garotinha. Ela acenou e gravou meu nome antes mesmo que eu pudesse lembrá-la de como se falava. Passei mais um tempo ali observando mais famílias e casais ocupando as mesas que ficavam vazias antes de me levantar e voltar ao quarto.

Ada deixou algumas mensagens perguntando aonde eu estava, como estava e se já havia me instalado. Para bem dela e do seu estresse, oculteí boa parte da minha viagem. Retornei minha ligação ao consorcio para garantir

realmente meu carro e estava tudo certo quanto a isso. Dei uma volta de meia hora pela cidade antes de voltar ao hotel e cair na cama mais uma vez tentando não pensar muito nas coisas. Me manter ocupado ajudava bastante.

Pela manhã recebi uma ligação da concessionária, meu carro estava pronto mais cedo do que o prazo que haviam me dado, então desci apenas para tomar café e sair logo em seguida. Minha pequena colega do dia anterior estava lá novamente ao lado decepcionada, a irmã adolescente, acenei antes de deixar o hotel em direção ao taxi que me esperava.

Meu celular tocou algumas vezes em meu bolso fazendo meu coração saltar pela boca. Até tomar coragem e pega-lo constando que não era ela. O número era desconhecido. Mas reconheci a voz do outro lado, Adriel, meu antigo chefe. Eu não precisava relembrar minhas horas em um escritório, mas ela parecia gostar disso então foram longos vinte minutos até a concessionária. Adriel era um amigo, antes de chefe e agora, depois de todo esse tempo retornava com uma proposta promissora de emprego. Eu poderia esquecer a Austrália e voar direto para Londres e ocupar um bom cargo em um dos escritórios espalhados pela cidade. Ou jogar tudo pro alto e continuar na estrada esperando achar pessoas que preencham meus dias até que tudo se torne cansativo e eu tenha que voltar pra casa da mesma forma que sai. Vazio.

–Não veja como pressão, você é livre para tomar suas escolhas, eu te apoiei nessa ideia maluca de sair pelo mundo. Só não sabia que seria agora, você é um bom rapaz e pode recomeçar sem perder a cabeça. Pense nisso, te dou algumas horas e você devia ler seus e-mails.

–Eu vou pensar sobre isso.

–Nos vemos em breve, eu espero.

–Até mais. –Desliguei.

Passei um tempo apenas observando o tempo. Eu não estava dividido, até ali. Eu poderia recomeçar agora, em Londres.

Samantha

Que eu iria me perder não era uma novidade, consegui um hotel depois de quatro horas que havia chegado na capital. Ada não me ligou e meu telefone não fazia nenhuma ligação para fora porque não configurei ele para isso, então apenas me sentei na calçada e segurei o choro por tempo suficiente. Minha cabeça parecia uma bomba que explodiria a qualquer momento e não era hora de me dizer para manter a calma.

Conferi o quarto antes de cair na cama e encarar o teto, liguei para minha operadora e eles me deram uma hora até tudo voltar ao normal, mas me sentia ansiosa demais para esperar. Me obriguei a procurar um computador na recepção e desejei que Ada visse seus e-mails, mandei um dizendo que havia chegado e não sabia por onde começar minha busca por Alex. E droga! Ele nunca ficava mais do que três horas em um lugar, eu não fazia a mínima ideia de onde começar a procura-lo.

Abri o caderno de anotações que fiz com coisas que Ada havia me passado, precisava achar uma rodoviária e tirar na sorte qualquer ônibus que fosse parar nas principais rodovias do país. Era como procurar uma agulha no palheiro e tentava a todo tempo não pensar que tudo isso era uma perda de tempo.

Dois dias depois eu estava sentada em um banco de rodoviária esperando meu ônibus sair, eu não tive medo disso um dia, agora parecia me sufocar. Algumas pessoas me encravam como se soubesse o quanto tudo isso estava me assustando. As oito da noite estava embarcando em um ônibus que passaria nos principais estados dentro de três dias. Ada me respondeu uma hora depois que Alex não entrou em contato e que ela não fazia a mínima ideia para que lado ele havia ido. Apenas respirei fundo e pensei em algo bom. Pensei em revê-lo e isso

era bom.

Acordei suada pela manhã, o ônibus estava parado e poucas pessoas falavam dentro dele. Ajeitei meu cabelo e sequei as lágrimas, peguei minha mochila e desci. Segui para o telefone público quando constatei meu celular sem bateria e não tínhamos tempo para recarregá-lo. Liguei pra casa e menti dizendo que estava bem, depois deixei algumas mensagens na secretaria eletrônica de Ada e não consegui não deixar transparecer meu medo. Quando terminei, me arrastei até o guichê e mostrei a foto de Alex, ninguém havia o visto ali, nenhuma daquelas pessoas.

Estávamos no segundo dia e vi pessoas entrar e sair daquele ônibus, e eu não parecia ir para lugar nenhum até o simpático motorista me perguntar se eu estava perdida. Acho que estava esperando alguém me questionar sobre isso.

–Estou procurando uma pessoa.

Sorriu.

–Na estrada?

–Isso é basicamente a vida dele, foi assim que o conheci e assim será como vou reencontrá-lo.

–Pode me mostra-lo?

Consegui fazer meu celular não se desligar quando o liguei, o senhor olhou por um instante mas negou tê-lo visto em suas paradas de postos ou em qualquer estação que paramos. Então eu me arrastava para o fundo do ônibus e esperava outra parada qualquer.

Ninguém o viu, e pensar que ele poderia não estar na Austrália começou a deixar minha cabeça confusa. Quatro dias e nem sinal, ninguém sabia quem ele era. Alex era o cara mais comunicativo que já vi em toda minha vida, prova disso, ele me deu uma carona a troco de nada. Se eu pudesse voltar atrás, por um segundo.

Me encolhi no banco de espera quando chegamos a rodoviária perto de Armidale, não era uma cidade grande, era o que parecia. As pessoas começaram a andar de um lado a outro e se misturarem. Abracei minha mochila e liguei o celular, consegui carregá-lo na última parada. Havia uma mensagem de Ada, e não esperei para ouvi-la.

“Hei, Sam, falei com Alex essa manhã, na verdade ele me deixou uma mensagem depois de ameaçá-lo muito para isso. Eu estou tão nervosa, eu nem sei por onde começar. Alex alugou um carro, então ele me enganou quanto a rodoviária e vários ônibus, mas... eu falei com Adriel, eu não sei se ele falou dele pra você, mas eles eram amigos. Além de Adriel ser seu antigo chefe, bom, eles voltaram a se falar e Alex recebeu uma proposta de emprego. Ele não me disse se aceitou, mas... eu acho que ele aceitou. Eu acho que ele não está mais na Austrália.”

“Sam, pode me ligar por favor? Você está bem? Meu Deus, eu preciso saber se você está bem. Apenas me ligue e vamos conversar.”

–Você está bem?

Pisquei deixando as lágrimas caírem e assenti a voz do meu lado. Me encolhi ainda mais no banco, apoiando minha cabeça na parede e fechando os olhos. Alex foi embora, era tudo o que pensava. Ele não está mais aqui, tudo isso foi inútil.

Eu vi pessoas entrando e saindo da rodoviária, continuava ali apenas observando, era tudo o que eu sabia fazer. Meus olhos estavam apertados de tanto chorar, minha coluna não doía mais como estava na madrugada e o sol que estava fazendo já havia me feito esquecer o frio que passei a noite. Eu perdi meu ônibus, apenas isso.

Encarei o banheiro imundo, antes de tomar coragem para ir até a pia velha e lavar o rosto e escovar os dentes. Meu estomago deu algumas voltas com o cheiro que vinha dos banheiros ao lado. Apertei as alças da mochila e sai, havia pequenos carrinhos de lanches em cada ponto, não era o que poderíamos

chamar de higiênicos mas era o que tinha ali. Desisti faltando duas pessoas para minha vez de fazer o pedido.

Fiquei pelo que pareceu mais uma hora sentada em um dos bancos de espera, antes de me levantar e acenar aos carros que pesavam em busca de carona. Eu precisava voltar pra casa mas não pagaria por outra passagem que me faria provavelmente rodar o estado. E ninguém parou, então andei por cerca de três horas até meus pés começarem a doer. Engoli o choro e voltei a caminhar.

Alguns quilômetros depois um taxi, foi como estar no paraíso quando me sentei e apenas o mandei seguir para o primeiro hotel que ele achasse. Era uma fortuna que eu iria pagar e todo o meu dinheiro que iria embora.

–Está perdida?

–Mais ou menos.

–Bom, chegamos. –Falou estacionando ao lado de um hotel caro demais para mim. Mas eu sabia que mais longe do que isso, eu dormiria na rua de qualquer jeito.

Contei o que me sobrou da corrida e desci do carro, acenei quando se afastou então tudo desabou. De novo. Meu celular estava descarregado, o dinheiro era pouco e eu estava sozinha. Eu precisava apenas de carga no celular para me manter, ou surtaria. Então entrei e implorei por isso para o garoto da recepção, ele disse que poderia manter o aparelho por apenas uma hora e depois eu teria de pega-lo. Me sentei do outro lado da rua abraçada ao meu joelho esperando o tempo passar.

Estava gritando por dentro e ninguém via isso. E fiquei ali por uma hora, Alex estava me fazendo falta a cada segundo que se passava e eu não queria gritar isso para todos, não sairia da forma mais normal de um ser humano se expressar.

Como em um passe de mágica o tempo fechou, encarei o céu por alguns segundos antes de me ajeitar e voltar andar. Poderia achar um lugar para dormir,

isso me faria economizar dinheiro, precisava voltar pra casa de qualquer jeito.

A chuva engrossou depois de alguns minutos que havia começado, me enfiei em uma cabine telefônica, não estava frio, um vento quente varria o espaço. Deixei uma mensagem para Ada, eu não queria preocupa-la e não conseguiria explicar meu ataque de pânico da noite passada. Fingir que estava tudo bem, estava ficando boa nisso a cada dia que se passava. Quando estava boa o bastante para encara-la, eu deixei a cabine e continuei a caminhar para algum lugar, acenei a todos os carros que passavam, mas os que paravam não pareciam boas pessoas então fingia pedir uma informação e voltava a caminhar.

Precisava de um banho, precisava dormir. Respirei fundo me sentando em um dos bancos em um ponto de ônibus protegido por um toldo. Eu desisto de tudo, foi o que disse em alto e bom tom quando analisei toda a minha situação. Eu chorei tudo o que tinha que chorar e perdi tudo o que descobri de mais precioso que tinha. Alex provavelmente acharia com facilidade uma mulher que o amasse de verdade. Ele tinha o dom de ser um cavalheiro, ele poderia tentar ser o pior homem da face da terra, mas não conseguiria.

Me arrependi por cada segundo precioso que perdi tentando me encontrar quando ele era o suficiente para eu viver o resto da droga da minha vida. Por toda ela, eu só vivi maravilhosamente bem com ele, sob a estrada. Na estrada, rindo, chorando e me apaixonando por cada detalhe dele, por sensações que eu nem sabia que existia. Eu estava completamente apaixonada por Alexander Lensen desde o primeiro dia que o vi.

Meus olhos estavam fixos em uma única direção esperando algum ônibus ou um carro decente para cidade quando avistei um vindo ao longe. Estava pensando seriamente em esperar um ônibus e não me decepcionar novamente com um olhar estranho que provavelmente viria do banco do motorista. Apertei as alças da mochila e esperei que se aproximasse e acenei.

A janela estava fechada, pensei em recuar quando ele parou.

—Eu perdi meu ônibus. —Minha voz estava tremula e um soluço involuntário escapou. —Eu preciso de uma carona até a cidade... eu estou perdida... —O vidro se abaixou lentamente, e todo meu corpo tremeu. Cada parte

dele, como se o chão estivesse sumindo embaixo dos meus pés e minha cabeça tivesse sendo comprimida.

Um formigamento subiu por meu rosto e as lágrimas estavam embaçando minhas vistas, as palavras se esforçavam para deixar minha boca. Eu estou sonhando, o clima está fazendo isso comigo porque estou vulnerável.

–Alex? –Soou como um sussurro.

Alex

Havia dezenas de ligações perdidas de Ada em meu celular. Eu sabia que não era uma alerta maternidade porque Ben prometeu que seria ele a ligar quando esse dia chegasse, e não podia falar com minha irmã agora. Não quando ela poderia me fazer mudar todos os meus planos. Minha decisão era manter a viagem, eu não queria realmente me manter dentro de um escritório, mesmo não sendo meu antigo escritório, seria a mesma coisa. Sempre é!

Passei o dia dirigindo, eu não parei. Por várias vezes peguei o celular e deixei seu número como chamada rápida não tive coragem de discar seu número e ouvir sua voz. Não queria me destruir assim novamente e ela estava tentando se encontrar – se ela se encontrou. Eu não poderia invadir a vida dela agora. Mesmo não sendo minha, ela era o que eu tinha de mais importante.

Já era manhã quando acordei com um guarda batendo no vidro do carro, peguei no sono sem perceber. Dirigi até um posto de gasolina voltando a rotina, banho em um banheiro escasso, café da manhã em uma loja de conveniência e voltar a estrada. Ir para lugar nenhum não era loucura, era se achar em algum lugar.

Havia parado duas vezes na estrada desde que o dia começou, um grupo

de turismo e um casal que estava fazendo corrida e provavelmente achariam alguma montanha para escalar. Eram ótimas pessoas por sinal, tentei me lembrar o quanto isso um dia havia me feito bem, parecia estranho agora, ter pessoas falantes o tempo todo. Fiz amizade em um posto de gasolina, parecia que o universo estava voltando as coisas para mim, mas da maneira errada. A garota loira sentada descontraidamente em uma das mesas da loja de conveniência tendo o mesmo objetivo que o meu.

Sophie.

Ela me deu um lugar a seu lado, tinha um sorriso fácil e tudo nela parecia feliz. Estava na estrada há poucas semanas e pretendida rodar o mundo, porquê a Austrália era só o começo. Eu sabia que ela queria uma carona mas não perguntei. Porque eu não queria outra pessoa fazendo essa viagem comigo, ela não estava perdida, ela não tinha segredos. Ela falaria a viagem toda, pararia em todos os pontos para tirar fotos e postar em alguma rede social. Ela não saberia aproveitar o silêncio, ela não estava perdida. A minha garota estava.

—Podemos nos ver por aí. —Havia uma pontada de tristeza em sua voz que abafei profundamente.

—Tenho certeza que sim.

Talvez se eu oferecesse, eu não estaria sozinho. Mas não era o objetivo? Eu não sabia mais o que pensar. Uma vez meu pai me disse que na Austrália não chovia, ele estava errado. Totalmente errado. Estacionei em um encostamento e fiquei ali até ela cessar observando os raios cortando o céu claro que em algumas horas ou minutos mostraria o tão famoso sol do país. Conferi minhas chamadas e mensagens e Ada parou de ligar, eu não sabia se isso me assustava ou me aliviava. Voltei a estrada mais rápido do que pensei que voltaria.

Parei de observar as placas, não pensava muito em que via pegar, apenas pegava uma e ia. Já havia sido uma manhã inteira e metade de uma tarde, as janelas estavam fechadas enquanto o ar-condicionado fazia seu serviço. Ao longe alguém acenou, eu não queria parar, tentaria ignorar isso e deixar pra lá mas estávamos no meio de uma estrada onde poucos carros passavam.

Fui desacelerando, antes mesmo que pudesse descer a janela e ouvi-la, aquela voz conseguiu penetrar o isolamento do carro. Falando sem parar, como fazia quando estava nervosa. Quando alguma coisa saía do lugar. Era como se meu corpo tivesse virado líquido, enquanto automaticamente a janela se abria. Aqueles olhos espantados, aquele jeito medroso, eu só podia estar sonhando.

–Sam?

Ela estava sorrindo, e chorando e olhando para todos os lados antes de se voltar a mim. Não é ela, ela não está aqui e minha cabeça está mexendo comigo. Apenas isso, é só isso, eu sei que é a forma mais fácil de tortura. Mas eu estava fora do carro em dois segundos, porque mesmo que fosse uma miragem, eu queria ver de perto. Estava sentindo de perto, quando seus braços foram parar em volta do meu pescoço. Desde quando ela tinha tanta força assim? Isso não importava, ela estava ali.

–Me diz que não estou sonhando?

–Por que você me deixou? –Choramingou em meu pescoço. –Meu Deus, por que não me esperou? Isso é real? Você não está em Londres. –Sussurrou a última parte para si mesma.

Queria esmagá-la em um abraço, mas eu não tinha forças. Era a sensação mais estranha que tive em toda a minha vida. Era a melhor sensação.

–Como chegou até aqui? –Afaguei seu cabelo, quando seu choro diminuiu. Deus, eu senti sua falta.

–Você sumiu. –Fungou. –E.. e não me atendia. Eu... eu estava pirando, eu pensei que nunca mais ia te ver de novo e que todos os nossos planos nunca iriam se realizar. Eu perdi contato... não sabia mais o que fazer. Estava com medo de tudo vir abaixo de novo. –Seus ombros balançavam enquanto as palavras eram atropeladas. –Ada me encontrou, eu juro que quase morri, não importava aonde você estivesse ou com quem estivesse. Eu iria atrás de você para dizer tudo o que não disse, porque sou uma idiota. –Engoliu seco. –Eu te

amo, te amo tanto que chega a doer. Não quero que me deixe, mesmo eu sendo uma louca sem rumo. Eu amo você e preciso de você e acho que Deus me ama muito porque eu perdi um ônibus, de novo.

Encarou o céu.

—Não tenho dinheiro suficiente, de novo, para me manter aqui porque achei que seria fácil te encontrar. Ada me deu a pior notícia de toda a minha vida noite passada e tudo o que pensava era que nunca mais o veria de novo, que você iria encontrar alguém que o ame de verdade e eu não seria mais nada depois. Todas as vezes que estou prestes a desistir, você está aqui de novo e dessa vez eu não quero deixa-lo ir...

—Eu pensei...

—Que eu voltaria pra minha vida? Eu estava prestes a começar uma, eu não poderia voltar atrás Alex. Ela não me quis. —Sua voz era magoada. —Eu te esperei e você não voltou. Então eu voltei pra casa vazia de novo, agora estou aqui... mesmo que não me queira mais, me deixe apenas ficar com você.

Meu coração estava batendo tão rápido que me sufocava, havia um sorriso rasgando meu rosto e eu não queria que isso soasse idiota, mas era a única coisa que eu sabia fazer. Não era um sonho, ela havia voltado pra mim.

—Deus, eu senti sua falta. —Esmaguei seus lábios nos meus. —Nunca, nunca mais me deixe fora da sua cabeça. Nunca mais, entendeu?

Assentiu.

—Eu preciso que me dê a certeza de quer ficar, eu não vou deixa-la se me disser que quer ficar.

—Eu quero ficar, aonde quer que esteja.

Respirei em seu cabelo, seu perfume que tanto me perturbou.

–Nunca mais vou deixa-la sair de perto de mim. Minha vida não faria mais sentido. Droga, eu te amo garota, e meus piores dias foram longe de você.

–Agora estou aqui.

–E não vai a lugar algum.

34

Samantha

Ele me disse: Eu te amo. Mais vezes do que meu cérebro havia computado um dia. Era a forma mais doce que meus ouvidos conseguiam se lembrar. Eu te amo. Repeti isso mentalmente, várias vezes, o tempo todo. Era como estar sonhando, estava esperando a hora que minha falta de sorte me jogasse na realidade. Ela estava sendo generosa, porque ele ainda estava ali. Ainda me olhava como se eu fosse a única coisa importante no mundo, seus dedos ainda estavam entrelaçados aos meus, meu coração ainda estava batendo alto demais para um batimento normal.

–Obrigado. –Agradeceu a recepcionista pegando a chave em sua mão. Mesmo tendo insistido para carregar minha própria bagagem. Alex fez questão de carrega-la.

Tentei ao máximo não encara-lo muito, ou veria o quanto eu estava sendo idiota. Por dentro, eu havia soltado mais fogos que todos os países juntos no Ano Novo. Eu estava saltando, batendo em minhas próprias paredes e gritando ao mundo o quanto eu era a mulher mais feliz de toda a terra.

Nosso quarto era um dos primeiros, eu pensei muito em um quarto antes de vê-lo novamente. Agora estava obrigando meu corpo a aguentar o máximo de tempo possível, como se estar acordada me ajudasse a ficar na ilusão que criei ao redor de mim e que seu dormisse, correria o risco de perder tudo isso. Sem soltar minha mão, nossas coisas foram postas no chão ao lado da porta, então pega de surpresa, Alex me pegou no colo me assustando. Depositou um beijo em minha testa e sorriu contra a mesma fazendo borboletas ganhar vida em meu estomago.

–O que está fazendo?

–Treinando nossa entrada.

–Que entrada?

Meu corpo deslizou sobre o seu e meus pés estavam novamente em solo firme, suas mãos se fecharam ao redor do meu rosto e seus olhos estavam brilhando. Alex agora era um livro aberto para mim, como se não houvesse medo de me dizer algo. Perdi muito tempo, porque isso é maravilhoso.

–Acho que não quero correr os riscos de perde-la novamente. Então eu quero me casar com você na primeira igreja, capela, santo o que for que aparecer em nossa frente. Eu não me importo, apenas quero acordar todas as manhãs e ver que não corremos o risco de nos perdemos novamente. Eu me preparei para isso contáveis vezes, não era um pedido de casamento ainda, mas quem se importa se eu quase pirei longe de você.

Sorri.

–Eu quero te dar meu nome, uma casa em qualquer lugar, pode ser na estrada. Nossos filhos e qualquer bicho de estimação que eles queiram ter. Eu não quero regras, não quero isolamento. Quero olhar para esses olhos todos os dias e vê que estou fazendo a coisa certa. Que sou capaz de fazer a mulher da minha vida feliz. Só quero ficar com você, pelo máximo de tempo possível e como sei que Deus me ama muito esse tempo será para sempre.

Controlei minhas lágrimas, senti meu estomago se revirando e minhas pernas tremendo. Não é um sonho Samantha, é real.

–Quer se casar comigo?

Assenti.

–Quero ouvi-la. – Seus braços me puxaram para cima fazendo minhas pernas irem de encontro a sua cintura. Alex me carregava como se eu não pesasse nada.

–Sim. Eu quero me casar com você, quero ter quantos filhos pudermos ter.–Sorri. –Quero continuar na estrada, quero ia onde quer que esteja. Contanto que seja com você, eu prometo ser a melhor esposa desse mundo e te amar pelo sempre que Deus irá nos dar. –Sorri. –Eu quero ficar com você, Alex. Essa é a única certeza que tenho na vida agora.

Fechei os olhos quando nos girou no meio do quarto. Sua boca estava na minha antes mesmo que eu pudesse protestar, minhas costas repousando contra o colchão e sua mão escovando meu cabelo para longe do meu rosto, eu não conseguia tirar o sorriso do meu rosto. Eu não conseguia pensar.

–Você é a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Eu tentei ao máximo não ser um idiota o tempo todo, acho que consegui.

–O melhor idiota que já conheci. –Afaguei seu cabelo. –Eu senti a sua falta, todos os dias. E eu não sei explicar o que estou sentindo..., mas eu preciso de você.

Seu corpo se virou me deixando no controle, suas mãos agilmente se livrando de tudo o que nos impedia de sentir pele a pele. Era gentil, como me lembrava. Não havia um pinga de vergonha em mim, e apesar de tudo, eu pensei que sentiria. Ele sorriu depois de me olhar de cima a baixo e me puxar para ele novamente, suas mãos agora afagando meu cabelo, me puxando cada vez mais perto. Como se fosse possível. Então ele estava no controle novamente, sem deixar meus lábios o vi se livrar do que ainda me vestia antes de se livrar de suas

roupas.

Seus beijos começaram por minha coxa, brincando nas laterais e voltando ao seu caminho. Cada terminação nervosa do meu corpo respondia de volta, Alex depositou um beijo em minha barriga demorado e molhado antes de subir, lenta e perigosa antes da minha boca novamente. Beijou meus olhos, minha testa e me encarou, aqueles olhos profundos que não precisava de muito para me fazer me perder em algum lugar no espaço de tempo.

Me apertei contra ele, sentindo toda a carga que ambos estavam guardando a tempos. Eu não queria mais esperar, ele sabia disso e se divertia com isso. O puxei para mim o beijando com força, implorando, até senti-lo me completando novamente. Meu corpo se perdeu entre o lençol e me senti pequena embaixo dele. Suas mãos firmes me segurando, eu não iria a lugar algum. Ele estava ali.

Não consegui conter os sons que escapavam de meu peito, isso parecia fazê-lo ficar mais fora da terra e investir contra mim. Seus braços ao meu redor, seus lábios brincando em meu pescoço, sua respiração, seu coração batendo com o meu. Eu não poderia estar no melhor lugar, ter as melhores sensações. Como se um buraco tivesse se aberto embaixo de mim, eu caio. Sentindo minha respiração se perder também, apenas o sentindo.

Alex me beijou uma, duas vezes enquanto meu mundo ia se reconstruindo. Seu corpo ainda sobre mim, seus lábios descendo por meu pescoço, até encontrar meu alvo mais próximo de sensibilidade. Seus lábios deslizavam no vão em meu peito, antes de respirar contra eles e se fechar ao redor de cada um. Minhas mãos se fecharam em seu cabelo e grunhi, minha voz não passava de um rouco. Estava chegando ao meu limite mais uma vez, tão rápido quanto achei possível. Eu estava acostumada a apenas receber e Alex gostava disso, ele queria me dar isso, mas antes que eu chegasse lá, o senti novamente preenchendo minhas estruturas.

Sua respiração em meu pescoço, sua mão fechada contra meu cabelo, enquanto a outra mantinha minha mão presa acima de minha cabeça. Senti seus impulsos, lentos, senti suas ondulações, sua voz rouca em meu ouvido me chamando. Eu sabia o que ele queria, eu lhe daria isso, acompanhei seus

impulsos. Uma, duas, três vezes antes de perder novamente. Junto com ele dessa vez, deslizando em algum lugar, apenas sentindo seu corpo firme contra o meu e sua respiração acelerada. Tudo o que conseguia fazer, era sorrir. Ele estava ali e pertencíamos um ao outro agora.

35

Alex

Ela dormiu, seus braços relaxaram um pouco depois que o sono a tomou profundamente, aninhada em meu peito, respirando lentamente como desejei todos os dias da minha vida desde que a deixei. Eu não queria que ela me visse chorando, não era nada relacionado a machismo e ego, Sam era tão sensível que eu sabia que um simples ato causaria muitas reações em minha garota. Ela não precisava saber que por dentro eu chorei o tempo todo desde que a vi novamente. Que eu poderia parar o mundo apenas para dizer isso as pessoas. Foi uma longa caminhada sozinho até ela.

Eu não saberia dizer o quanto me assusta saber como a vida é, que existe a parte fatal que é naturalmente necessária e que existe acontecimentos. Ela não precisava saber que eu tinha medo de perde-la, seja pelo que for então tê-la ali já me fazia chorar porque ela voltou. Eu não sou um cara de sorte diante disso

tudo, eu não chamo de sorte.

Peguei no sono em algum momento, quando acordei Sam estava me encarando, sentada na cama. Os cabelos estavam para todos os lados terminando ao redor de seu rosto pequeno. Ela abriu um sorriso e deslizou as mãos por meu peito antes de se abaixar e beijar minha testa.

–Bom dia.

–Bom dia senhora, Lansen.

Sorriu.

–Como dormiu?

–Perfeitamente bem.

–Com fome?

–Tem um ser aqui dentro devorando meu estomago.

–Podemos descer e tomar café.

–Depois que eu tomar um banho. –Falou se levantando, enrolada no lençol. –O que eu ia fazer agora.

O puxei e ela sorriu para mim.

–Companhia?

–Vai se lembrar de que estou com fome? –Perguntou de lado.

–Podemos dar um jeito nisso. –Me arrastei da cama alcançando e a jogando em meu ombro.

Nosso banho demorou um pouco mais do que o previsto. Assim que descemos para o restaurante fizemos nossos pedidos, Sam comia quase envergonhada por estar no meio de todas aquelas pessoas. Ela iria perder isso com o tempo, conseguir estar perto das pessoas que ela não conhecia, não era necessariamente se socializar. Era mais, poder estar em um lugar como todo mundo. Passei tempo demais a observando e me esquecendo de tomar meu café que já estava frio. Gostava de observar cada detalhe que ela possuía, eram os detalhes mais lindos que já vi.

Sam pertencia a minha nova vida, então eu não podia me achar horrível por dizer que ela era tudo para mim. Ela está aqui e eu precisava viver por ela agora. Ada ligou e encaramos o celular sobre a mesa, Sam o pegou, mas me encarou como uma permissão para atendê-lo e assenti.

–Alo. –Ela sorriu. –Sim sou eu. Por Deus, Ada, respire.

Sorri estendendo a mão para o aparelho.

–Eu espero que esteja pensando em meu sobrinho, então respire garota.

–Como assim? ALEXANDER! POR QUE NÃO ME LIGOU? ELA ESTÁ COM VOCE? EU VOU MATA-LOS! MEU DEUS! ELA TE ACHOU? VOCE ACHOU ELA? VOCE NÃO IA PARA LONDRES?

Demos algum tempo a ela até eu conseguir falar. Ada estava chorando novamente e era missão de Ben fazê-la parar em algum momento. Passamos horas falando depois que voltamos ao quarto, Sam a ajudava contar a história e depois imaginei minha irmã soltando corações pelos olhos. Foi uma luta fazê-la desligar e prometemos voltar antes do bebê nascer.

Sam ficou sentada na cama encarando as mãos com um sorriso bobo, ela sempre ficava assim quando via alguém feliz, ela absorvia isso. O tempo todo. Me sentei no chão a sua frente, seus olhos estavam em mim agora.

–Tudo bem?

Assentiu.

–O que está pensando?

–Um monte de coisa, e feliz. Ada é feliz.

–Ela achou um louco para aguenta-la.

–Alex!

–Você sabe. –Sorri. –Eu fico feliz por ela, eu tinha medo do quanto ela fosse depender de mim. Ela está bem. Só um pouco sensível por causa da gravidez.

–Ela quer nos ver, aquilo foi um ultimato.

–Da forma mais doce. –A beijei.

–Eu acho que podemos ir... e depois voltamos.

–Por mim tudo bem. Será uma volta memorável.

Me encarou.

–Por que?

–Você está comigo. E estará para sempre. Ada vai gostar disso. – Beijei as palmas de suas mãos.

E eu muito mais.

Samantha

Alex precisava voltar e devolver o carro, mas deixamos isso para mais tarde. Ele me levou para conhecer os pequenos lugares incríveis, e falamos tanto sobre nós mesmos que me perguntei porque não falamos tanto assim antes? Eu gostava de olhar para as pessoas passando por nós e mostrar que éramos um casal. Era a coisa mais idiota que uma pessoa da minha idade poderia fazer, mas isso era incrível.

Seus dedos nos meus, seu olhar, seu jeito de falar. Até a forma como sorria, era para mim. E isso não era nada parecido com nosso primeiro encontro. Voltamos ao hotel pouco antes das cinco, Alex me deixou e precisou sair para resolver algumas coisas que havia reservado. Aproveitei esse tempo para ligar para casa e dizer que estava tudo bem, meu pai parecia um pouco empolgado demais com as novidades. Eu gostava de saber disso, gostava de saber que ele

estava feliz por mim.

–Comprei nossas passagens. –Avisou entrando no quarto. –O taxi vai estar nos esperando depois do jantar.

Deslizei para onde estava.

–Eu senti sua falta. –Beijou minha testa.

–Você vai se enjoar de mim um dia. –Avisei. –E vou sentir falta disso, então podemos dosar esses momentos.

–Não. –Apertou minha cintura. –Eu não vou me cansar. Isso é uma promessa.

–Eu falei com o meu pai, ele parece feliz. De um jeito feliz demais.

Alex sorriu me soltando e indo para sua mala.

–Se fosse outro, provavelmente te mandaria procurar um cara menos idiota para se apaixonar. Ele gosta de mim então.

–Sim, ele gosta. E ele sabe que te amo, então ele aceitaria até se você fosse o pior homem do mundo. Ele só quer me ver bem.

–Eu sou grato por isso. –Estendeu a mão. –Ele me deu um belo presente.

–Não podemos nos atrasar. –Avisei.

–Não vamos, eu prometo. Pensei que estaria afim de um banho a dois.

–Da última vez...

–Eu senti falta da última vez. –Mordeu minha orelha. –Estaremos a

tempo.

Descemos atrasados para o jantar, eu não conseguia conter meu riso quando todos os olhares estavam em nós dois. Como se estivesse óbvio o que fizemos, Alex pediu pratos leves, o tempo todo ele direcionava seu olhar para mim e fazia perguntas aleatórias. Isso estava começando a parecer comum.

–Quer me dizer alguma coisa? –Perguntei em algum momento quando o peguei sorrindo dentro do carro.

–Eu amo você.

–Algo que não seja isso.

Silenciosamente, depositou um beijo em meu pescoço. – Eu amo você. – Sussurrou.

Ele me ama.

Corremos para não perder nosso voo, me encolhi em meu lugar, Alex se sentou a meu lado ignorando a mulher que o encarava curiosa. Ele apenas sorriu e se virou para mim, eu diria que aquilo era fada de educação em outras circunstâncias. Não nessa. Voltamos a conversar, precisei me segurar para não rir alto em alguns momentos com a nova versão altamente idiota de Alex. E foi breve até pegar no sono, chegaríamos em algum momento do dia, eu não tinha pressa.

Minhas costas estavam em protesto quando acordei. Alex estava dormindo totalmente virado para mim como se tivesse passado um longo tempo tentando se esquivar de nossa parceira ao lado. Me mexi apenas por um segundo e seus olhos se abriram, um sorriso preguiçoso brincou em seus lábios e seus dedos se fecharam contra os meus, como se dissesse bom dia. Mesmo dizendo que não precisava, ele me levou até o banheiro e no segundo em que pensei que apenas me esperaria do outro lado, ele estava dentro do minúsculo espaço me erguendo contra a pequena pia.

–Está ficando louco? –Perguntei tentando pará-lo.

–Eu estou cansado daquela poltrona. E tive um maravilhoso sonho, só queria ter um pouco dele agora.

–Se demorarmos mais do que cinco minutos aqui, irão nos arrancar daqui de dentro. –Sorri.

–Eles não vão dar por nossa falta, e essa pode ser uma experiência única.

Alex havia corrompido o meu cérebro me levando a fazer coisas que nunca pensei que faria na vida. Como transar em um minúsculo banheiro de avião, precisei de um bom tempo para me recuperar enquanto ele me ajudava com um sorriso triunfante em seus lábios ajeitando meu cabelo e meu vestido. Beijou minha testa e saiu primeiro estendendo a mão e me esperando pega-la.

Parecia que estávamos segurando uma placa em neon revelando o que fizemos quando voltamos ao nosso lugar. O resto da viagem foi silenciosa, era começo de tarde quando pousamos. Alex estava mais animado por estar em casa, mais do que achei possível presenciar.

–Eu acho que deveria ligar para o meu pai. –Falei quando pegamos um taxi.

–Quer ir para casa? –Me encarou.

–Tecnicamente você não tem mais uma, segundo Ada. E você pode ficar com ela, são três horas até minha casa.

Alex passou o braço por meu pescoço enfiando o nariz em meu cabelo.

–Três horas é muito tempo, e não tenho planos para morar com a minha irmã. Não agora pelo menos, então até o fim do dia teremos uma situação resolvida.

–Você pode ficar na minha casa então. Meu pai vai gostar de você.

–Eu tenho certeza que vai, mas não vou morar na casa dele. Certo?

Assenti.

Tínhamos um quarto reservado em um dos hotéis no centro da cidade. Alex ligou para Ada, mas passou um longo tempo falando com Ben algum assunto de homens. Aproveitei esse tempo para tomar um banho de verdade e fazer tudo o que deveria ter feito em no máximo uma semana. A porta do banheiro foi aberta e vi seu sorriso surgir do outro lado do box.

–Vamos sair. –Avisou se encostando na parede. –Ben e Ada estão nos esperando.

–Algum almoço em família ou algo assim?

–Mais ou menos, mas acho que vamos ter que estar apresentáveis.

O encarei.

–Você conheceu o suficiente da minha irmã para saber que se ela resolve criar uma festa ou coisa e tal, ela faz essas merdas de todo mundo caracterizado.

–É bem a cara dela. Quanto tempo até essa reunião de família?

–Uma hora. Eu vou sair primeiro porque pediu minha ajuda para levar alguma coisa para o jardim da casa nova. Se importa de seguir minha irmã?

Ada não poderia dirigir, então contava com um taxi. Alex não tentou nada no nosso banho em conjunto. Assim que deixou o quarto minutos mais tarde, senti um vazio estranho até Ada chegar. Ela parecia duas vezes maior do que a última vez que a vi, ela estava com aquela enorme barriga redonda como se fosse explodir a qualquer momento e seu abraço, ela conseguia ter o abraço mais sufocante do que Alex poderia ser capaz de me dar.

–Eu vou querer saber todos os detalhes, eu não vou aceitar uma simplificação de tudo isso. –Tagarelou.

–Eu prometo contar. –Abri minha mala. –Então, vamos comemorar o que?

–A volta de vocês, o quase nascimento do meu bebê e a casa nova.

–Então, realmente se mudaram?

–Sim, eu acho que não posso morar com a minha tia para sempre. Alex também não queria isso, é hora de ser responsável eu vou ser mãe, sabe?

–Devo imaginar. O que visto?

Ada se aproximou com uma sacola.

–Eu imaginei que roupas de camping não seriam apresentáveis e como já a conheço, sei o quanto ficaria desconfortável. Eu trouxe isso, um presente na verdade.

–Não precisava...

–Eu descobri nas compras, a minha paz. Foi de coração.

Era um vestido branco rendado com flores aqui e ali, ficou bem em mim. Suas mãos gordas estavam em meu cabelo, trançando uma pequena mecha ao lado da cabeça. Ada estava incrivelmente bonita então não falei nada quando ela cismou em me deixar bonita também.

–Eu acho que estamos prontas. –Falou. –Alex deve estar dizendo para os quatro cantos do mundo que te sequestei. –Se afastou pegando sua pequena bolsa.

Era provável que ele estivesse pensando isso mesmo. Havia um taxi nos esperando, Ada falou bem pouco sobre a casa nova, estava mais interessada em como havíamos passados os dias depois de nos encontrarmos e tentei ser o mais objetiva possível. Era engraçado ver a empolgação em seus olhos, isso me deixava bem. Como se tudo o que estava fazendo, fosse a coisa certa e por muito tempo na minha vida eu pensei estar fazendo a coisa errada.

Quinze minutos depois estávamos entrando em uma rua sem saída, Ada sorriu para mim mais largo dessa vez enquanto o carro se aproximava da última casa. Havia flores decorando o portão, e elas se pareciam com as flores em meu vestido. Duas crianças acenaram e correram para dentro. Eu queria perguntar que tipo de festa Ada poderia dar para ter toda essa organização, mas o taxi parou e desajeitadamente, ela deixou seu lado no banco.

–Pai? –Minha surpresa estava um pouco maior quando vi meu pai sorrindo para mim parado no lugar onde antes ocupou duas crianças.

A última vez que vi meu pai de terno, foi uma apresentação da escola onde ele era o único pai de terno. Ele queria parecer alguém importante para mim e isso me causou lagrimas a semana toda, porque vi o quão humilde ele era e o quão bom ele queria que as pessoas vissem que ele era para mim.

Ada se aproximou beijando minha bochecha e seguindo como um pato a minha frente. Senti minhas mãos suando até conseguir deixar o lugar onde estava e dar alguns passos aonde meu pai estava. Meu olhar seguiu para o caminho florido até ele. Era como se todo o peso do meu corpo tivesse ido para um único lugar e eu não sabia como lidar com isso. Alex estava a alguns metros, Ben encontrou Ada no meio do caminho e acenou para mim rapidamente. Dora estava ali também, estavam todos ali, estavam todos me encarando.

–Pai?

–Hoje é o seu dia querida. –Sorriu afagando meu rosto. –Ele é um bom rapaz.

–Dia de que? – Eu sabia que dia era, mas eu queria ouvir de alguém.

–Dia de ser feliz de verdade.

Uma música começou a tocar de fundo, não era a famosa música que se ouvia em todos os casamentos. Era diferente, como ele prometeu que seria. Tentei não deixar nenhuma lagrima cair, tentei não tropeçar nos próprios pés e nem perceber todas aquelas pessoas ali e não eram muitas. Tentei não rir descontroladamente, não era um sonho, tentei não esquecer isso também.

A distância foi diminuindo, até ser apenas nós dois. Minha mão estava tremula quando peguei a sua e ele ainda tinha aquele sorriso vitorioso em seus lábios. Eu queria perguntar como ele ousou me enganar e quanto tempo ele pensou nisso tudo. Mas as palavras e o momento não me permitiam isso.

–Você está linda. –Sussurrou depois de depositar um beijo em minha bochecha.

Respirei fundo.

–Você me enganou.

–Precisei ser preciso. –Deixou uma leve risada escapar.

Era como se nada entrasse no meu cérebro enquanto as palavras eram ditas pelo juiz de paz. Eu sei que houve um pequeno discurso antes de começar os votos, mas eu realmente estava pensando aonde estive todo esse tempo. Eu queria rir da situação, porque ainda não acreditava que estava prestes a ser uma parte dele por um “para sempre” nosso. Eu o ouvi e repeti cada frase, de maneira que me obrigava a acreditar em todas as suas promessas, eram reais para ele e ele se esforçaria para ser reais para mim. Pensei que não conseguiria fazer a minha parte.

Esse momento no passado me doeu mais do que eu poderia imaginar doer um dia, e jurei não o deixar se repetir, em parte ele sabia disso. Era mais fácil fazê-lo sozinho do que me anunciar. Porque eu teria medo e me enxeria de

perguntas que provavelmente não nos levaria a lugar algum. Era isso que eu amava em Alex, eu não sabia até quando essa ação duraria, mas seria sempre eu, depois ele. Seria sempre o que eu vou pensar, como vou reagir. Ele sempre me dar as possibilidades. Ele sempre me diz o quanto eu posso e que se alguma coisa acontecer agora, a culpa não foi minha e se aconteceu no passado não quer dizer que pode se repetir no futuro.

Eu nunca tive tanta liberdade como ele me dá. Nunca me senti tão bem e suficiente como ele me faz sentir. Era loucura tudo desde o começo? Sim, ambos sabíamos disso. Ele foi a minha carona, ele era o cara preso no passado ao mesmo tempo livre. Ele foi meu melhor amigo antes de tudo, foi o único que me mostrou que posso seguir em frente sem pensar duas vezes no que me fez parar no meio do caminho. As chances de voltar ao fundo do poço eram tão grandes que me assustava se ele não tivesse me dito tanta coisa. Se não tivesse me dado opções.

Então não era loucura estar perdidamente apaixonada pelo meu carona, pelo cara que encontrei na estrada quando eu mal sabia o queria para mim mesma. Que poderia ter me dito para voltar para casa ao invés de me levar ao desconhecido que até eu mesma temia. Não era loucura nenhuma, em nenhum momento foi.

—Sim, aceito. —Eu acho que não esperamos a benção final. Acho que esquecemos realmente aonde estávamos.

Alex havia me tirado o chão, seus braços em volta da minha cintura e me beijou. Como se não tivéssemos feito isso tantas vezes no dia. Era tudo novo, e estranho isso. Cada detalhe parecia novo.

—Eu amo você. E agora é para sempre.

—Você não existe. — As lágrimas vieram.

—Existo, e vou te mostrar isso todos os dias.

O abracei. Alex fez sinal de positivo ao meu pai antes de segurar minha

mão. Agora era para sempre. Agora era nós dois.

Alex

Meu pai me disse uma vez, que encontramos várias mulheres da nossa vida até acharmos a certa. Eu não queria olhar para trás e dizer que não encontrei um certo parecido, eu encontrei uma mulher que esteve do meu lado por muito tempo. Que segurou minha mão nas horas difíceis, que não me deixou desistir quanto tudo o que eu queria, era jogar tudo para o alto. Eu conheci alguém que amei mais do que minha própria vida, ela foi o suficiente para mim. Até a vida deixa-la, mas eu ainda tinha a minha e superei.

Não esperava que de uma hora para outra cairia uma novidade em meu colo. Nunca fui o tipo de cara que insiste em algo, mas, eu queria insistir com ela. De tal maneira que me odiei olhando para o meu passado. Por que ela? Meu pai também me disse que a mulher da nossa vida nos confunde. Era isso. A mulher da minha vida ainda não havia aparecido e talvez, nunca apareceria se não fosse o acaso. O melhor acaso que poderia acontecer.

Eu pensei em todas as formas de loucura quando Sam voltou, eu pensei em sua mente vulnerável. Eu a queria para mim, não como posse, a queria comigo. Do meu lado para o todo sempre. Ada surtou com a ideia que não pensei que viria de mim, mas eu estava sendo movido por ela. E era a primeira vez que me vi obrigado a confiar em minha irmã, fazer com que Sam não desconfiasse de nada. Voltar para casa ao lado dela, ver a surpresa em seus olhos, eu tinha medo do quanto isso poderia assusta-la. Mas ela não se assustou.

Nem na hora do sim, quando achei que ganharia um não. Era como se todo o ar voltasse aos meus pulmões. Só precisava de um sim.

–Você conseguiu me enganar. –Sussurrou contra meu pescoço. Estávamos em nossa segunda dança.

–Ada me ajudou, Dora também. E seu pai, ele me disse para cuidar de você, que era a coisa mais valiosa que ele tinha.

Ela sorriu me encarando.

–Apesar de ser uma enorme surpresa, foi a melhor surpresa. Com todo o dia agitado.

–Quer saber para onde vamos?

Me encarou, uma ruga se formando em sua testa.

–Austrália?

–Digamos que a agencia de viagem de Ben estava com uma promoção, e ele não podia viajar por causa do bebê. É o nosso presente de casamento.

–Espero que gostem da Tailândia. –Ada a puxou.

–Eu ia contar, Ada.

–Enrolou demais irmãozinho. – Piscou um sorriso.

–Tailândia? Sério?

–Sim. Amanhã à tarde.

–Espero que se divirtam. –Ada cantarolou.

Dispensamos os discursos, Sam tinha vergonha o suficiente para fazer isso e eu já havia dito tudo o que ela merecia saber. A viagem, o casamento,

todas aquelas pessoas nos mostraram o quanto precisávamos de algumas horas de sono, então nos despedimos rumando para o hotel. Sam não parou de falar sobre a Tailândia, divagando. Eu gostei dessa versão falante.

–Tailândia! – Riu batendo na testa.

–Você fica tão... incrível falando Tailândia.

Ela sorriu jogando a cabeça para trás, fazendo meu corpo ganhar pequenas vibrações. A puxei para os meus braços.

–Agora é oficial, vou acordar todos os dias ao seu lado. – Beije seu pescoço.

–Vai ser mais fácil se acostumar com minhas esquisitices. –Sorriu.

–Eu já estou acostumado. –Bateu em meu braço. –Gosto de cada pequeno defeito que possuí.

Me abraçou.

–Eu disse que quando o encontrasse novamente, deixaria todo o meu passado para trás. Eu tive minha última conversa com Dave, minha última conversa com Beatriz e todas as pessoas esnobes que conheci quando os conhecia. Eu tenho você agora, e vou começar a viver. Vou acordar todos os dias e olhar para o homem que eu amo, vou rir dos clichês. Eu vou ser melhor, Alex. Você me faz melhor.

–Você sempre foi boa, isso é você. E agora tem a mim, e temos planos, muitos planos na estrada.

–Annabel–Se afastou tirando o vestido pela cabeça apresentando um conjunto de renda branco.

A encarei.

–É o nome da nossa primeira filha. Vai ser Annabel.

–Por que?

–Era o nome que meu pai escolheu para mim e infelizmente foi ignorado. Ele me chamou de Annabel até os três anos. – Riu. – Vai ser por ele.

Sorri.

–Tudo bem. –Chutei meus sapatos. –Será nossa pequena Anna ou Bel.–A beije. – Podemos providencia-la agora.

Sua risada era o som mais fantástico do mundo.

–Está pronto para isso agora?

–Sou um homem preparado.

Samantha

Passei o dia seguinte com meu pai. Ele estava bem, ele tinha um brilho nos olhos. Dora prometeu cuidar dele até eu voltar, e eu não sabia quando voltaria. Alex e ele conversaram sobre futebol e coisas de homens que ele nunca conseguiu falar comigo. Meu pai estava feliz, muito feliz.

Nosso voo saiu pouco antes das cinco, havia um frio instalado em minha barriga e não adiantava disfarçar, estava nervosa. Alex tirou fotos minhas enquanto eu dormia, falava, comia. Havia muita foto minha em suas câmeras.

–Vamos chegar e ir direto para um hotel.

–E depois?

–Estava vendo umas casas, em lugares turísticos e bem baratas. Se você quiser.

–Pode ser. Vamos ver todos aqueles animais que passam na TV? –Soou infantil, mas minha imaginação era fértil demais.

–Vamos. –Sorriu.

Foram longas horas, nenhuma posição me agrava até que Alex me acordou avisando que estávamos pousando. O frio na barriga voltou e toda a empolgação estava de volta, seus dedos se enrolaram com os meus e seguimos o fluxo de saída até nossas malas. Em pouco tempo conseguimos um taxi e seguimos para o hotel.

Era tudo diferente, era incrível. Realmente exótico, Alex sorriu com meu contentamento. Estávamos começando, em um lugar diferente agora. Era totalmente diferente do que pensei que poderia acontecer na minha vida. Provavelmente estaria em algum escritório trabalhando por horas e depois voltaria para casa e teria o resto do dia automático. Nunca foi algo que sonhei e alguns males vem para o bem.

–Pronta? –Perguntou beijando meu cabelo.

–Pronta.

–Bem-vinda a Tailândia.

Dois meses, estávamos há dois meses em uma pequena cidade no norte da Tailândia. Alex conseguiu um carro, no começo era apenas para nos locomover de cidade a cidade, até encontrarmos um vilarejo com pouco mais de quinhentos habitantes. Noventa por cento eram crianças que se encantavam com ele, Alex tinha o dom.

Passei a ajuda-lo com as viagens até a cidade mais próxima, em troca ganhamos uma pequena casa para ficar. Já havia deixado de lado repelentes ou qualquer coisa que parecia diferente para eles. Aprendi a falar como eles, era estranho, estávamos deixando tudo para trás, mas eu estava feliz. O bebê de Ada havia nascido, eu pensei que ela nos culparia, mas pelo contrário ela gritou suas emoções e nos deu como padrinhos. Apesar de morrer de saudades, ela estava feliz por nós.

Alex me deixou ir até a cidade, ele me deixou dirigir depois de muito protesto. Uma semana antes quando estávamos na cidade, fui arrastada para o meio de um grupo de dança. Ganhei um colar de flores amarelas e brancas, as moças cantavam e riam. Quando voltamos para casa no mesmo dia, algumas moças me deixaram presentes. Alex não entendeu, muito menos eu, mas aceitei mesmo assim. Passamos o resto da semana tentando entende-las até que eu entendi, até alguém me explicar na verdade. Então eu precisei ir até a cidade.

–Mais um. –Falou ao me ver entrando em casa. Alex segurava um barco

com conchinhas.

Me aproximei pegando o barco de sua mão e analisando os detalhes, então segurei sua mão e o puxei para a cama comigo deixando a porta bater atrás de nós.

–Elas só estão felizes. – Expliquei.

Alex riu me puxando para o seu colo.

–E por que não ganho nada?

–Porque não são para mim. –O encarei. Uma ruga se formou em sua testa.

–Não?

Neguei.

–E para quem são?

Segurei sua mão a deslizando para minha barriga. Alex demorou alguns segundos para entender o que eu queria dizer antes que meus olhos se enchessem de lágrimas.

–Você está...

Assenti.

–Ah meu Deus. Vamos ter...

–Um bebê. Eu... eu não sei como elas sabiam, mas vamos ter um bebê.

–Um bebê? –Perguntou mais para ter certeza, sua mão pressionando

minha barriga.

–Sim, eu fiz o exame e esperei pacientemente toda a manhã. Vamos ter um bebê e eu não sei o que pensar.

Alex estava ficando meio verde e pensei em chamar ajuda até vê-lo voltar ao normal. Um sorriso crescendo em seus lábios. Seus braços me envolveram.

–Eu... vou ser pai. Isso. –Comemorou. –Esse é o melhor dia da minha vida. Eu juro que é. Vamos a cidade e depois vamos ligar para Ada. Acho que é hora de voltar para casa.

–Não vamos mudar nenhum plano.

–Não vamos. –Me beijou. –Só vamos ter nove meses como pessoas normais–Sorriu contra minha boca. –E depois, vamos mostrar a nossa princesa o que é ter uma viagem mais divertida que a Disney.

–Nove meses.

–Nove meses.

Era isso, teríamos nove meses, até uma nova jornada até estarmos novamente aonde nascemos para estar. Na estrada.

Fim!

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos que me apoiaram e me apoiam nessa jornada que é dividir meus vários mundos com vocês. Obrigada de coração, do wattpad até aqui.

Leiam também : Esposa de Mentirinha e Vidas Cruzadas se você gostou de Na Estrada amará mais uma historia divertida e apaixonante.

Grupo no Facebook : Dm.pag

Dm.Pager